

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**Maria Paula Pinto dos Santos Belcavello**

**CINEMAQUINAÇÃO  
ENTRE MONTANHAS E VALE, UM SOBREVIVO**

**Juiz de Fora  
2017**

**Maria Paula Pinto dos Santos Belcavello**

**CINEMAQUINAÇÃO  
ENTRE MONTANHAS E VALE, UM SOBREVIVO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, linha de pesquisa: Linguagem, Conhecimento e Formação de Professores, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação.

Margareth Aparecida Sacramento Rotondo – **Orientadora**

**Juiz de Fora  
2017**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Belcavello, Maria Paula Pinto dos Santos .  
cinemaquinação : entre montanhas e vale, um sobrevoo / Maria Paula Pinto dos Santos Belcavello. -- 2017.  
84 f. : il.

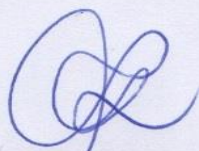
Orientadora: Margareth Aparecida Sacramento Rotondo  
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2017.

1. experimentação. 2. (n-1). 3. cinema. 4. educação. I. Rotondo, Margareth Aparecida Sacramento, orient. II. Título.

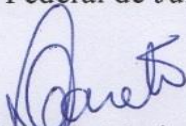
MARIA PAULA PINTO DOS SANTOS BELCAVELLO

**CINEMAQUINAÇÃO: ENTRE MONTANHAS E VALE, UM SOBREVIVO**

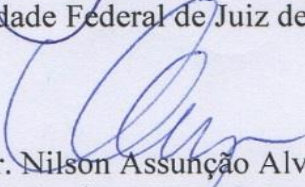
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, pela seguinte banca examinadora:



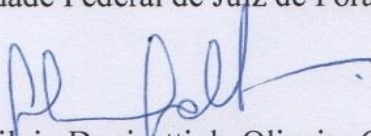
Dr.<sup>a</sup> Margareth Aparecida Sacramento Rotondo – Orientadora  
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE  
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF



Dr.<sup>a</sup> Sônia Maria Clareto  
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE  
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF



Dr. Nilson Assunção Alvarenga  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGCOM  
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF



Dr. Silvio Donizetti de Oliveira Gallo  
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE  
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Juiz de Fora, 27 de março de 2017.

## RESUMO

Este trabalho se revela como um exercício cartográfico de experimentação com outros modos de produção de vida, de mundo, de educação. O cinema, a imagem-arte cinematográfica, entra no jogo como dispositivo-disparador de escrita, de leitura e de estar com a pesquisa. *Entre* uma cena e outra, traça diferentes linhas desta composição. Na indefinição de um método a seguir, um corpo-professor-pesquisador arrisca-se a caminhar no *intermezzo* da pesquisa, *entre* acontecimentos. Questões desenham os contornos de um possível mapa: **O que se propõe?** Cartografar as produções de vida que se *reinventam* junto ao Mutirão da Meninada do Vale Verde. Experimentar e cartografar as movimentações, os processos de produção de subjetividade e a educação que se faz em um vale. Dar a pensar modos outros de compor uma educação nos diversos territórios existenciais. **O que se dispõe?** Acompanhar os processos de produção de subjetividade nesse exercício de oficinas com essas vidas que se *reinventam* no Vale Verde. Capturar os efeitos produzidos com os encontros. **O que se compõe?** Produção com os afetos e efeitos das vibrações experimentadas junto ao mutirão. Um mapa intensivo de uma viagem experimentada no mesmo e em outros territórios. Um desejo que escapa à procura de respostas. Invenção de problemas! Abrir-se ao encontro. Encontrar-se em devir. Experimentar uma educação como acontecimento: processo ético-estético-político. Um *sobrevoo*, com Deleuze e Guattari, *entre* montanhas e vale...

**Palavras-chave:** experimentação, (n-1), cinema, educação.

## ABSTRACT

This work reveals itself as a cartographic exercise of experimentation with other production modes of life, world, education. The cine, the image-film art, enters the game as a trigger device, reading and writing with the research. *Between* a scene and another, different lines of this composition. In the blurring of a following method, a body-research professor risk walking in the *intermezzo* of the survey, *between* events. Issues draw the contours of a possible map: **What do you propose?** Mapping the productions of life by the collective effort of reinventing Kids Green Valley. Try and map the drives, the production processes of subjectivity and education that is done in a valley. Give the thinking modes other than compose a education in several existential territories. **What offers?** Follow the production processes of subjectivity in this officinar exercise with those lives that *reinvent* in Green Valley. Capture the effects produced with the dates. **What consists?** Production with the affects and effects of vibration experienced by the collective effort. A map a journey intensive experienced the same and in other territories. A wish that escapes looking for answers. Invention of problems! Open to date. Find yourself in future. Experience an education event: ethical-aesthetic-political process. A *flypast*, with Deleuze and Guattari, *between* mountains and valley...

**Keywords:** experimentation, (n-1), cinema, education.

Fonte: <http://www.ufjf.br/noticias/2017/03/27/estudo-experimenta-novas-ferramentas-pedagogicas-com-criancas/>

## Estudo experimenta o cinema como modo de pesquisa de escrita e educação

27 DE MARÇO DE 2017

PESQUISA E INOVAÇÃO



22 de abril de 2017 - 07:00

## Crianças e adolescentes aprendem experimentando

Projeto desenvolvido no Vale Verde aposta em modos variados de adquirir conhecimentos

POR RENAN RIBEIRO

Tweetar Compartilhar 58

Fonte: <http://www.tribunademinas.com.br/criancas-e-adolescentes-aprendem-experimentando/>

Fotos: Iago de Medeiros/UFJF

## 'Hã outros modos de compor com a educação'

As interações vivenciadas no projeto foram o foco da dissertação de mestrado "Cinemaquinação: entre montanhas e vale, um sobrevoo", da pesquisadora associada ao Travessia Grupo de Pesquisa, da Faculdade de Educação da UFJF, Maria Paula Belcavello. No trabalho, Maria mostra a reinvenção das vidas dessas pessoas, por meio das intervenções.

"As lentes revelam que, por baixo da superfície da instituição escolar há outra educação. Há outros modos de compor com a educação. Muitos modos. Educação da multiplicidade, do efême-

ro, do pequeno, do banal, do mínimo, do menor. Criação de uma educação como acontecimento: processo ético-estético-político", afirma Maria Paula Belcavello, que também é vice-diretora do Colégio Tiradentes da Polícia Militar.

O primeiro desejo, segundo a pesquisadora, era discutir problemas que atravessam a violação dos direitos de se viver com dignidade na localidade. Partindo dessa provocação, o grupo começou a interagir com a própria realidade e a indicar os caminhos que deveriam ser

explorados.

Os encontros da meninada se dão em rodas de conversa, no terraço cedido por um morador do bairro. No espaço, cada indivíduo é ouvido, e as ideias começam a dar forma a ações. A preocupação do processo de participação, segundo Maria Paula, é abrir-se ao encontro, e pensar outros modos de construir uma educação nos diversos territórios existenciais.

Uma expedição para explorar a mata do bairro, por exemplo, permitiu que os integrantes levantassem uma série de questões

sobre preservação ambiental, sustentabilidade, pertencimento, entre outros muitos conhecimentos. O projeto acredita que vivenciar experiências dentro do universo

onde se vive fortalece laços e reforça a identidade com o local. Através de um passeio pelo bairro e conversas com os moradores, foi possível obter registros e informações sobre a história da localidade e modos de ocupação do território. Para os mentores da meninada, o conhecimento abre as portas, mostra o caminho e aponta o futuro.

SÁBADO E DOMINGO, 22 E 23 DE ABRIL DE 2017 | [tribunademinas.com.br](http://tribunademinas.com.br) | PÁGINA 4

Mesma pesquisa?

Outra pesquisa?



Fonte: <https://www.policiamilitar.mg.gov.br/portal-pm/deeas/deeas/conteudo.action?conteudo=130079&tipoConteudo=noticia>

mg.gov.br

Notícias Serviços Institucional

**POLÍCIA MILITAR**  
DE MINAS GERAIS

Unidades Ajuda Mapa do site Fale conosco Acessibilidade

Menu **Diretoria de Educação Escolar e Assistência Social - DEEAS**

► Página inicial ► Diretoria de Educação Escolar e Assistência Social - DEEAS

► Vice-diretora do CTPM de Juiz de Fora apresenta estudo de novas ferramentas pedagógicas com crianças.

Enviar Imprimir

**Vice-diretora do CTPM de Juiz de Fora apresenta estudo de novas ferramentas pedagógicas com crianças.**

29/03/2017



O que pode uma pesquisa acadêmica?





**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA-UFJF**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-PPGE**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO-FACED**  
**MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

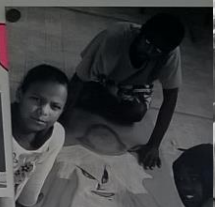
**CIN** <sup>ε</sup> **MAQ** <sup>u</sup> **IN** <sup>Q</sup> | <sup>ç</sup> | <sup>ã</sup> | <sup>o</sup> |

*entre montanhas e vale, um sobrevoo...*

**ROTEIRO: MARIA PAULA BELCAVELLO**

**DIREÇÃO: MARGARETH ROTONDO**

**DATA: 27/MARÇO/2017**



~~Os textos~~ As cenas aqui escritas, inscritas, transcritas... são realmente fascículos, riscos e rabiscos. ~~Fascículos é outro nome do que chamamos feixe~~ Pequenos feixes:

feixe de desejos, de sonhos, de ideias São também ação, rumos para atalhos para recuar. Não preocupação cuidado no sentido

Texto quer dizer tecido... O texto se faz, **se refaz**, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo **contínuo**; perdido neste tecido – nessa textura e **tecitura** – o **sujeito autor** se desfaz nele qual aranha se dissolve ela mesma nas **secreções construtivas** de sua teia. Se **gostássemos** de neologismos **fosse o caso**, poderíamos definir a teoria do texto como uma hifologia (hiphos é o tecido e a teia da aranha)<sup>2</sup>.

perguntas, de ou teorias. ensaios de a caminhada, avançar ou houve alguma ou de construir

uma unidade temática, uma coerência de estilo, uma fuga a repetições. Trata-se mesmo de feixes de gravetos da vida, a qual vai e vem, se repete e não se repete: inventa. Mistura de mulirão<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Com Tiago Adão Lara, 2016, p. 3

<sup>2</sup> Com Roland Barthes, 1987, p.p. 82-83

## A infinita fiadeira

A aranha, aquela aranha, era tão única: não parava de fazer teias! Fazia-as de todos os tamanhos e formas. Havia, contudo, um senão: ela as fazia, mas não lhes dava utilidade. O bicho repaginava o mundo. Contudo, suas obras... sempre inacabadas. Ao fio e ao cabo, ela já amalhava uma porção de teias que só ganhavam senso no rebrilho das manhãs. E dia e noite: dos seus palpos primavam obras, com belezas de orvalho gotejando, rendas e rendilhados. Tudo sem fim nem finalidade. Todo o bom aracnídeo sabe que a teia cumpre as fatais funções: lençol de núpcias, armadilha de caçador... Todos sabem, menos a nossa aranhinha, em suas distrações e funções. Para a mãe-aranha aquilo não passava de mau senso. *Para quê tanto labor se depois não se dava a indevida aplicação? Mas a jovem aranhinha não fazia ouvidos. E alfaiatava, fio a fio, alfinetava, cegava os nós. Tecia e retecia o fio, entrelaçava e reentrelaçava mais e mais teia. Sem nunca fazer morada em nenhuma. Recusava a utilitária vocação da sua espécie.*

- Não faço teias por instinto.

- Então, faz porquê?

- Faço por arte.

Benzia-se a mãe, rezava o pai. Mas nem com preces. A filha saiu pelo mundo em ofício de infinita teceloa. E em cantos e recantos deixava a sua marca, o engenho da sua seda. Os pais, após concertação, mandaram-na chamar. A mãe:

- *Minha filha, quando é que assentas as patas na parede?*

E o pai:

- *Já eu me vejo em palpos de mim...*

Em choro múltiplo, a mãe limpou as lágrimas dos muitos olhos enquanto disse:

- *Estamos recebendo queixas do aranhão.*

- *O que é que dizem, mãe?*

- *Dizem que isso só pode ser doença apanhada de outras criaturas.*

Até que se decidiram: a jovem aranha tinha que ser reconduzida aos seus mandos genéticos. Aquele devaneio todo seria causado por falta de

namorado. A moça seria até virgem! Nunca tendo digerido um machito. Assim, organizaram um amoroso encontro.

- *Vai ver que custa menos que engolir mosca* - disse a mãe.

E aconteceu! Contudo, ao invés de devorar o singelo namorado, a aranha namorou e ficou enamorada. Os dois, enamorados, deram-se os apêndices e dançaram ao som de uma brisa que fazia vibrar a teia. Ou seria a teia que fabricava a brisa?

A aranhinha levou o namorado para visitar sua coleção de teias. Ele que escolhesse uma, ficaria prova de seu amor.

A família, desiludida, consultou o deus dos bichos, para reclamar da fabricação daquele espécime.

Uma aranha assim, com mania de gente?

Na sua alta teia, o deus dos bichos quis saber o que poderia fazer. Pediram que ela transitasse para humana. E assim sucedeu: num golpe divino, a aranha foi convertida em pessoa. Quando ela, já transfigurada, apresentou-se no mundo dos humanos logo lhe exigiram a imediata identificação. *Quem era? O que fazia?*

- Faço arte.

- *Arte?*

E os humanos se entreolharam, intrigados. Desconheciam o que fosse arte. *Em que consistia?* Até que um, mais-velho, lembrou-se de um acontecimento remoto. Que houvera um tempo, em tempos, de que já se perdera memória, em que alguns se ocupavam de tais improdutivos afazeres. Felizmente, isso tinha acabado, e aqueles que teimavam em criar esses pouco rentáveis produtos - chamados de obras de arte - foram geneticamente transmutados em bichos. Mas não se lembrava bem em que bichos.

- **Hummm... ao que parece, aranhas...**

Com Mia Couto, *O Fio das Missangas*

**CENAS-FLASHE (n-1)...**

**CENA 14 - O DISPOSITIVO (n-1)... 034**

**CENA 32 - A PELE QUE HABITO (n-1)... 048**

**CENA 00 - GUIA (n-1)... 064**

**CENA 05 - ABRIL DESPEDAÇADO (n-1)... 026**

**AS PALAVRAS (n-1)... 019**

**CENA 10 - PRENDA-ME SE FOR CAPAZ (n-1)... 014**

**CENA 27 - UM MÉTODO PERIGOSO (n-1)... 078**

**CENA 19 - UM HOMEM COM UMA CÂMERA NA MÃO (n-1)... 104**

*CARTOGRAFIAS (n-1)...*

**COMPOSIÇÃO (n-1)...**

*CENA 01 – ONDE VIVEM OS MONSTROS? (n-1)... 138*

**CENA 07 – CINEMA (n-1)... 097**

**DISSERTAÇÃO-AGENCIAMENTO (n-1)... 010**

**ESCRITA EM VIAS DE SER (n-1)... 007**

*CENA 23 – O XADREZ DAS CORES (n-1)... 094*

**CENA 30 – ONDE FICA A CASA DO MEU AMIGO (n-1)... 144**

**TRILHA SONORA (n-1)... 150**



Entre os primeiros e [creio] os últimos estágios da realização de ~~um~~ uma filme pesquisa, o ~~diretor~~ pesquisador entra em conflito com um número tão grande de pessoas e ~~tem~~ parece ter de resolver problemas tão diferentes – alguns dos quais praticamente sem solução – que quase se tem a impressão de que as circunstâncias foram deliberadamente tramadas para fazê-lo esquecer os motivos que o levaram a começar ~~e~~ a filme pesquisa<sup>1</sup>.



Esta pesquisa não se quer como ~~imagem~~  
experimentação de uma realidade...

---

<sup>1</sup> TARKOVSKI, 2010, p. 148.

## Escrita em vias de ser...

Expressar um desejo, um mais caro pensamento, aprender a considerar a necessidade das coisas como o belo em si... Suspender o olhar, silenciar as palavras... que estas sejam as únicas formas de negar. Negar as negações da/à vida. Negar as negações aos modos outros de existir e de produzir vida. Afirmar um mutirão que se faz em um vale; que se esconde entre matas e mundos; que abre uma fissura nesse modo de viver ao qual nomeia-se vida. Afirmar as cartografias que se fazem nos encontros com o mutirão, com a meninada, com o Mutirão da Meninada, movimentação que se compõe em um vale verde. Campo de experimentação do pensamento e da vida.

escrever-desejar-experimentar...  
EXPERIMENTAR-DESAJER-ESCREVER...

O desejo desta escrita é experimentar uma forma outra de escrita, em vias de ser. Escrita que se produz no encontro com um mutirão de vidas e mundos e linguagens e e e... Escrita que aposta na potência da vida enquanto possibilidade de

A aranha nada vê,  
nada percebe,  
nada se lembra,  
acontece que em  
uma das  
extremidades de  
sua teia ela  
registra a mais  
leve vibração que  
se propaga até  
seu corpo em  
ondas de grande  
intensidade. Ela é  
movida pelos  
signos que  
atravessam seu  
corpo...

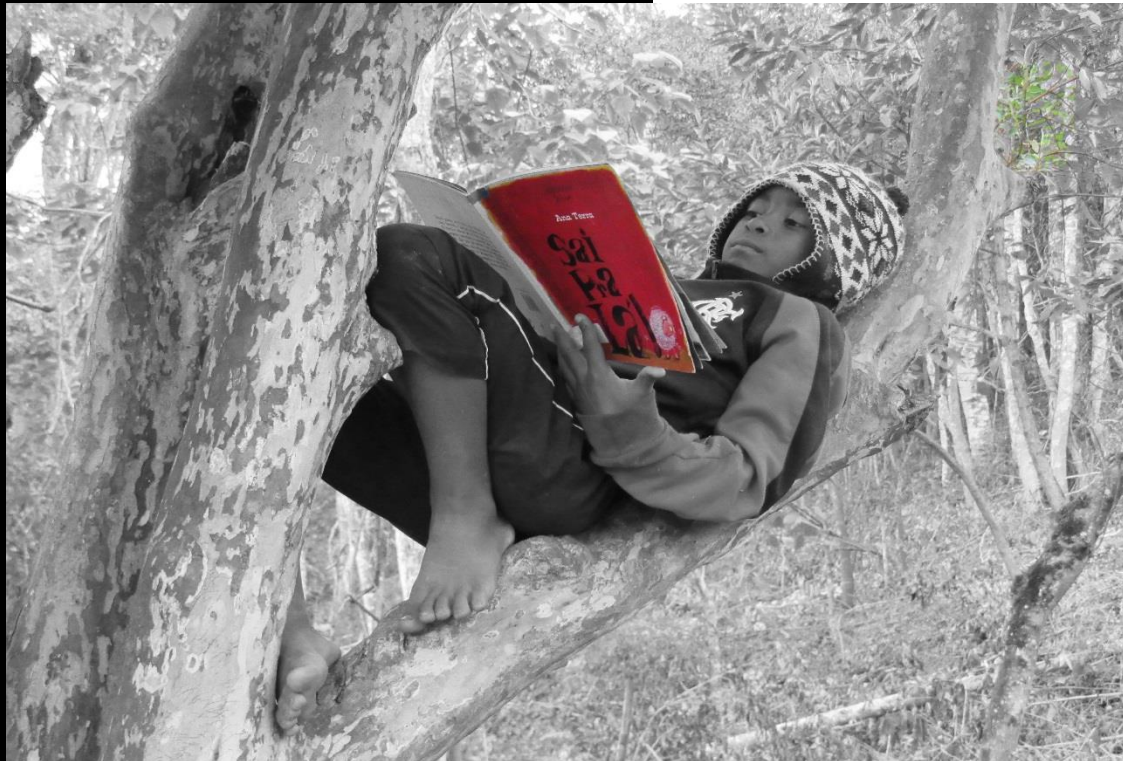
DELEUZE, 1987, p.

182

experimentar o próprio viver. Desejo de inventar com as vidas que se fazem no mundo, um exercício de experimentação... Nesse *entre*, produzir com a incerteza, com o pensamento, com a invenção, com a diferença, com a criação... multiplicidade! Produzir modos de subjetivação no exercício desafiador que é o existir. Esta é uma escrita do silêncio, do desejo, da experimentação. Um labirinto de encontros, sem-entrada, sem-saída. O caminho de volta nunca é o mesmo, sempre outro. Caso se perca, é uma pista de um possível encontro; estar no *entre*. Salte de uma cena à outra; jamais procure a saída. Experimente as passagens que se *desdobram* em múltiplos exercícios de *reinvenções* de mundos e modos de existir. Antes de entrar, tire a veste! Experimente outras! Fique nu! Sinta a vibração das ondas de intensidade atravessar o corpo em afetos e desejos e devires e e e...

Corpo lançado à experimentação





Mesmo quando tudo pede um  
pouco mais de calma. Até quando  
o corpo pede um pouco mais de  
alma

A vida não para...

Paciência

Lenine

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores...

Deleuze, 1992, p. 156

*dissertação-agenciamento*  
*pesquisa-multiplicidade*



*Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões  
numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza  
à medida que ela aumenta suas conexões...*

*(DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 34)*

## Vibrações...

Uma vibração... movimento tímido, quase imperceptível. Uma parada! Res...*pirar*. Outra vibração. Outro movimento... A tecitura começa a se refazer. Combinação frágil de fios compõem uma teia. Potências de vidas se afirmam. Capturas. Escapes, dobras, fugas em linhas... Lançar-se à experimentações. Modos de se *desfazer* com as multiplicidades. Abertura em desejos. Tensão entre corpos. Exercícios de pele. Vibrações... Quanto de vida tem nas vibrações que movimentam um vale? Quanto de mutirão, de multiplicidade, existe em uma meninada? Que efeitos são produzidos com as vidas que vibram em um vale? Outra vibração... Res...*pirar*. Um intercessor invade a teia. Captura! Cinema! Dupla-Captura! ~~Qual a potência da arte/imagem cinematográfica no processo de produção de subjetividade? De que modo o cinema pode produzir um choque no pensamento, disparando vibrações que o force à experimentação do pensar? De que modo o cinema pode tornar estranho o que se tornou cotidiano? Como compor com a arte/imagem cinematográfica efeitos das virtualidades que se atualizam com as vidas que se reinventam em um vale verde com um tal mutirão da meninada? **Que educação se produz entre montanhas e vale? Um sobrevoo...** Corpo lançado à experimentação: ~~intensidades, exercícios de pele, vibrações...~~~~

Signos-pesquisa: ~~experimentação e mutirão e meninada e deleuze e cinema e educação e e e...~~

## Vibrations...

A vibration motion shy, almost imperceptible. A stop! Res... freak out. Another vibe. Another move. The tecitura starts to redo. Fragile combination of wires make up a Web. Powers of lives were claimed. Catches. Leaks, kinks, leaks in lines ... Launch the trials. Ways to undo with the Multiplicities. Opening in wishes. Tension between bodies. Skin exercises. Vibrations ... How has life in the vibrations that move a Valley? How much joint effort, of multiplicity, exists in a kids? What effects are produced with the lives that vibrate in a Valley? Another vibe... Res... freak out. An intercessor invades the Web. Capture! Movies! Double-Capture! ~~How much power does the art/film image in the process of production of subjectivity? How the cinema can produce a shock at the thought, triggering the vibration force experimentation of thinking? How the cinema can make weird what has become everyday life? How to compose with art/film image effects of virtualities that are updated with the lives that reinvent in a Green Valley with a joint effort of the kids? **That education produces between mountains and valley?** A flypast... Body thrown to experimentation: ~~intensities, exercises, vibrations...~~~~

Signs-search: ~~experimentation and joint effort and kids and deleuze and cinema and education and and and...~~



# AS ARACNÍDEAS <sup>1</sup>

Wesley Alessandro Kenedy de Castro

Numa certa noite eu e meus amigos fomos ao cinema para ver o filme de “aranhas”.

No fim do filme nós estávamos vindo por um beco escuro e eu estava ouvindo alguns passos rápidos, olhei para trás; não tinha ninguém.

Meus colegas tinham sumido. Só estava eu sozinho naquele lugar. Eu comecei a pedir ajuda, mas não havia ninguém em lugar nenhum. De repente eu olhei para o lado e vi uma aranha enorme vindo na minha direção. Eu comecei a correr e cai no buraco!!!

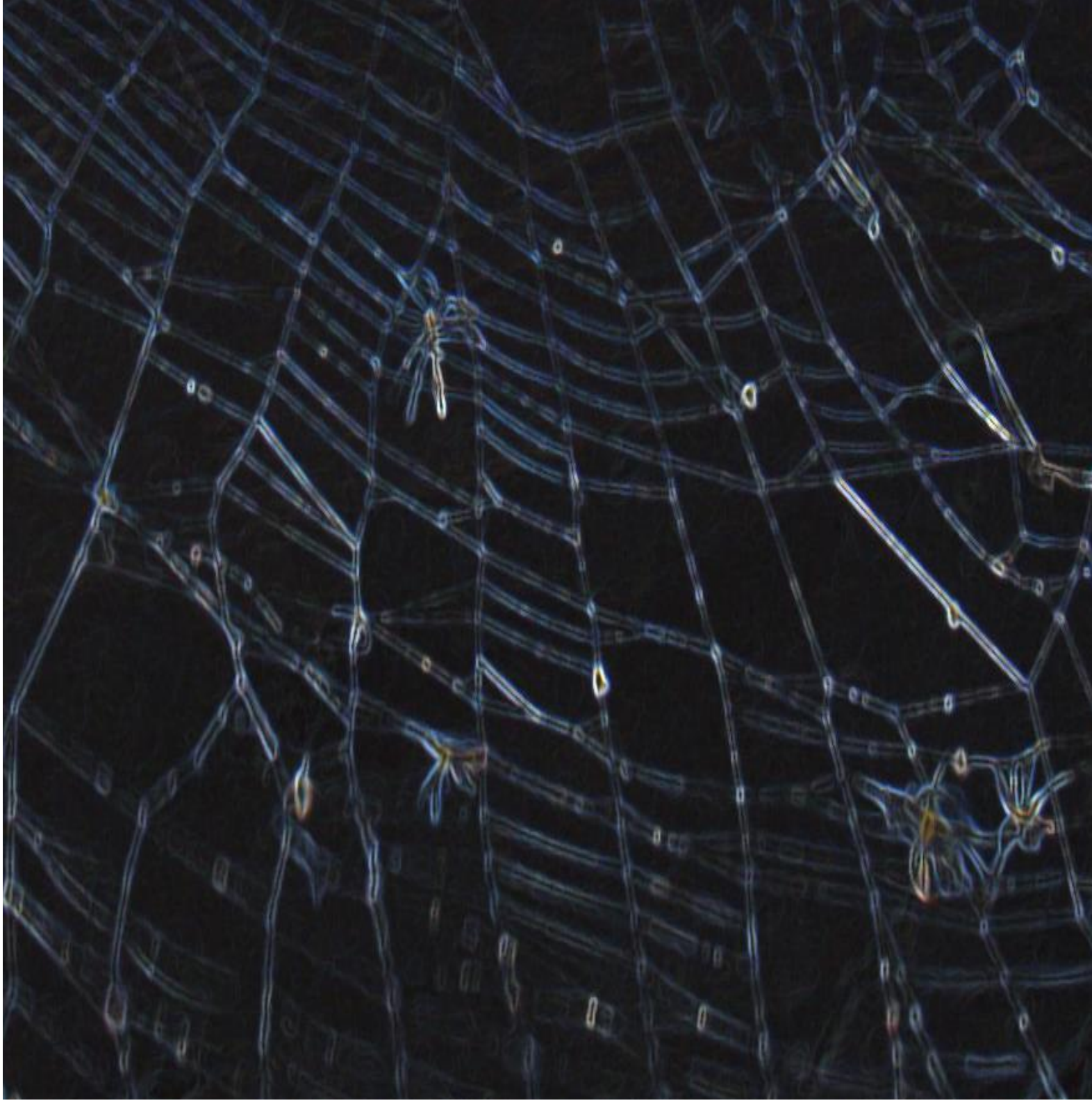
E caí da cama...  
Estava  
“sonhando”...



contos sinistros

---

<sup>1</sup> Escrita produzida com a meninada do Mutirão junto ao Projeto “Quem planta no vale, cultiva novos mundos”. Coordenação geral: Gabriela Machado.



**Insisto...**

com **o** cinema *pela paixão,*

com a **educação** *pelo desejo,*

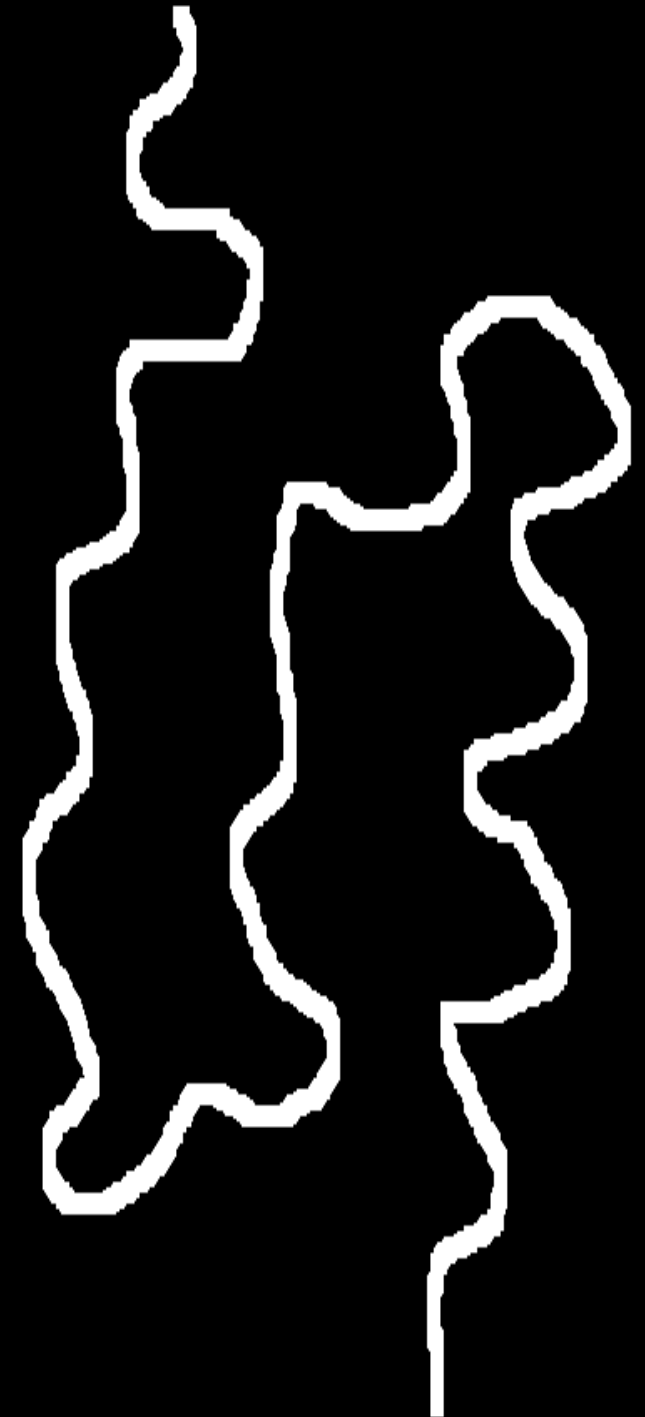
com **a** filosofia *pela vida*

Letras brancas... fundo preto.

Após alguns segundos, trilha sonora...

# PRENDA-ME SE FOR CAPAZ

*catch me if you can<sup>1</sup>*



---

<sup>1</sup> Filme estadunidense (2002) dirigido por Steven Spielberg.



Só preciso da imortalidade  
Para que meu sangue continue a fluir  
de era para era...  
Eu prontamente trocaria a vida  
Por um lugar seguro e quente  
Se a agulha veloz da vida  
Não me puxasse pelo mundo como  
uma linha...

(TARKÓVSKI, 2010, p. 169)





## CENA 10 – PRENDA-ME SE FOR CAPAZ

Escrevemos **Escrevo** e esta *Anti-Edipo* dissertação a dois uma. Como cada um uma de nós era é vários várias, já era é muita gente. Utilizamos **Utilizo** tudo o que nos me aproximava aproxima, o mais próximo e o mais distante. Distribuímos **Distribuo** hábeis pseudônimos para dissimular. Por que preservamos **preservo** nossos meu nomes nome? Por hábito, exclusivamente por hábito. Para passarmos **passar** despercebidos despercebida. Para tornar imperceptível, não a nós mim mesmos mesma, mas o que nos me faz agir, experimentar ou pensar. E, finalmente, porque é agradável falar como todo mundo e dizer o sol nasce, quando todo mundo sabe que essa é apenas uma maneira de falar. Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos sou mais nós eu mesmos mesma. Cada um reconhecerá os seus. Somos **Estou sendo** ajudados ajudada, aspirados aspirada, multiplicados multiplicada. Um

### O roubo

*Encontrar é achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, nada além de uma longa preparação. Roubar é o contrário de plagiar, de copiar, de imitar ou de fazer como. A captura é sempre uma dupla-captura, o roubo, um duplo-roubo, e é isso que faz, não algo de mútuo, mas um bloco assimétrico, uma evolução a-paralela, núpcias, sempre "fora" e "entre"...*

DELEUZE;  
PARNET, 1998,  
p. 6-7

Uma livro dissertação não tem objeto nem sujeito; é feito feita de matérias diferentemente formadas, de datas e velocidades muito diferentes. Desde que se atribui um uma livro dissertação a um sujeito, negligencia-se este trabalho das matérias e a exterioridade de suas correlações. Num Numa livro dissertação, como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação. As velocidades comparadas de escoamento, conforme estas linhas, acarretam fenômenos de retardamento relativo, de viscosidade ou, ao contrário, de precipitação e de ruptura. Tudo isto, as linhas e as velocidades mensuráveis, constitui um *agenciamento*. Um Uma livro dissertação é um tal agenciamento e, como tal, inatribuível. É uma multiplicidade, mas

não se sabe ainda o que o múltiplo implica, quando ele deixa de ser atribuído, quer dizer, quando é elevado ao estado substantivo. Um agenciamento maquínico é direcionado para os estratos que fazem dele, sem dúvida, uma espécie de organismo, ou bem uma totalidade significativa, ou bem uma determinação atribuível a um sujeito, mas ele não é menos direcionado para *um corpo sem órgãos*, que não para de desfazer o organismo, de fazer passar e circular partículas a-significantes, intensidades puras, e não para de atribuir-se os sujeitos aos quais não deixa senão um nome como rastro de uma intensidade. Qual é o corpo sem órgãos de ~~um~~ uma ~~livro~~ dissertação? Há vários, segundo a natureza das linhas consideradas, segundo seu teor ou sua densidade própria, segundo sua possibilidade de convergência sobre "um plano de consistência" que lhe assegura a seleção. Aí, como em qualquer lugar, o essencial são as unidades de medida: "*quantificar a escrita*". Não há diferença entre aquilo de que ~~um~~ uma ~~livro~~ dissertação fala e a maneira como é feita feita. ~~Um~~ Uma ~~livro~~ dissertação tampouco tem objeto. ~~Considerado~~ Considerada como agenciamento, ~~ele~~ ela está somente em conexão com outros agenciamentos, em relação com outros corpos sem órgãos. Não se perguntará nunca o que ~~um~~ uma ~~livro~~ dissertação quer dizer,

significado ou significante, não se buscará nada compreender ~~num~~ numa ~~livro~~ dissertação, perguntar-se-á com o que ~~ele~~ ela funciona, em conexão com o que ~~ele~~ ela faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ~~ele~~ ela se introduz e metamorfoseia a sua, com que corpos sem órgãos ~~ele~~ ela faz convergir o seu. ~~Um~~ Uma ~~livro~~ dissertação existe apenas pelo fora e no fora. Assim, sendo ~~o próprio livro~~ a própria dissertação uma pequena máquina, que relação, por sua vez mensurável, esta máquina ~~literária~~ acadêmica entretém com uma máquina de guerra, uma máquina de amor, uma máquina revolucionária etc. – e com uma *máquina abstrata* que as arrasta. Fomos criticados por invocar muito frequentemente literatos, músicos, poetas, artistas plásticos, dramaturgos, cineastas. Mas a única questão, quando se escreve, é

### Desejo...

*Ter um saco onde coloco tudo o que encontro, com a condição que me coloquem também em um saco.*

*Achar, encontrar, roubar, ao invés de regular, reconhecer e julgar...*

DELEUZE;  
PARNET, 1998, p.  
8

Roubei Félix, e espero que ele tenha feito o mesmo comigo...

DELEUZE;  
PARNET, 1998,  
p. 15

saber com que outra máquina a máquina literária acadêmica pode estar ligada, e deve ser ligada, para funcionar. A literatura arte é um agenciamento, ela nada tem a ver com ideologia, e, de resto, não existe nem nunca existiu ideologia. Falamos exclusivamente disto: multiplicidade, linhas, estratos e segmentaridades, linhas de fuga e intensidades, agenciamentos maquínicos e seus diferentes tipos, os corpos sem órgãos e sua construção, sua seleção, o plano de consistência, as unidades de medida em cada caso. [REDACTED]

[REDACTED]

Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir<sup>2</sup> ...<sup>3</sup>



<sup>2</sup> Texto roubado de Deleuze e Guattari (1995, p.10).

<sup>3</sup> Exercício de escrita com Fabrício Carvalho, *professorartista* do Instituto de Arte e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF. Tese EDUCAÇÃOARTEPROFESSORARTISTA. Defendida em 2015 - Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE/UFJF. Disponível em: <http://1drv.ms/1MDRE6b>.

## As Palavras<sup>1</sup>

Nome de filme e traçados de uma escrita. Palavras achadas, roubadas, metamorfoseadas... Palavras que exigem um exercício de espera, abandono, atenção, cuidado e estilo. Desafio de uma escrita que te obriga a um deslocamento. Travessia que te conduz a um deserto. Movimento que te lança para fora do abrigo. Perigo! Palavras resistem a serem traçadas em um plano. Escapam ao menor sinal de captura. Algumas ficam à deriva, no pensamento. Nessas, há uma recusa e um desejo. Recusa em cair no plano da representação. Desejo de se desfazer em linhas. Inventar e reinventar mundos. Fabulações. Palavras compõem um trabalho, exercitam e experimentam modos de narrar uma pesquisa em educação. Nesta (Andalus) produção (French Script *MS*), as (Chiller) fontes (Times New Roman) surgem (Calibri) dando (Gabriola) às (Chiller) **palavras (Arial Black)** vestes

<sup>1</sup>The Words. Filme estadunidense (2012) dirigido por Brian Klugman e Lee Sternthal.

Trata-se de substituir a linguagem articulada por uma linguagem diferente, cujas possibilidades expressivas equivalerão à linguagem das palavras, mas cuja origem será buscada num ponto mais profundo e mais recuado do pensamento...

ARTAUD,  
1984, p. 140-  
141


<sup>2</sup> GALLO, 2014, p. 24.

<sup>3</sup> abertura ao insuportável; choque para pensamento. ALVARENGA, 2012, p. 35.

<sup>4</sup> DELEUZE; GUATTARI, 2010.

(Aparajita) que (French Script *MS*) denunciam (Times New Roman) uma (Calibri) escrita (Arial) de (Andalus) muitos (Gabriola). Filmes, imagens, vídeos, ecos... atravessam as cenas e desenham a cartografia desta dissertação. Disparam modos de leitura, de estar com as palavras. Cenas se abrem em *flashes*. *Entre* uma e outra, silêncio, *respiração*, experimentação com outras formas de vida e de educação. Educação que acontece *entre* montanhas e vale; que atravessa, é atravessada e se deixa atravessar pelo fluxo do existir; que se faz *entre* banalidades, com a potência do menor (do mínimo)<sup>2</sup>; que dobra, desdobra e redobra o campo das significações; que se produz com afetos<sup>3</sup>, efeitos, experimentações; sempre ambígua, imprevisível, indecifrável. Uma educação como acontecimento: processo ético-estético-político.

*entre* montanhas e vale...  
um *sobrevo*<sup>4</sup>...



*o narrador é uma aranha...  
um pequeno canto de sua teia se põe a vibrar e lá  
está ela a mexer-se, com seu grande corpo. O  
mesmo acontece com o narrador. Ele também tece  
uma teia, que é a sua obra, responde às vibrações,  
ao mesmo tempo em que a tece. Faz, desfaz, refaz  
sem parar. Metamorfose ainda mais radical do que  
em Kafka, pois o narrador já está metamorfoseado  
antes da história começar<sup>5</sup>.*

---

<sup>5</sup>Com DELEUZE. Disponível em:  
<<https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2016/09/29/o-narrador-e-uma-aranha-a-aranha-cre-mas-ela-cre-apenas-nas-vibracoes-de-sua-teia-mesa-redonda-com-roland-barthes-e-gilles-deleuze-acerca-de-marcel-proust-transcricao-integral-do-audio/>>. Acesso em: 10 out. 2016.

Verão de dois mil e catorze. O exercício de espera produz um corpo em desejos. Uma escrita se faz atravessada por fios de afetos. Lentamente, seu contorno traça sobre o papel desenhos de um possível mapa, que ao invadir a máquina, torna-se outro. Fluxo contínuo do *pensar-escrever-pensar*. Um ensaio cartográfico violenta o pensar, desafia o pensamento a um deslocamento. Deslocar-se do plano da representação para o do acontecimento. Do idêntico para o problemático. Experimentação. Intensidade se produz no encontro com as forças que movem o pensar e o escrever. As mãos se agitam. Seguem ritmos e velocidades diferentes. Às vezes lentos, noutras violentos. Os dias se estendem escapando as vinte e quatro horas que os definem. Os pontos começam a se dissolver em linhas, lança um corpo em desejos ao desafio de mergulhar na geografia do desconhecido:

da seleção à ~~qualificação~~ defesa: um mestrado, uma mestranda

*Entre* uma graduação em Pedagogia e uma Especialização em Filosofia, a Escola. Uma aprovação em concurso público, assim que concluída a graduação, lança um corpo no “chão da escola”, como costumava dizer Paulo Freire. A sala de aula o aguardava a aproximadamente 100 km de Juiz de Fora/JF. Após três anos, o caminho de volta. *Entre* a qualificação e a defesa, múltiplas

capturas! Corpo lançado em outro território de passagem. Hoje, em Juiz de Fora, um corpo-professor-pesquisador segue na escola, com a escola, *entre* a escola...

As questões que atravessam esses territórios de passagem exigem outro movimento: retornar à Universidade. Produzir um outro corpo-professor-pesquisador. Pensar em uma formação que diz de uma composição com a multiplicidade de vidas que se fazem nesses territórios compostos por linhas mais duras. Compostos, também, por linhas flexíveis, quase sempre capturadas pela molaridade das ações cotidianas. Foi então que na primavera, final de dois mil e catorze, após um ritual seletivo, um corpo é atravessado e atravessa o curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF.

Dois mil e quinze, outro verão... Primeiro semestre. Início do período letivo. Encontros com o *Travessia Grupo de Pesquisa*, orientações, disciplinas do curso... Provocações... **Qual a questão-movimento-pesquisa?** Desassossego... A questão-movimento-pesquisa é anterior à pesquisa? Incômodos... **O que pode uma pesquisa?** Problematizações... **O que pode um corpo-professor-pesquisador?**

Desejar. Agenciar. Fabricar. Inventar. Criar. Experimentar.  
Res...*pirar*.

Alguns verbos em ação de maquinar: maquinação...

Desorientações. Caminhos. Multiplicidade. Diferença. Educação.  
Escola... Delírio!

### **O que faz um pesquisador pegar delírio?**

Um substantivo. Masculino. Singular. Composição de um verbo com outro substantivo: pesquisar + dor. Ação e Sensação. Pesquisador, indivíduo que faz pesquisa(s). Muda-se o significado de um substantivo. Pesquisador, quem inventa problemas com a pesquisa. Que registra a mais leve vibração que acontece nas extremidades de sua teia. Que se move pelos signos que atravessam o corpo. Que se *reinventa* na ação de pesquisar. Que exercita a pele com vibrações e e e...

### ***Que forças e querereres movem um corpo-pesquisador?***

territórios e projetos e seleções e orientações e campo e experimentação...

A processualidade da pesquisa...

Escola! Território de passagem! Movimento que tece os primeiros fios de afetos que atravessam e arrastam um corpo se produzindo pesquisador. Escola. Lugar de conforto? Corpo habituado. Espaço em experimentação. Travessia conhecida! Movimento! Um território de passagem outro. Corpo em vibr-A-ção. Travessia... *desterritorializar*.

Uma travessia impulsionada pelos afetos, intensidades, desejos, efeitos...

Sem o abandono da escola, um corpo faz o atravessamento da ponte *entre* territórios de passagem. Movimento que tem ensaiado uma abertura a outros modos de compor com a educação. Produção de outros modos de criação, de pesquisa, de escrita e de vida. Uma força que faz vibrar os efeitos que dizem da processualidade da pesquisa. Dos caminhos que vão se fazendo e se tornando campo de experimentação do pensamento e da vida. Uma conexão com os agenciamentos, com os signos que movem um corpo-pesquisador.

Travessia *entre* territórios de passagem... Da Escola ao Mutirão. Do Mutirão à Escola...

Mutirão da Meninada do Vale Verde. Campo de experimentação de uma prática de existir. Resistência. Criação. Movimentação que aposta na força de dispositivos que ensaiam a abertura à potência da vida. Composição de modos de existir e de estilos de existência. Invenção de mundo, produção de si.

*Que forças e quereres movimentam um tal Mutirão da Meninada?*

Desejo... Potência de vida!

A tecitura começa a se refazer. Combinação frágil de fios compõem uma teia. Potências de vidas se afirmam. Capturas. Escapes, dobras, fugas em linhas... Lançar-se à experimentação. Modos de se desfazer com as multiplicidades. Abertura em desejos. Tensão entre corpos. Exercícios de pele. Vibrações... **Quanto de vida tem nas vibrações que movimentam um vale?** Quanto de pele suporta as vibrações das produções de vidas que se reinventam em um vale? **Quanto de mutirão, de multiplicidade, existe em uma meninada?** Que efeitos são produzidos com as vidas que vibram em um vale? *Que virtualidades, que singularidades estão presentes nas vidas que se reinventam no vale com o mutirão?*

Corpo lançado à experimentação...

*A aranha ~~urde~~ **tece**: com fios (p. 85)... Num jardim, descobrir teias é tarefa inglória. Elas se fazem ocultas pelo **seu** próprio ~~adelgaçamento~~ **afinamento**, pela mesma transparência que alimentam. Portanto, cuidado ao pisar em jardins: você pode ser apanhado sem avisos e (p. 115)...* Captura! Um intercessor invade a teia... (com Nilma Lacerda).

Uma oficina se anuncia...

Era uma tarde de sábado. Um encontro marcado. Ao que tudo indicava, vinte estavam sendo esperados. Sete compareceram. **Onde estão os outros?** A espera acendeu uma agitação. Vamos começar! Uma voz surgia. Mais um tempo de espera e... o filme começa. Após pouco mais de vinte minutos, algumas questões são lançadas. Os espaços temporais entre uma e outra, invadia o silêncio da meninada: **O que acharam do filme?** Qual a sensação que tiveram ao assistir ao filme? **Escreva no papel uma palavra que tenha relação com o filme. Vocês conhecem a Declaração Universal dos Direitos Humanos?** Uma questão escapa: **QUE DIA VAI TER OUTRO FILME?** Passa um de ação! Tarde de sábado, ninguém apareceu... Onde está a



meninada? Ecos... **Hoje não! A gente quer muito, mas não sábado.** Sábado é dia de não fazer nada... Mas vocês escolheram o sábado! Impossível seguir com o mesmo mapa! Será preciso produzir outro ou modificar o já existente. Encontros. Segunda ou sexta? Manhã ou tarde? A meninada que decide. A perda momentânea de rumo não é necessariamente indício de inconsistência... Criação de outras linhas.

### **O que se propõe?**

Fabricar com a meninada do mutirão problemas que atravessam a violação dos direitos de se viver com dignidade no vale.

Uma jornalista<sup>1</sup>. Uma proposta...

### **Dispositivo-disparador: cinema**

---

<sup>1</sup> Um corpo-jornalista se faz e se desfaz junto a uma movimentação. Desejo de produção de mundos. Fabricação de novos arranjos com a vida. Invenção! Força subversiva e revolucionária. Uma jornalista. Um corpo. Um desejo... Vida potente!

*Xadrez ou Go?*

*As peças do xadrez são codificadas, têm uma natureza interior ou propriedades intrínsecas, de onde decorrem seus movimentos, suas posições, seus afrontamentos. Elas são qualificadas, o cavaleiro é sempre um cavaleiro, o infante um infante, o fuzileiro um fuzileiro. Cada uma é como um sujeito de enunciado, dotado de um poder relativo; e esses poderes relativos combinam-se num sujeito de enunciação, o próprio jogador de xadrez ou a forma de interioridade do jogo. Os peões do go, ao contrário, são grãos, pastilhas, simples unidades aritméticas, cuja única função é anônima, coletiva ou de terceira pessoa: “Ele” avança, pode ser um homem, uma mulher, uma pulga ou um elefante. Os peões do go são os elementos de um agenciamento maquínico não subjetivado, sem propriedades intrínsecas, porém apenas de situação. Por isso as relações são muito diferentes nos dois casos. No seu meio de interioridade, as peças de xadrez entretêm relações biunívocas entre si e com as do adversário: suas funções são estruturais. Um peão do go, ao contrário, tem apenas um meio de exterioridade, ou relações extrínsecas com nebulosas, constelações, segundo as quais desempenha funções de inserção ou de situação, como margear, cercar, arrebentar. Sozinho, um peão do go pode aniquilar*

*sincronicamente toda uma constelação, enquanto uma peça de xadrez não pode (ou só pode fazê-lo diacronicamente). O xadrez é efetivamente uma guerra, porém uma guerra institucionalizada, regrada, codificada, com um fronte, uma retaguarda, batalhas. O próprio do go, ao contrário, é uma guerra sem linha de combate, sem afrontamento e retaguarda, no limite sem batalha: pura estratégia, enquanto o xadrez é uma semiologia. Enfim, não é em absoluto o mesmo espaço: no caso do xadrez, trata-se de distribuir-se um espaço fechado, portanto, de ir de um ponto a outro, ocupar o máximo de casas com um mínimo de peças. No go, trata-se de distribuir-se num espaço aberto, ocupar o espaço, preservar a possibilidade de surgir em qualquer ponto: o movimento já não vai de um ponto a outro, mas torna-se perpétuo, sem alvo nem destino, sem partida nem chegada. Espaço “liso” do go, contra espaço “estriado” do xadrez. Nomos do go contra Estado do xadrez, nomos contra polis. É que o xadrez codifica e descodifica o espaço, enquanto o go procede de modo inteiramente diferente, territorializa-o e o desterritorializa (fazer do fora um território no espaço, consolidar esse território mediante a construção de um segundo território adjacente, desterritorializar o inimigo através da ruptura interna de seu território, desterritorializar-se a si mesmo*

*renunciando, indo a outra parte...). Uma outra justiça, um outro movimento, um outro espaço-tempo<sup>2</sup>.*

Filme: O xadrez das cores

*Qual a potência da arte/imagem cinematográfica no processo de produção de subjetividade? De que modo o cinema pode produzir um choque no pensamento, disparando vibrações que o force à experimentação do pensar? De que modo o cinema pode tornar estranho o que se tornou cotidiano? Como compor com a arte/imagem cinematográfica efeitos das virtualidades que se atualizam com as vidas que se reinventam em um Vale Verde com um tal Mutirão da Meninada?*

### **O que se dispõe?**

Acompanhar os processos de produção de subjetividade nesse exercício de oficina com essas vidas que se reinventam no Vale Verde. Capturar os efeitos produzidos com os encontros.

### **O que se compõe?**

Produção com os efeitos das vibrações experimentadas junto ao mutirão.

---

<sup>2</sup> Deleuze; Guattari, 1997, p. 13.

# ABRIL DESPEDAÇADO

*abril despedaçado*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Filme brasileiro (2011) dirigido por Walter Salles.



Muitos se perderam no  
caminho.

Mesmo assim não custa  
inventar...

Sol de Primavera

Beto Guedes



## CENA 05 – ABRIL DESPEDAÇADO

*Nossa condição de seres vivos, produzidos e imbricados em uma trama de relações, nos mergulha em contínuo e involuntário processo de subjetivação. Cada sociedade é um grande dispositivo em que as forças estão dispostas para criação de um tipo de subjetividade que funcione “harmoniosamente” na lógica que interessa a seu formato.*

Maria Helena  
Vasconcellos

*Sol, vento, silêncio... 3 de maio de 2015, ainda outono.*

*Uma vida... várias mortes...*

*A morte não é senão a vitória do tempo<sup>2</sup>*

*As ruas dormiam...*

*Sombras...algun movimento. Imagens? Miragem? Morte...prisão.*

*O que aconteceu? Certezas...*

*Oficina de Circo.*

*O silêncio da mata.*

*Território desterritorializado*

*Tecidos, risos, passeios, conversas, vidas...territórios*

---

<sup>2</sup> *O que é o Cinema*, André Bazin, 2014, p. 27.

*um menino, uma criança... um homem.  
uma vida... várias mortes...*

*As ruas ainda dormiam. Sombras... algum movimento.  
Imagens? Miragem? Morte... prisão.  
O que aconteceu? Certezas...  
Era uma Oficina de Circo.*

*A mata nos aguardava... e continuaria a nos aguardar em silêncio.*

*Uma pergunta quebra o silêncio...*

*Uma resposta rápida e curta se fez...*

*Acerto de contas*

*Silêncio...*

*Os devires são o  
mais  
imperceptível,  
são atos que só  
podem estar  
contidos em uma  
vida [...]*

DELEUZE;  
PARNET, 1998,  
p.2

**O que aconteceu?**

**Qual é a dívida?**

*O retorno de uma pergunta produz outra...*

Qual é a dívida?

*Que dívida é essa que nunca se paga?*

*Sempre uma dívida*

*Sempre um cobrador*

*Sempre um devedor*

**Tradição vida-morte?**

*Como tornar estranho o que se tornou cotidiano?*

*Sem respostas...*

*Uma certeza: acerto de contas*

**Qual é a dívida?**

Uma questão fabricada. Um incômodo produzido.

Entre sua vida e sua morte, há um momento que é somente de uma vida jogando com a morte. A vida do indivíduo é substituída por uma vida impessoal, embora singular, que produz um puro acontecimento livre dos acidentes da vida interna e exterior, ou seja, da subjetividade e da objetividade do que acontece. *Homo tantum*, por quem todo o mundo se compadece e que atinge a uma certa beatitude. É uma hecceidade que não é mais de individuação, mas sim de singularização: vida de pura imanência, neutra, além do bem e do mal, já que só o sujeito que o encarnava no meio das coisas a tornava boa ou má. A vida de tal individualidade se apaga em benefício da vida singular imanente a um homem que não tem mais nome, embora não se confunda com nenhum outro. Essência singular, uma vida...

DELEUZE, Imanência: uma vida..., 2016

*A gente começa  
as coisas no não  
saber e daí perde  
o poder de  
continuação,  
porque a vida é  
mutirão de todos,  
por todos  
remexida e  
temperada...*

Guimarães Rosa,  
1986, p. 406

Um dispositivo se lança: cinema.

Disparador: filme *Abril despedaçado*.

*Sessão em suspensão...*

*Uma conversa*

*Vidas que se iniciam no vale*

*Uma tradição?*

*Existe o espanto!*

*Existe também admiração!*

*Cena de uma batalha vencida em um filme de guerra*

Como forçar a meninada a pensar o problema inventado?

*Uma força que diz de um encontro*

*Encontro com um problema?*

**Invenção de problema?**

Um corpo-pesquisador inventa problema...

Problema do pesquisador?

Problema da meninada?

*Inventar?*

*Encontrar?*

*Problematizar?*



*Arte-imagem cinematográfica*

*Produção de modos de escrita, de leitura, de pesquisa*

*Um dispositivo aciona a potência que se produz entre  
um corpo-pesquisador e a pesquisa*

*Experimentação*

Cinema,  
dispositivo de experimentação do pensar e  
de outros modos de se reinventar com e na vida...

*Mais um dia de vidas remexidas e temperadas em um vale...*

cinema-filosofia-escudo

produção de mundos

modos de existir

formas-de-vida

potência do pensar

arrombamento do desejo

choque no pensamento

Como se o cinema dissesse:

comigo, com a imagem-movimento,

não se pode escapar do choque que desperta o pensar no pensamento...<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Com DELEUZE, 2013, p. 190.

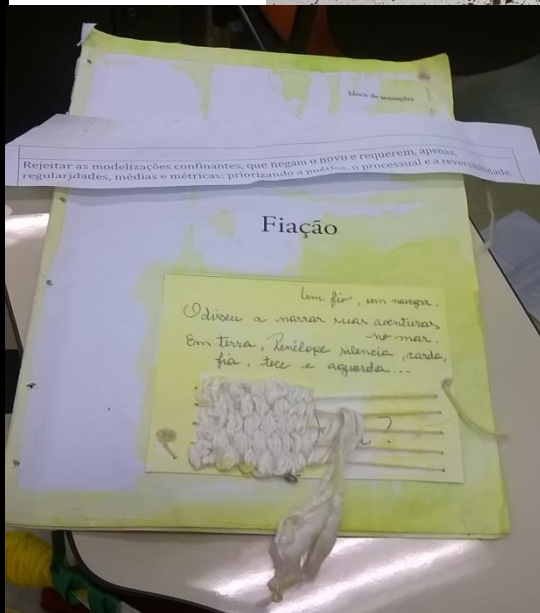
# O DISPOSITIVO

*the device*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Filme estadunidense (2014) dirigido por Jeremy Berg.

ê  
mê  
em  
emeama  
quiqui  
eneana  
emaama  
quiqui  
eneana  
emeama  
quiqui  
eneana  
emeama  
quiqui  
na  
na  
na



máquina máquina  
máquina máquina  
máquina máquina  
m a m a  
máquina máquina  
máquina máquina  
máquina máquina  
na na na



Máquina I  
Belchior



## CENA 14 – O DISPOSITIVO

A sala escura convidando ao devaneio, ao abandono do tempo cronológico e pessoal, os corredores fazendo as vezes de pequeno labirinto a ser percorrido em direção ao centro-tela (*Ersatz* de um rito de passagem), as cadeiras dispostas em fileiras sob a luz do projetor, a verticalidade de uma superfície branca e luminosa oferecendo imagens que ameaçam esmagar a plateia<sup>2</sup>.

Cena-convite: retorno ao meio da coisa, onde tudo começou...

Talvez em 1895, quando no Salão Grand Café em Paris os Irmãos Lumière tornaram público sua grande invenção: o cinematógrafo.

O que pode esta invenção?

Um dispositivo atravessado e composto por linhas...

*Porque a própria imagem cinematográfica 'faz' o movimento [...], ela recolhe o essencial das outras artes, herda o essencial [...], converte em potência o que ainda só era possibilidade...*

*[...] produzir um choque no pensamento, comunicar vibrações ao córtex, tocar diretamente o sistema nervoso e cerebral.*

DELEUZE, 2013, p. 189

---

<sup>2</sup> FIORESE, 2013, p. 23.

Cinema, máquina de produzir estranhamentos...

[...]tornar estranho aos nossos olhos tudo aquilo que é comum, ao mesmo tempo que torna comum tudo aquilo que consideramos estranho<sup>3</sup>.

*(...) o dispositivo alia-se aos processos de criação e o trabalho do pesquisador, do cartógrafo, se dá no desembaraçamento das linhas que o compõem - linhas de visibilidade, de enunciação, de força, de subjetivação. Trabalhar com dispositivos implica-nos, portanto, com um processo de acompanhamento de seus efeitos, não bastando para isso pô-lo para funcionar*

*KASTRUP e BARROS, 2009,  
p.79*

---

De que modo o cinema pode causar  
estranhamento ao cotidiano?

**Uma pergunta sempre clama por resposta?**

Um abril atravessando setembro...

---

<sup>3</sup> GALLO, 2014, p. 26.

26 de Setembro de 2015

Manhã de sol de um sábado. Primavera...

Sol, Terra e Lua se preparando para o grande espetáculo da noite.

A Lua caprichou! Vestiu-se de vermelho. Lua de Sangue...

Intensidades e vibrações com e em um vale se deram em devires.

Exercícios de pele...

Outro espetáculo acontecia.

Tudo nesta mesma noite de setembro. Lua de primavera...

Cineclube

Local: casa da Marcilene, mãe de dois meninos do mulirão.

Início da sessão: 18h.

Filme: A fantástica fábrica de chocolate<sup>4</sup>

*O homem sabe pensar na medida em que tem a possibilidade de pensar, mas esse possível ainda não garante que sejamos capazes de pensar [Heidegger].*

DELEUZE, 2013, p.  
190

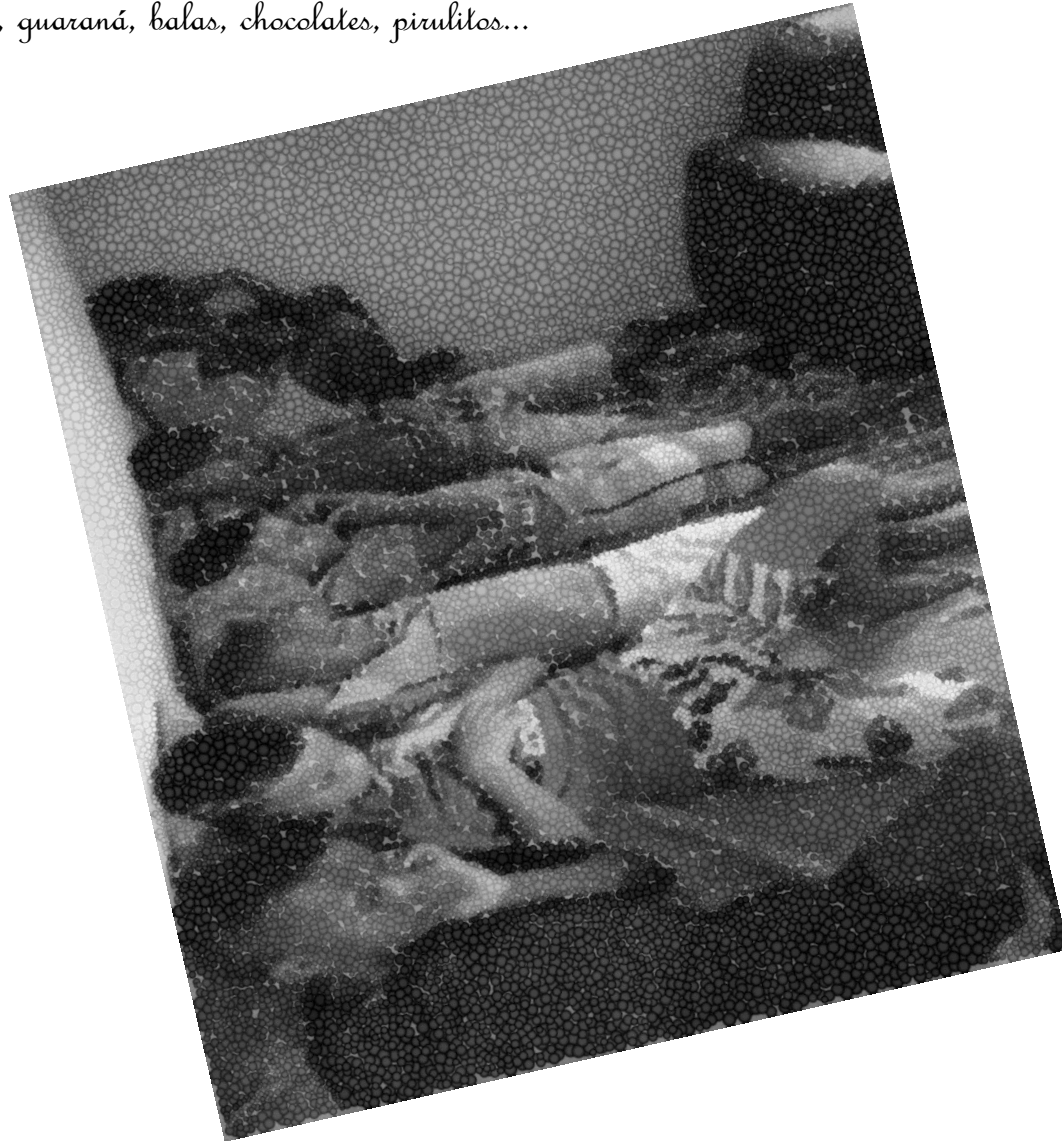
Meninos, onde estão as meninas?

---

<sup>4</sup> Escolha da menina.

Willy Wonka and the Chocolate Factory. Filme estadunidense (1971) dirigido por Mel Stuart.

*Pipoca, guaraná, balas, chocolates, pirulitos...*



*Almofadas, mantas...  
O filme começou.  
Agitação, pausas, silêncio...  
O filme continuou.*





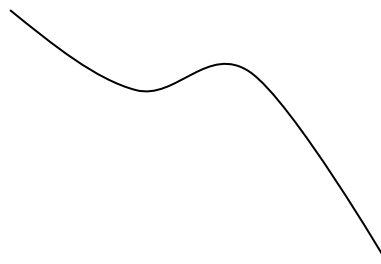
Os dispositivos têm como componentes linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação, linhas de ruptura, de fissura, de fratura que se entrecruzam e se misturam, enquanto umas suscitam, através de variações ou mesmo mutações de disposição. As diferentes linhas de um dispositivo repartem-se em dois grupos: linhas de estratificação ou de sedimentação, linhas de atualização ou de criatividade<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> *¿Que és un dispositivo?*, DELEUZE, 1990.

vibr-A-ção...

Res...*pirar*. Um intercessor invade a teia. Captura! Cinema! Dupla-Captura! Qual a potência da arte/imagem cinematográfica no processo de produção de subjetividade? De que modo o cinema pode produzir um choque no pensamento, disparando vibrações que o force à experimentação do pensar? De que modo o cinema pode tornar estranho o que se tornou cotidiano? Como compor com a arte/imagem cinematográfica efeitos das virtualidades que se atualizam com as vidas que se reinventam em um Vale Verde com um tal Mutirão da Meninada? Corpo lançado à experimentação: intensidades, exercícios de pele, vibrações...



**conexão com o pensar, escrever, pesquisar...**

19 de junho de 2016

Um encontro com a meninada. Uma conversa. Primeira ida à mata, na Expedição. A jornalista não foi neste dia, nem as oficineiras, somente a meninada e a pesquisadora.

Nós estamos vendo aqui algumas produções de imagens e vídeos que fizemos na mata domingo passado.

Olha o casarão!

Como era **esse** casarão, gente, **sua história?**

**Ele tem muito tempo. Tem gerações...**

Era uma senzala. Quando eu nasci já existia o casarão.

**O que é senzala mesmo?**

Onde ficavam os escravos.

Quando o casarão foi **destruído?**

Ano passado ou retrasado?

**Ano passado.**

Eles invadiram lá em cima. Aí as polícia veio pra arrancar quem invadiu e acabaram destruindo o casarão.

Quem **invadiu esse** lugar?

**Foi um montão de gente lá de cima.**

É um lugar que não tem dono.

**TEM SIM!**



MORAVA GENTE NO CASARÃO.

**Uma família morava lá. Eles tinham três filhos pequenos.**

☐ cachorros também.

Eles começaram a construir um montão de casa lá. Aí a polícia veio com o cara que falou que era dono de lá e aí destruiu tudo, até o casarão.

*Destruíram, mas não fizeram nada lá.*

Por que **as pessoas** não podiam ficar lá?

**Porque tem dono, né!?**

Agora não tem mais ninguém morando.

Saiu até na televisão, você não viu não?

**Justiça determina reintegração de posse em terreno de Juiz de Fora<sup>6</sup>**

PM deu apoio durante operação no Bairro Vale Verde. Área particular é ocupada há dois anos; 40 barracos foram derrubados.

Foi desapropriado nesta terça-feira (1º), em **Juiz de Fora**, um terreno no Bairro Vale Verde, que estava ocupado indevidamente. O Tribunal de Justiça de Minas Gerais determinou a reintegração de posse no local. Pelo menos 40 barracos foram demolidos e os moradores puderam entrar para retirar apenas os pertences.

**Coloca logo o filme, Maria Paula!**

Calma, gente! A Maria Paula quer escutar mais sobre o casarão.

**Ela não mora aqui.**

**Pode ser depois do filme?**

---

<sup>6</sup> Fonte notícia: <<http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2014/07/justica-determina-reintegracao-de-posse-em-terreno-de-juiz-de-fora.html>>.

Você trouxe meu biscoito?

Não tinha. Trouxe pipoca doce.

*Sabe que não gosto, mas vou comer mesmo assim.*

E o suco?

Eu trouxe pra gente. Dá pra todo mundo.

Tem copo?

Tem.

O filme vai demorar? Tenho que ir na igreja com a minha mãe.

**Aqui tá falando que tem 85 minutos.**

Dá tempo?

Faz as contas! Você já aprendeu isso na escola.

Aprendi nada! Ainda sou criança.

*Acho que dá uma hora e vinte e cinco minutos.*

Que horas que começa a igreja?

Oito horas.

**Dá tempo!**

Se vocês não parar de falar não vai dar tempo.

**Chega pra lá, tá quente.**

Ninguém trouxe ventilador.

Ninguém pediu.



Os Sem-Floresta<sup>7</sup>

Olhares atentos. Muitas risadas; alguns comentários.

***Nossa, gente, igual a nossa mata.***

A mata não é nossa. É do bairro.

É a mesma coisa.

Esses bichos moram lá na mata?

*Alguns sim.*

Que mentira. Qual?

***gambá.***

*Só ele.*

Os outros também. Só que a gente não vê, porque eles dormem de dia e ficam acordados de noite.

*É mesmo. Viu que eles tavam dormindo?*

Gente, eu quero ouvir o filme.

Bicho fala?

**Isso é filme, moleque!**

O filme pode tudo.

**PODE?**



---

<sup>7</sup> Filme estadunidense (2006) dirigido por Tim Johnson e Karey Kirkpatrick.

Filme sugerido e levado pela meninada. A ideia era a de que todos pudessem assistir ao filme, sem censura. Um menino. Uma proposta! *Um filme para todos*. Por que esse filme?

Lembrei do filme depois da nossa ida na mata. Ficamos como esses animais, hibernando. Que isso, hi..o que? Hibernando, dormindo. *Todo mundo dorme*. Eu sei, mas alguns animais dormem direto. Sei lá quanto tempo. **Eu também faço isso quando vou pra casa da minha avó** [risos]. Só bicho dorme muito, gente não. **Bicho não trabalha**. Deixa de gracinha. Então, fiquei pensando que agora que a gente acordou vemos que temos um lugar legal para passear e que está sendo destruído pelas pessoas. Vocês viram quantos lixos encontramos lá na mata? **A gente tem um outro lugar para brincar. É só cuidar**. Eu ia gostar de morar na mata. **Morar com os bichos?** Não, né, eu ia morar no casarão abandonado. Ia pedir meu pai pra arrumar pra gente morar. E se a máquina destruir de novo? É mesmo! *Mesmo com violência e sujeira, eu gosto de morar aqui no Vale Verde*. **Aqui tem muita coisa boa que não tem em outros bairros. Brincamos mais na rua, temos a praça, a mata, a creche, o mutirão**. Todo mundo se conhece. Tem o posto de saúde. Es paço par a andar de b í c í c L e t a. O campinho para jogar bola. No início, quando jogaram saibro no campinho a gente ficou revoltado, porque machuca muito. A terra era melhor. Agora a gente nem sente mais. Estão arrumando a praça. Só não gostamos de terem arrancado o *bouganville*, a árvore que a gente plantou. Eles arrancaram. Os homens da prefeitura. Deixaram só a manilha de mosaico que a gente fez. *Aqui tem o mutirão da Maria Helena*. **Tem igreja. Só falta escola**. Tem a creche. *Creche não é escola. Creche é para deixar as criancinhas pras mãe trabalhar*. Aqui tem tudo, só falta escola. **Eu não gosto de escola, mas tem que ir. Se fosse aqui no bairro seria melhor, porque não precisa andar muito**. A gente podia fazer uma escola na mata e estudar com os bichos. Bichos não estudam. *Mas eles brincam*. Eles até falam! Gente, já falei que filme pode tudo...

Podê o quê?



[...] vamos mais longe, não encontramos ainda nosso CsO, não desfizemos ainda suficientemente nosso eu. Substituir a anamnese pelo esquecimento, a interpretação pela experimentação. Encontre seu corpo sem órgãos, saiba fazê-lo, é uma questão de vida ou de morte, de juventude e de velhice, de tristeza e de alegria. É aí que tudo se decide...

DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 10



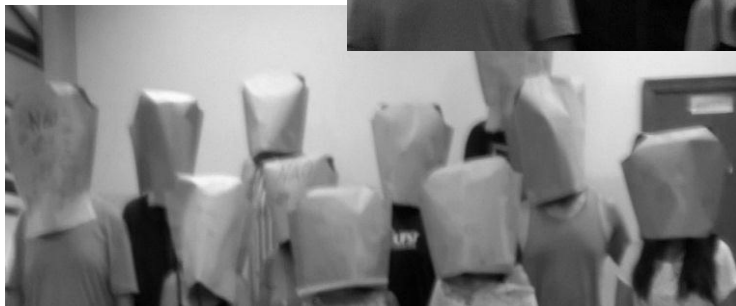
# A PELE QUE HABITO

*la piel que habito*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Filme espanhol (2011) dirigido por Pedro Almodóvar.

## CENA 32 – A PELE QUE HABITO

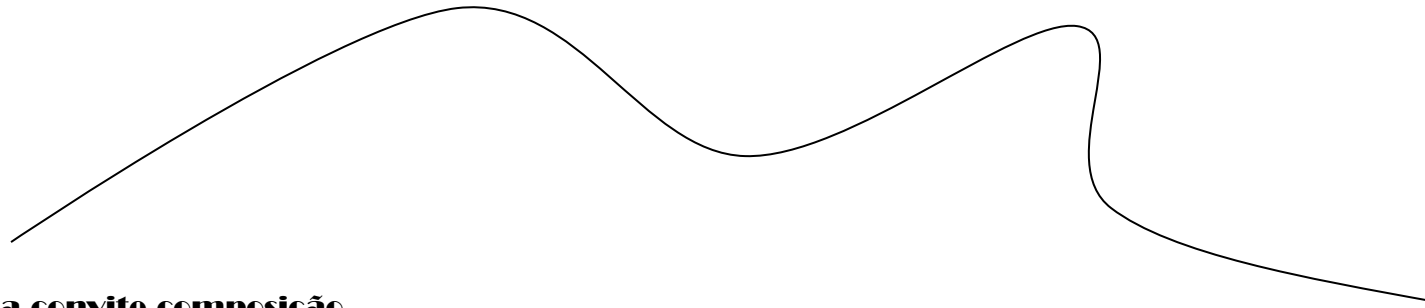


Debaixo da pele, o  
corpo é uma máquina  
a ferver...<sup>2</sup>

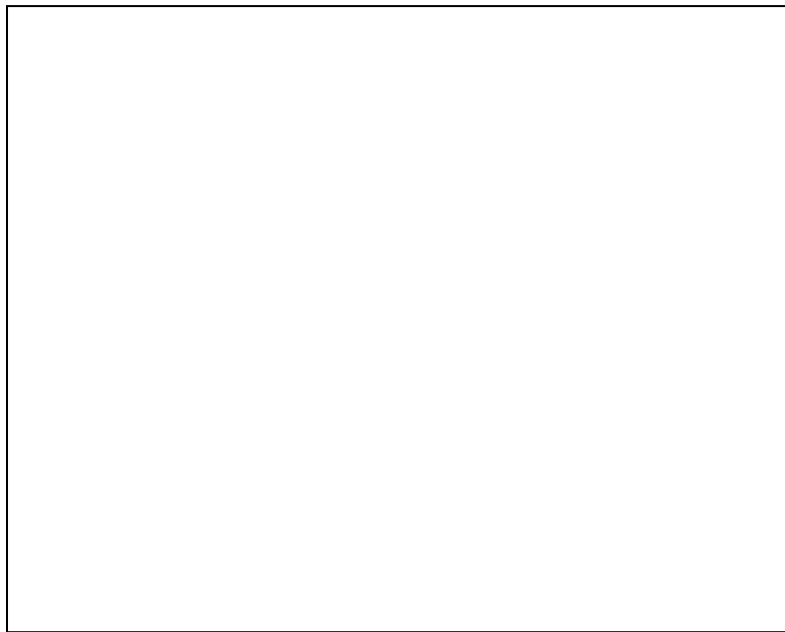


---

<sup>2</sup> Van Gogh, *O suicidado pela sociedade*. Antonin Artaud, s/d.



### **escrita-convite-composição**



[...]a arte nunca é um fim, é apenas um instrumento para traçar as linhas de vida, isto é, todos esses devires reais, que não se produzem simplesmente *na arte*, todas essas fugas ativas, que não consistem em fugir *na arte*, em se refugiar na arte, essas desterritorializações positivas, que não irão se reterritorializar na arte, mas que irão, sobretudo, arrastá-la consigo para as regiões do a-significante, do a-subjetivo e do sem-rosto<sup>3</sup>.

dentro da caixa? fora da caixa?

**fugas, atravessamentos *entre* tempos e espaços...**

---

<sup>3</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 57.

Como trazer para a escrita desta dissertação momentos produzidos com a pesquisa nos encontros que vão se fazendo e se tornando campo de experimentação?

Problema inventado! *Produzir imagens com as imagens, explorar a linguagem das imagens...* Tomar a escrita-imagem como uma linguagem. Dois intercessores: Fabrício e Marquinho, artista e filósofo por formação; filósofo e artista por criação. *Entre* encontros e desencontros em uma tal Academia, inventam-se problemas...

Exercícios de pele!? vibr-A-ções...

Como inventar problema com a pesquisa?

Qual a questão-movimento-pesquisa?

*Desassossego de uma pesquisadora...*

*A arte de construir um problema é muito importante: inventa-se um problema, uma posição de problema, antes de se encontrar a solução...*

DELEUZE;  
PARNET, 1998, p.2

*Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas que já têm a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.*

Fernando Andrade  
com Fernando  
Pessoa, s/d

Fabricada em datas, paisagens e velocidades diferentes, a escrita desta dissertação sofre violentamente um [com o] movimento de *desterritorialização*. Pode-se dizer [talvez] de uma escrita nômade em intensidades e materialidade. Salta-se de uma cena à outra sem fixar território. Corpo pede ar. Res...*pirar*. Esforço de aproximação. Escapes, dobras, fugas... Pontos se dissolvem em linhas. Intensidades atravessadas por afetos e forças e ações e desejos e delírios...

*Preciso  
atravessar  
A nuvem de metal  
Que pesa na  
minha cabeça*

*Atravessar - a  
travessia  
Atravessar - a  
travessia  
Atravessar - a  
travessia*

*Partir, romper,  
cruzar  
Preciso  
atravessar...*

*A Ponte Para o  
Dia*

*Humberto  
Gessinger*

pensar tensiona pensamento...

O verbo pensar evoca enfrentamentos, desvios, possibilidades...

Seguir outro caminho?

O que faz a pesquisa pegar delírio?

Um verbo: *pesquisar*. Exprime ação e também afetos, estados e processos. Que ações, afetos e estados o verbo *pesquisar* exprime? Diz respeito, também, ao tempo das ações, situando-as em relação ao momento no qual a pesquisa está se dando. Tempo, que tempo? O verbo evoca um processo. Que processos evocam o verbo *pesquisar*?<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> *Pesquisar: inventar mundos com Educações Matemáticas*. Clareto e Rotondo.

Um único caminho, com decalque já pronto? Um caminho com estratos, segmentaridades, sedentaridade...? Enfim, um “caminho reto”<sup>5</sup>, que leva a uma “ilusão (através dela nos desviamos das possibilidades impensadas da nossa força)”<sup>6</sup>.

### **O que faz o pensamento pegar delírio?**

Um verbo: pensar. Exprime ação e também enfrentamentos, desvios, possibilidades. Que ações, enfrentamentos e desvios o verbo pensar exprime? Diz respeito, também, ao tempo das ações, situando-as em relação ao momento no qual o pensar está se dando. Tempo, que tempo? O verbo evoca uma possibilidade. Que possibilidades evoca o verbo pensar?<sup>7</sup>

*Um barco sem  
porto  
Sem rumo, sem  
vela  
Cavalo sem sela  
Um bicho solto  
Um cão sem  
dono  
Um menino, um  
bandido  
Às vezes me  
preservo  
Noutras, suicido!*

*Flor da pele  
Zeca Baleiro*

### **O que faz um pesquisador pegar delírio?**

Um substantivo. Masculino. Singular.

Composição de um verbo com outro substantivo: pesquisar + dor. Ação e Sensação. Pesquisador, indivíduo que faz pesquisa(s).

Muda-se o significado de um substantivo.

---

<sup>5</sup> BARTHES, 2003, p. 6.

<sup>6</sup> PIRES, 2006, p. 171.

<sup>7</sup> *Pesquisar: inventar mundos com Educações Matemáticas*. CLARETO; ROTONDO, 2015, p. 671-686.

Pesquisador, quem<sup>8</sup> inventa problemas com a pesquisa. Que registra a mais leve vibração que acontece nas extremidades de sua teia. Que se move pelos signos que atravessam o corpo. Que se reinventa na ação de pesquisar. Que exercita a

*A escrita esposa  
uma máquina de  
guerra e linhas  
de fuga,  
abandona os  
estratos, as  
segmentaridades  
, a  
sedentaridade, o  
aparelho de  
Estado.*

pele com vibrações e e e...

Se se muda o significado de um substantivo, ele pega delírio?

Quem é o sujeito da ação “pesquisar”?<sup>9</sup>

*Desejos de um corpo-pesquisador...*

*Mas por que é  
ainda necessário  
um modelo?*

Cartografar as produções de vida que se reinventam em um vale. Tecer a escrita com os fios frágeis que compõem uma pesquisa. Lançar-se à experimentações. Compor com os efeitos produzidos com as vidas que se reinventam em um vale.

Registrar a mais leve vibração que se propaga no corpo em ondas de grande intensidade. Mover pelos signos que atravessam o corpo... Escrita nômade! Conexão com os agenciamentos do campo de experimentação, com as multiplicidades que compõem a escrita da pesquisa.

DELEUZE;  
GUATTARI,  
1995, pp. 34-35.

---

<sup>8</sup> Na esteira **teia** de Deleuze e Nietzsche, “quem” não diz de uma pessoa, mas de forças e querer. Se se muda o significado de um pronome, ele pega delírio?

<sup>9</sup> Em uma ação de maquinar com Clareto e Rotondo.

Produzirá isto mesmo sabendo que “a escrita nunca se fará suficientemente em nome de um fora”<sup>10</sup>?

Fala-se de uma escrita em agenciamento com o fora, que se faz sobre fluxos semióticos, sociais e políticos e sob linhas de intensidades, de fugas e de desejos... Que se faz em multiplicidades, velocidades, no *entre*...

Os princípios característicos das multiplicidades concernem a seus elementos, que são *singularidades*; a suas relações, que são *devires*; a seus acontecimentos, que são *hecceidades* (individuações sem sujeito); a seus espaços-tempos, que são espaços e tempos *livres*; a seu modelo de realização, que é o *rizoma* (por oposição ao modelo da árvore); a seu plano de composição, que constitui *platôs* (zonas de intensidade contínua); aos vetores que as atravessam, e que constituem *territórios* e graus de *desterritorialização*<sup>11</sup>.

Que intercessores permitem territórios de passagens e são pontes para essa travessia?

Com *Pontes* pretendo constituir passagens que ao mesmo tempo conectam e dispersam...<sup>12</sup>

Escrever, pensar... ritmos, vibrações e estilos próprios. Corpo lançado à produção de efeitos. Escrita segue o fluxo contínuo do *pensar-escrever-pensar*...

<sup>10</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 33.

<sup>11</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 8.

<sup>12</sup> CLARETO, 2003, p. 17.

Notas

O que será que me dá  
Que me bole por dentro, será que me dá  
Que brota à flor da pele, será que me dá  
E que me sobe às faces e me faz corar  
E que me salta aos olhos a me atraíçoar  
E que me aperta o peito e me faz confessar  
O que não tem mais jeito de dissimular  
E que nem é direito ninguém recusar  
E que me faz mendigo, me faz suplicar  
O que não tem medida, nem nunca terá  
O que não tem remédio, nem nunca terá  
O que não tem receita

O que será que será  
Que dá dentro da gente e que não devia  
Que desacata a gente, que é revelia  
Que é feito uma aguardente que não sacia  
Que é feito estar doente de uma folia  
Que nem dez mandamentos vão conciliar  
Nem todos os unguentos vão aliviar  
Nem todos os quebrantos, toda alquimia  
Que nem todos os santos, será que será  
O que não tem descanso, nem nunca terá  
O que não tem cansaço, nem nunca terá  
O que não tem limite

O que será que me dá  
Que me queima por dentro, será que me dá  
Que me perturba o sono, será que me dá  
Que todos os tremores me vêm agitar  
Que todos os ardores me vêm atiçar  
Que todos os suores me vêm encharcar  
Que todos os meus nervos estão a rogar  
Que todos os meus órgãos estão a clamar  
E uma aflição medonha me faz implorar  
O que não tem vergonha, nem nunca terá  
O que não tem governo, nem nunca terá  
O que não tem juízo

Chico Buarque



*pensar-escrever-pensar – fluxo contínuo.*

*Estado febril e delirante...<sup>13</sup>*

Este roteiro é um exercício cartográfico que procura traçar diferentes linhas de composição da pesquisa. Busca experimentar e cartografar as movimentações, os processos de produção de subjetividade e **a educação** que são produzidos **se faz em junto e ao** Mutirão da Meninada do Vale Verde. Seu **Um** desejo está menos em procurar respostas **que escapa à procura de respostas.** que inventar **Invenção de problemas!** Está mais preocupado em abrir-se ao encontro com... **Dar a pensar modos outros de compor uma educação nos diversos territórios existenciais.** **Abrir-se ao encontro.** Encontrar-se em devir...

*Uma escrita que se ocupa em tecer menos o que é a pesquisa do que o que está em vias de ser:*

*conexão de desejos, conjunção de fluxos,*

*continuum de intensidades<sup>14</sup> ...*

---

<sup>13</sup> RIBETTO, 2009, p. 17.

<sup>14</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 24.

Era uma manhã de trabalho. Quinta-feira. A Diretora da escola havia me pedido para ir à algumas gráficas ver o custo da impressão do *Jornal Escolar* que eu estava produzindo com os alunos e alguns professores. Uma corrida contra o tempo do relógio, já que à tarde minha segunda jornada de trabalho me aguardava em outra escola em uma cidade próxima de Juiz de Fora. Entre passadas aceleradas e monitoramento das horas, algo me parou. Um extenso tapete branco em meu caminho. O que fazer? Quanto mais caminhava, menos possibilidades de atravessar para o outro lado eu via. Então, resolvi observar aquele tapete branco que havia sido estendido no calçadão da cidade, ponto central de idas e vindas aceleradas de pessoas. Um dos lugares mais movimentados, especialmente durante a semana, nos chamados dias úteis. Nos dias inúteis, as pessoas exercitam, neste lugar, a lentidão... Fiquei por ali em um tempo sem-tempo, tentando identificar o artista. Como é difícil substituir a interpretação pela experimentação, desfazer suficientemente nosso eu. Que diferença fazia saber ou não saber quem havia feito e estendido o tapete? Foi então que acompanhar o exercício de experimentação das pessoas que por ali passavam tomou força e me atravessou. O artista, não o conheci neste dia. O tapete sujou e quebrou com o caminhar de corpos sobre sua branca cor. Movimentos performáticos transportavam corpos de um lado para outro do tapete, preservando, em alguns trechos, sua forma e cor. Um olhar paralisado e desconfiado dava ao tapete um tempo e espaço para respirar. Vozes deixavam marcas de indignação e desprezo a um absurdo colocado diante de seus caminhos. Mãos pegavam pedaços do tapete... São penas! Disse uma mulher à outra que estava com ela. São penas de gesso, adjetivando o pedaço do tapete que já se encontrava dentro de sua bolsa rosa. Ao perguntá-la porque havia pegado a pena de gesso, ela respondeu dizendo que era para fazer uma promessa. Promessa de casamento! Para ela, esse era o desejo do artista já que resolveu fazer a exposição de sua arte próxima à data que se comemora o "Dia dos Namorados". Não tem outra explicação! Exclamou a moça. A experimentação com o corpo não era o único modo de exercício com aquele tapete branco. Os modos como cada pessoa exercitava aquele encontro com a arte se davam de diversas formas. Linhas de vida produziam e destruíam aquele belo tapete branco.

Impossibilitada de permanecer ali, segui minha caminhada de gráfica em gráfica...

9 de junho de 2016 - 09:38

## Intervenção coloca 20 mil penas de gesso no calçadão

POR TRIBUNA

Tweetar Compartilhar 26

Atualizada às 15h59

Uma intervenção urbana no calçadão da Rua Halfeld chamou a atenção de quem passou pelo local nesta quinta-feira (9), no Centro da cidade. Vinte mil penas de gesso foram colocadas no centro da rua, entre a esquina com a Avenida Rio Branco até a Rua Batista de Oliveira. A ação, denominada "Ex-votos", é do artista Francisco Brandão e foi construída entre as 22h de quarta e as 4h desta quinta. **Também nesta quinta, o artista abre sua primeira exposição, no Centro Cultural Pró-Música.** "Crisálidas" reúne obras criadas por Francisco a partir de 2015, propondo uma reflexão sobre o processo de cicatrização das dores humanas.



Imagem 1:<sup>15</sup>

Na Halfeld, a intervenção deve permanecer por três dias. "O público está tendo uma boa recepção, e acho que o objetivo está sendo cumprido. As pessoas estão curiosas, algumas pegam a pena, outras ajeitam. Me perguntam do que se trata, outras já estão transmitindo as informações. Pra cada um, a iniciativa terá um significado", comenta Francisco, nesta manhã. Ainda segundo ele, o processo de confecção das penas demorou 1 ano e meio. Ao longo do dia, a intervenção das pessoas e do trânsito foi modificando a obra. Um carro-forte que passou pelo calçadão no início da tarde, por exemplo, quebrou várias peças.

O nome "Ex-votos" é um termo em latim que significa "o voto realizado". A prática, ligada à Igreja Católica e a diversas culturas, consiste num presente dado pelo fiel a seu santo de devoção, podendo ser uma consagração, pagamento ou renovação de promessa. Francisco Brandão acredita que essa exposição de sentimentos serve como elemento de aproximação com o espectador. "Quando a gente consegue ser sincero com alguém, mostrando nossa fragilidade, abrimos espaço para que ele não se sinta intimidado, e sim mais próximo. É mostrar que minha vivência remete à dele e promove essas conexões." Para essa conexão, Francisco vê a intervenção como elemento que ajudará o público a conhecer e se aproximar da exposição no Pró-Música.



Imagem 2:<sup>16</sup>

<sup>15</sup> Fonte: <http://www.tribunademinas.com.br/intervencao-coloca-20-mil-penas-de-gesso-no-calcadao/>

<sup>16</sup> Fonte: <http://www.tribunademinas.com.br/intervencao-coloca-20-mil-penas-de-gesso-no-calcadao/>

---

## 7 COMENTÁRIOS

Marcos disse:

Absurdo quando a vaidade de um artista com pensamentos provincianos não se mantém minimamente afinada com a questão ambiental que acompanha a intervenção pretensamente artística.

A poluição que isso causou, além do trabalho extra imposto aos funcionários do DEMLURB, deveriam ter algum sentido ao autor da obra.

10/06/2016

Suyanne [REDACTED] disse:

Maravilhoso!!! Parabéns ao artista.

09/06/2016

Luiz [REDACTED] disse:

Excelente iniciativa. A arte para refazer os caminhos e adicionar novas perspectivas. Parabéns pela iniciativa Francisco Brandão. Viva a arte!

09/06/2016

Claudinho [REDACTED] disse:

Nossa Cidade realmente é maravilhosa, e uma pena que aqui tem pouco incentivo a Cultural!

09/06/2016

Imagem: 3<sup>17</sup>

Flávia [REDACTED] disse:

Achei lindo!! Parabéns ao artista!

09/06/2016

CORELO disse:

QUE RIDÍCULO HEIN!!!

09/06/2016

Guilherme [REDACTED] disse:

Muito agradável amanhecer com uma produção artística tão bonita e impactante em nossa cidade!

09/06/2016

Imagem: 4<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> Fonte: <http://www.tribunademinas.com.br/intervencao-coloca-20-mil-penas-de-gesso-no-calcadiao/>

<sup>18</sup> Fonte: <http://www.tribunademinas.com.br/intervencao-coloca-20-mil-penas-de-gesso-no-calcadiao/>

23 de agosto de 2016

*Um encontro inesperado...*

No dia 22 de agosto recebi uma mensagem de uma dasicineiras da movimentação que dizia assim: “Convite: sábado 10h homenagem a toninho ventura na creche. Amanhã vamos confeccionar mil pecinhas de gesso para instalação que será montada no bairro na sexta. Você teria possibilidade de filmar tudo para depois editar um pequeno vídeo?”. Como na terça-feira só trabalhava na parte da manhã, minha resposta foi afirmativa. No dia seguinte, ao chegar no bairro Vale Verde, deparei-me com uma agitação na praça. Além do Mutirão da Meninada, outras pessoas estavam por ali. A meninada já estava com a mão na massa, ou melhor, no gesso. Estavam preparando o material para fazer as pecinhas. Havia um rapaz disparando aquela agitação. Como cheguei no momento de preparação e orientação de como o processo ia se dar, pensei que seria mais interessante registrar que interromper com perguntas. Assim o fiz. O barulho do trabalho desenvolvido por funcionários da prefeitura na praça do bairro se confundia com o barulho da meninada que produzia sua obra de arte, como dissera uma criança ao perguntar o que estavam fazendo. O tal rapaz pediu para quem estivesse com o pote nas mãos enchê-lo com o preparo líquido de gesso e colocá-lo nas formas. A meninada do mutirão se entregou ao exercício e começaram a preencher os espaços que haviam sido feitos na forma de silicone. Até então, não sabia o que era e continuei registrando. Quando o gesso secou, o rapaz chamou a meninada para dizer como fazer para desenformar. Com muito cuidado, ele foi mostrando como deveria ser feito para não quebrar a peça. Cada um, que ali estava, pode desenformar uma peça. Foi então que vi que essa peça era uma pena e me lembrei do tapete branco. Havia uma moça, para mim também desconhecida, perto das formas e começamos a conversar. Para minha surpresa, o rapaz entrou na conversa e disse que ele era o artista do tapete branco. E começou a me contar como se deu o processo de produção das vinte mil penas para a intervenção no calçadão. Nesse momento, as pessoas que estavam por perto se aproximaram para escutar a experiência do artista.

Muita agitação naquela tarde. A meninada produzia e experimentava com a arte. As cores da pele davam lugar ao branco do gesso. Enquanto produziam, conversavam com o artista, que fluidamente trocava palavras com quem as solicitava.

Quanto tempo você levou para produzir as vinte mil peças que colocou no calçadão?

Onde você aprendeu isso, na escola?

Na minha escola a gente só aprende ler e escrever.

Eu gosto do mutirão da Maria Helena porque a gente faz coisas da escola, mas a gente também faz coisas que não é da escola.

Eu aprendo fazer continhas também.

Dá certo com a massinha da escola?

Pensei que tinha que colocar no forno.

Na escola onde eu estudo, a gente só sai da sala para fazer educação física.

Eu vi uma folha e não uma pena.

Escola é lugar só de estudar. No mutirão a gente estuda, brinca, passeia, faz um monte de coisa legal.

O mutirão é parecido com a escola, só que é diferente. Muito melhor!

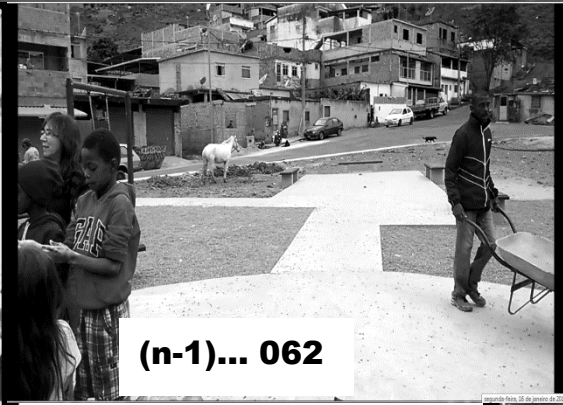
Na escola a gente nunca ia fazer isso. A diretora não deixa fazer sujeira igual aqui.

Minha mãe já foi na minha escola um monte de vez, porque a professora chamou.

No mutirão a gente resolve nossas coisas, né?

Por que a pena e não outra coisa?

Um artista movido pela arte e pelo desejo, dispara afetos e efeitos em um exercício de experimentação com a meninada do mutirão...



(n-1)... 062



É mais do que um instante  
São todos os sentimentos  
Que espalham nesses momentos  
Lembranças nesse brilhante  
Estrada longa de ver  
Que o tempo faz entender  
A trajetória escolhida

É praticando na vida que muito vai  
aprender

Zé Ramalho





# GUIDA

*guida*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Filme brasileiro (2014) dirigido por Rosana Urbes.

## CENA 00 – GUIDA

26 de Abril de 2015

Manhã fria de um domingo. Um outono diferente de todos...

Terraço [lugar de acontecimentos]: crianças, adolescentes, adultos... roupas, mesas, cadeiras, armários, livros... um círculo de pessoas se formou.

Momento de dividir: tarefas para quê e para quem?

Depois de algum tempo... tudo resolvido.

Praça [lugar de acontecimentos]: creche, pessoas, cachorros, futebol, pipoca, livros, canetas, água, fotografias, registros, música, dança...

A vida se agita em barulhos e silêncios.

Em um dos encontros com o mutirão de vidas remexidas e temperadas em um vale.

*Apostamos que o impulso do desejo pode ir consolidando o Mutirão como campo de experimentação de uma prática de existir – resistência/criação – frente ao padrão de subjetividade proposto nos modos em que majoritariamente se habita o mundo[...]. Criação de sentidos e invenção de mundo e, ao mesmo tempo, produção de si.<sup>2</sup>*

---

<sup>2</sup> *Lines of dignity* (Linhas de Dignidade), Maria Helena Vasconcellos.

*O que conta em um caminho, o que conta em uma linha é sempre o meio e não o início nem o fim.*

*Sempre se está no meio do caminho, no meio de alguma coisa...*

DELEUZE; PARNET, *Diálogos*, 1998, p. 24



*Tudo foi bom*

*Foi bom: a capoeira, o futebol, a pipoca...*

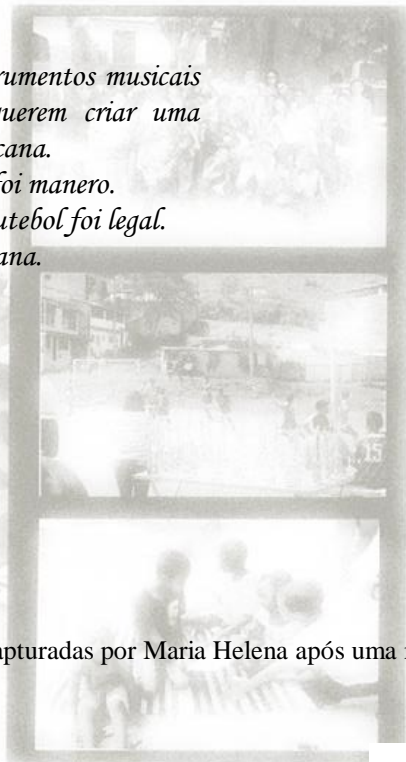
*Muito legal!*

*A entrega de instrumentos musicais aos jovens que querem criar uma folia de reis foi bacana.*

*O jogo de futebol foi manero.*

*A torcida para o futebol foi legal.*

*A capoeira foi bacana.*



Vibrações capturadas por Maria Helena após uma manhã fria de um domingo de abril...

*Muito bom.*

*Bonito.*

*Foi um sucesso a venda das canetinhas.*

*Muito legal a roda de capoeira.*

*Muito bom; minha família adorou.*

*Legal a presença de ex-participantes do Mutirão.*

*Tudo muito bonito. Acho que foi a melhor atividade que já fizemos na rua do bairro.*

*O pipoqueiro foi a alegria dameninada.*

*Muito legal o entusiasmo dameninada na preparação da festa.*

*Gostei de tudo, tudo.*

*Foi ótimo o futebol e a pipoca.*

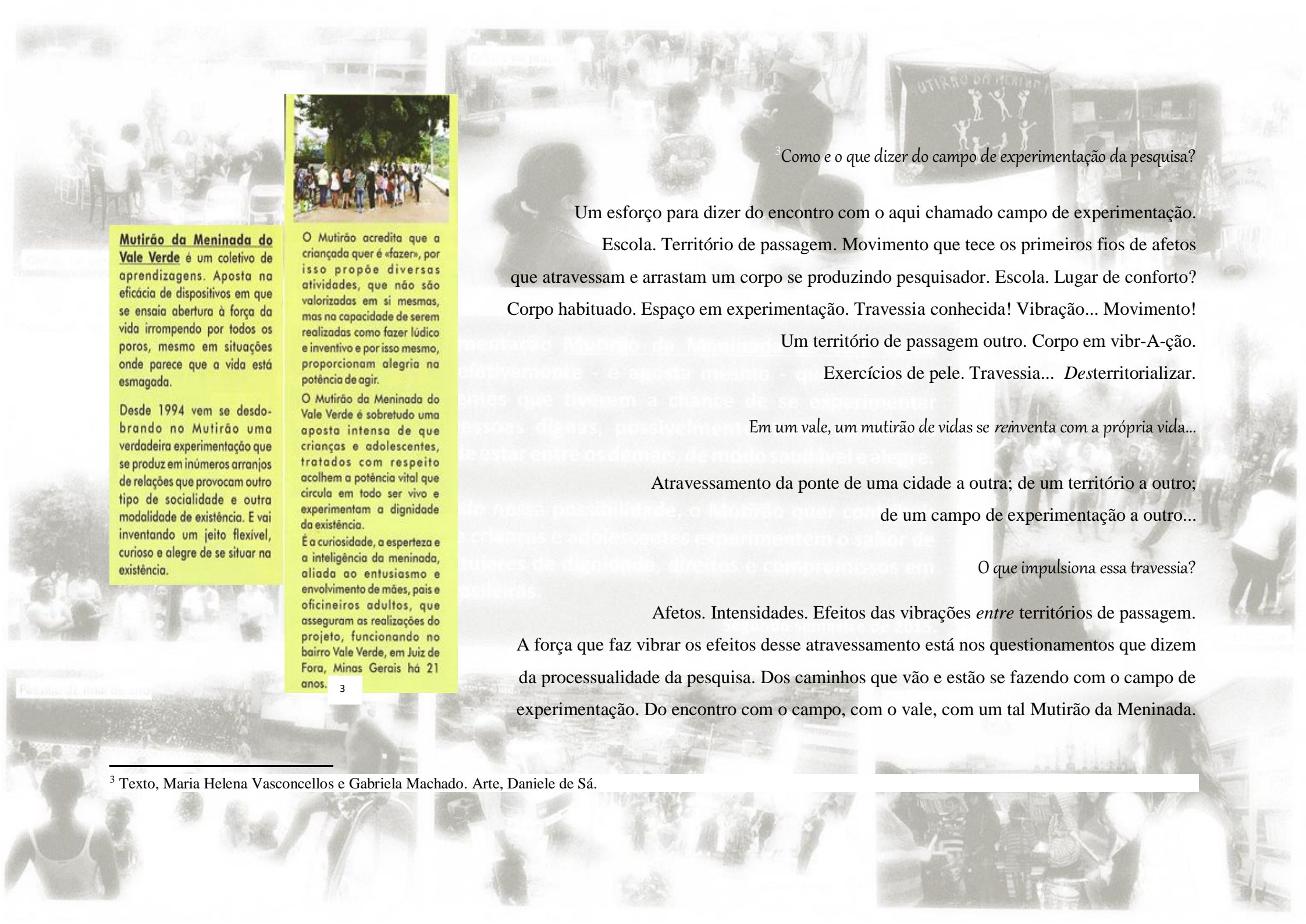
*Gostei de tudo, melhor o futebol.*

*A capoeira foi mais bacana.*

*Achei que não foi muito bom; devia ter guaraná.*

*Foi ótimo. Minha participação foi boa porque assumi três tarefas; adorei!*

*Solidariedade do marido da [?], arranhou sombrinha para salvar do sol, a senhora da pipoca.*



**Mutirão da Meninada do Vale Verde** é um coletivo de aprendizagens. Aposta na eficácia de dispositivos em que se ensaia abertura à força da vida irrompendo por todos os poros, mesmo em situações onde parece que a vida está esmagada.

Desde 1994 vem se desdobrando no Mutirão uma verdadeira experimentação que se produz em inúmeros arranjos de relações que provocam outro tipo de socialidade e outra modalidade de existência. E vai inventando um jeito flexível, curioso e alegre de se situar na existência.

O Mutirão acredita que a criançada quer é «fazer», por isso propõe diversas atividades, que não são valorizadas em si mesmas, mas na capacidade de serem realizadas como fazer lúdico e inventivo e por isso mesmo, proporcionam alegria na potência de agir.

O Mutirão da Meninada do Vale Verde é sobretudo uma aposta intensa de que crianças e adolescentes, tratados com respeito acolhem a potência vital que circula em todo ser vivo e experimentam a dignidade da existência.

É a curiosidade, a esperteza e a inteligência da meninada, aliada ao entusiasmo e envolvimento de mães, pais e oficinairos adultos, que asseguram as realizações do projeto, funcionando no bairro Vale Verde, em Juiz de Fora, Minas Gerais há 21 anos.

3

<sup>3</sup> Como e o que dizer do campo de experimentação da pesquisa?

Um esforço para dizer do encontro com o aqui chamado campo de experimentação.

Escola. Território de passagem. Movimento que tece os primeiros fios de afetos que atravessam e arrastam um corpo se produzindo pesquisador. Escola. Lugar de conforto?

Corpo habituado. Espaço em experimentação. Travessia conhecida! Vibração... Movimento!

Um território de passagem outro. Corpo em vibr-A-ção.

Exercícios de pele. Travessia... Desterritorializar.

Em um vale, um mutirão de vidas se *reinventa* com a própria vida...

Atravessamento da ponte de uma cidade a outra; de um território a outro; de um campo de experimentação a outro...

O que impulsiona essa travessia?

Afetos. Intensidades. Efeitos das vibrações *entre* territórios de passagem.

A força que faz vibrar os efeitos desse atravessamento está nos questionamentos que dizem da processualidade da pesquisa. Dos caminhos que vão e estão se fazendo com o campo de experimentação. Do encontro com o campo, com o vale, com um tal Mutirão da Meninada.

<sup>3</sup> Texto, Maria Helena Vasconcellos e Gabriela Machado. Arte, Daniele de Sá.

pensar-escrever-pensar  
estado febril e delirante...

Mutirão da Meninada!

Território de passagem da pesquisa.

Encontro com o campo. Ausência de data, lugar, hora marcada. Apenas pistas...

UFJF!

Lugar de acontecimentos.

Margareth Rotondo.

Agenciamento.

Maria Helena Vasconcellos<sup>4</sup>.

Vibrações...

*Afirmar que o  
Mutirão é  
espaçotempo de  
aprendizagens é  
apontar que, para  
nós, a condição  
humana, como a  
condição de todo  
vivo, é um estado  
continuado de  
aprendizagem, de  
tateios para situar-  
nos no mundo,  
aprendendo a criar  
sentidos para existir.*

Maria Helena  
Vasconcellos

*Acontecimentos em uma Academia movimentam a pesquisa.*

---

<sup>4</sup> Intercessora da movimentação Mutirão da Meninada, que quando da sua criação estava professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF.

*[...] dignidade é um dar-se conta da potência impessoal da vida.*

*Dignidade é um modo de presença entre, é um estar “em-casa” num território existencial...*

Maria Helena Vasconcellos

Linhas de intensidade vão se fazendo nos encontros com o campo de experimentação da pesquisa. Velocidade impede a ação de registrar por escrito o que se passa com o vale no vale. A tentativa de captura se dá em vídeos e fotografias e exercícios de pele e e e...

Alguns registros são traçados neste trabalho como dispositivos de abertura à potência da vida, dando impulso ao fluxo contínuo do *pensar-escrever-pensar...*

*O Mutirão da Meninada do Vale Verde nasceu de uma conversa com a comissão de moradores e se constitui, hoje, como uma movimentação que implica crianças, adolescentes e adultos [aproximadamente 50 pessoas envolvidas] em múltiplas situações de aprendizado. Por questões práticas, estabeleceu-se como entidade da sociedade civil, que mantém parceria com a UFJF<sup>5</sup> através de um núcleo da Faculdade de Educação, N<sup>o</sup>EC<sup>6</sup>. Mantém estreitos laços com o bairro onde se situa, principalmente com as famílias de crianças e adolescentes que o constituem. É, sobretudo, um coletivo que aposta na eficácia de dispositivos em que se ensaia abertura à força da vida irrompendo por todos os poros, mesmo em situações onde parece que a dignidade de existir está esmagada.<sup>7</sup> A movimentação foi criada em 1994, seis anos após o nascimento do bairro Vale Verde, efeito de um movimento pelo direito à moradia, ocorrido no início da década de 1990. As casas no Vale Verde seriam construídas em mutirão. Daí surgiu o nome ~~do projeto~~ da movimentação.*

---

<sup>5</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora.

<sup>6</sup> Núcleo de Ciência, Matemática e Tecnologia.

<sup>7</sup> *Lines of dignity* (Linhas de Dignidade), Maria Helena Vasconcellos.

Mutirão da Meninada...

Campo de experimentação do pensamento e da vida

Desejo de se *reinventar* com e na vida

Terraço, lugar de acontecimentos.

**O que acontece com a meninada quando está com o filme?**  
**Toda pergunta clama por resposta?**

acontecimento, invenção, experimentação...

*Aprendizagem aqui, não apenas enquanto aprendizagem disso ou daquilo – também isso, é claro – mas sobretudo, aprendizagem de uma modalidade de existência, de um jeito de habitar o mundo.*

Maria Helena Vasconcellos

*As atividades [habituais] acontecem no terraço de uma das residências do bairro, que conta com armário, mesas, banquinhos e pequena biblioteca. O terraço é cedido pelos proprietários da casa. Cadaicineira tem uma chave do portão para acesso ao lugar. Não possuir um espaço próprio não é experimentado como falta. Funcionar no terraço de uma residência é condição forte de inserção na comunidade.*

*As atividades [habituais] são: Hora de aprender; Idas ao teatro; Oficina de dança afro; Oficina de circo na mata; Oficinas literárias; Passeio anual [um dia em uma granja com piscina], Passeio anual de mães/pais [à mesma granja com piscina] e Dia Quente. Várias outras atividades, não rotineiras, agenciam-se em dispositivos, principalmente as atividades constantes de projetos submetidos a editais, como Lei Murilo Mendes<sup>8</sup>.*

Dobras produzindo escapes

Exercício de experimentação com a vida, com outros modos de viver e existir

*A chuva segue seu curso num final de um domingo de outono...*

---

<sup>8</sup> *Lines of dignity* (Linhas de Dignidade), Maria Helena Vasconcellos.

O que me surpreende, em nossa sociedade, é que a arte se relacione apenas com objetos e não com indivíduos ou a vida; e que também seja um domínio especializado, um domínio de peritos, que são os artistas. Mas a vida de todo indivíduo não poderia ser uma obra de arte? Por que uma lâmpada ou uma casa são objetos de arte, mas nossas vidas não?

Foucault (1995a), 2012, p. 261



vibr-A-ção...

A tecitura começa a se refazer. Combinação frágil de fios compõem uma teia. Potências de vidas se afirmam. Capturas. Escapes, dobras, fugas em linhas... Lançar-se à experimentações. Modos de se *desfazer* com as multiplicidades. Abertura em desejos. Tensão entre corpos. Exercícios de pele. Vibrações... Quanto de vida tem nas vibrações que movimentam um vale? Quanto de pele suporta as vibrações das produções de vidas que se reinventam em um vale? Quanto de mutirão, de multiplicidade, existe em uma meninada? Que efeitos são produzidos com as vidas que vibram em um vale? Que virtualidades, que singularidades estão presentes nas vidas que se reinventam no vale com o mutirão? Que educação se produz entre montanhas e vale?

30 de junho de 2016, quinta-feira

*Quem é o dono da mata?*

Era uma tarde. Uma variação de temperatura que tendia mais para um calor ameno. No terraço, o vento insiste em soprar as folhas que estão sobre a mesa. *Entre* o calor ameno e o vento insistente, um encontro: jornalista, arquiteto, pesquisadora e meninada...

*Quem é o dono da mata?*

Uma questão sempre retorna. Uma visita.

Uma jornalista faz um convite a um amigo para conversar com a meninada sobre a mata do bairro.

Taioba, arquiteto e urbanista esteve no Vale Verde naquela tarde.

*Taioba?*

*É isso mesmo?*

*Esse é seu nome?*

**Coitado!**

Meu nome é Marcelo. Meu apelido é Taioba.

*Você prefere ser chamado pelo nome ou pelo apelido?*

Sou mais conhecido pelo apelido ou pelos dois juntos, Marcelo Taioba. Nesse caso, vira sobrenome.

quem? Ao leitor. É disso que se trata, não? **Ler e escrever e pintar e tecer e fiar, não é mesmo? É disso que essas páginas tratam, sim? Traçar uma linha de vida entre a ciência, a filosofia e a arte. De modos de existir em**

*Ana Lygia Vieira Schil da Veiga, 2015, p. 25*

## Ocupar a mata?

Ocupar-se com a mata?

Ocupar-se na mata?

Ocupar-se entre?

**DEIXAR-SE OCUPAR?**

De quem é a mata?

**A mata não tem dono!**

Tem sim, é da prefeitura.

Uma voz mais calma invade a conversa e...

Meninada, trouxe um mapa feito via satélite para a gente ver o tamanho do território que a mata ocupa.

*Nossa é muito grande!*

O que é isso, mapa Satélite?

É uma foto tirada por um Satélite. Esse Satélite é um aparelho construído pelo homem para fazer imagens fora do planeta. Essa imagem que estamos vendo, foi tirada do alto, nós estamos vendo o bairro Vale Verde do alto.

*Como se a gente tivesse no avião?*

Isso.

Como você sabe, você nunca andou de avião.

*Vejo pela internet, né!*

Tentem localizar o Vale Verde.

Achei! Aqui, não é?

Agora, tentem localizar a casa de vocês.



Ficaram um tempo ali olhando o mapa. Aos poucos, foram apontando a localização de suas moradas.

**Então, Taioba, essa mata tem dono?**

Está aí uma informação que precisamos pesquisar. Estão vendo essa parte aqui? Tudo isso é a mata do Vale Verde.

E essas outras aqui?

Essas são propriedades privadas. Isso quer dizer que tem dono.

*Como vamos saber se a mata tem dono?*

Nós precisamos nos informar na Prefeitura. Vamos combinar um dia para irmos lá conversar sobre esse território.

E se a mata não tiver dono, o que a gente pode fazer lá?

Podemos pensar em algumas coisas. Vocês já pensaram em algo?

**Eu pensei.**

Então, conta pra gente.

**Que tal a gente fazer um parque na mata?**

*Primeiro tem que arrumar a trilha.*

**Limpar o laguinho.**

Fazer piquenique.

*Plantar mais árvores.*

Colocar placas pra ninguém sujar a mata.

Colocar poste pra gente poder ir lá de noite.

Tá loca, menina!

Quê que tem?



Tudo bem, galera! O que acham da gente registrar o que vocês falaram?

Alguém pode escrever? Aqui tem canetinha, papel...

*Eu posso escrever.*

*Eu também quero!*

*Eu falei primeiro.*

Vamos fazer assim, cada um escreve no mesmo papel a ideia que teve. Pode ser?

*Pode.*

*Eu começo!*

*De que cor?*

A cor que vocês quiserem.

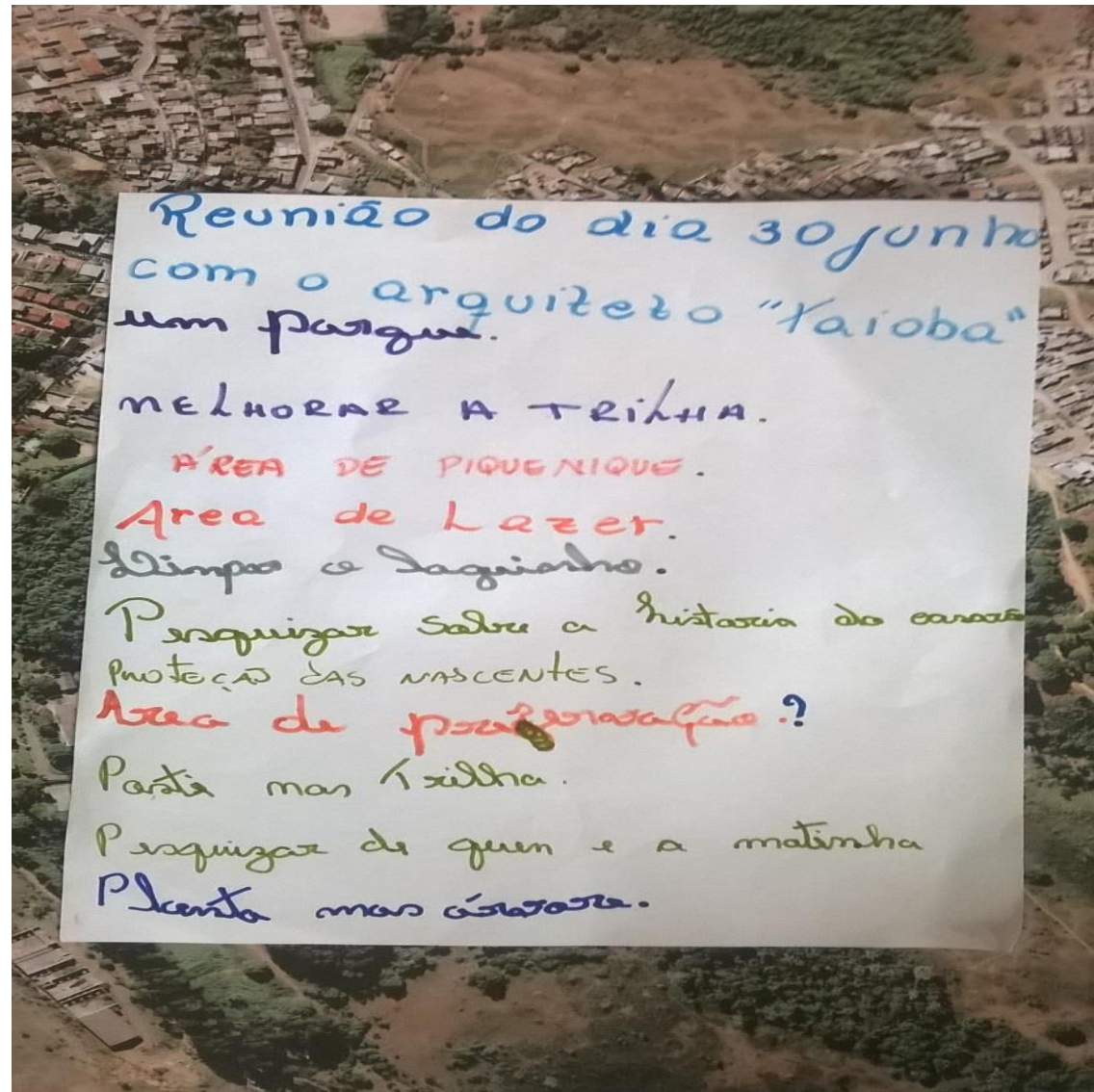
*Vou querer o azul.*

**Que menino chato!**

*Já terminou?*

**Já.**

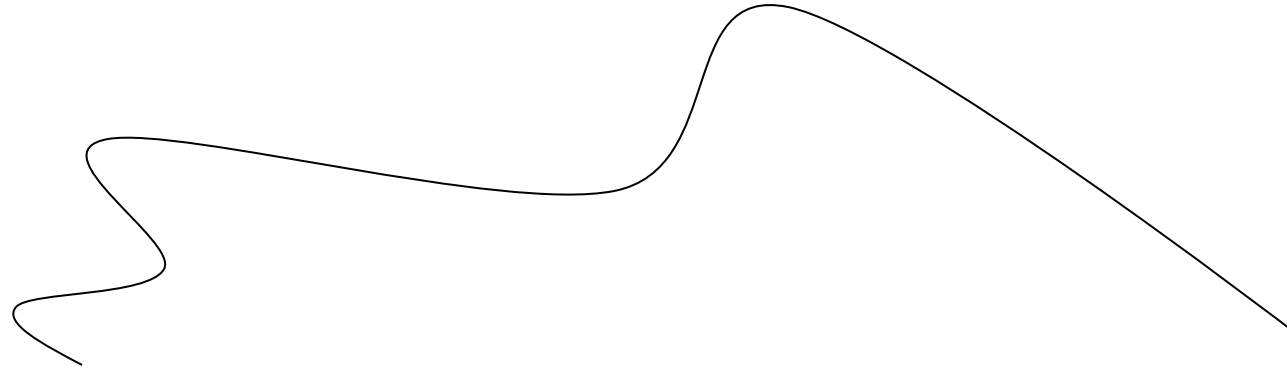
**Nosso território de brincar...**



## Agenciamentos...

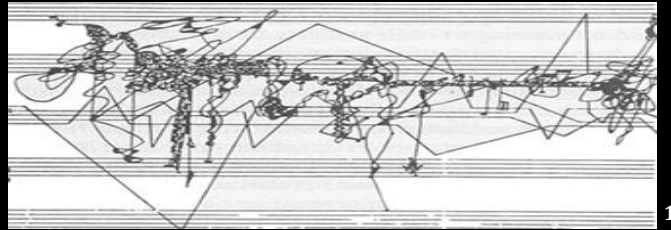
A noção de território aqui é entendida num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que fazem dele a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos.

GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 323



O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir.

GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 323



**(n-1)**

# UM MÉTODO PERIGOSO

*a dangerous method*<sup>2</sup>



<sup>1</sup> Imagem: Deleuze e Guattari (1995, p. 10).

<sup>2</sup> Filme canadense (2012) dirigido por David Cronenberg.



**(n-1)... 078**

*Quando se acabou com tudo  
Espada e escudo  
Forma e conteúdo  
Já então agora dá [...]*

*Mantra*

*Nando Reis e Arnaldo Antunes*





## CENA 27 – UM MÉTODO PERIGOSO

### Atitude (n-1)

Método não estaria aqui no sentido de um “caminho para um fim”, derivado do encontro grego de *metá* (depois, em seguida) com *hodós* (caminho). Como aponta Pires, *metá* pode ser traduzido como “um caminho para o *entre*, um caminho através de. Enfim, um caminho para o próprio caminhar”<sup>3</sup>.

*É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre n-1 (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a n-1. Um tal sistema poderia ser chamado de rizoma*

Pesquisa, Método, Decisão... [palavras de ordem?]

Como decidir por um método de investigação que opere com atitude (n-1), compondo uma pesquisa-multiplicidade?

DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 13-14.

Deambular...

Criar um estilo. Uma passagem de afetos. Traçar linhas de composição com as intensidades que atravessam a pesquisa. No acontecimento, atualiza-se... Algumas linhas<sup>4</sup> em um plano desenham caminhos:

*Escrever a n, n-1.  
Não seja nem uno nem múltiplo, seja multiplicidades! Faça a linha e nunca o ponto! A velocidade transforma o ponto em linha! Linha de fuga. Nunca suscite um General em você! Nunca ideias justas, justo uma ideia (Godard). Tenha ideias curtas.*

✓ **Linhas de conexão e de heterogeneidade:** qualquer ponto de um rizoma pode e deve ser conectado a qualquer outro, sem que haja uma ordem: um início e um fim.

DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 34-35.

---

<sup>3</sup> ROTONDO, 2010, p. 27.

<sup>4</sup> O que chamo aqui de linhas, Deleuze e Guattari o chamam princípios (1995, p. 14 -21).

*Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, intermezzo. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio.*

DELEUZE;  
GUATTARI, 1995.

✓ **Linhas de multiplicidade:** é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo [multiplicidade] que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto. Num rizoma existem somente linhas, situadas em um plano.

✓ **Linhas de ruptura a-significante:** um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas. Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é territorializado. Mas compreende também linhas de desterritorialização, pelas quais ele foge.

✓ **Linhas de cartografia e de decalcomania:** um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural. Toda lógica da árvore é uma lógica do decalque e da reprodução. Diferente é o rizoma, mapa e não decalque.

A decisão pelo então caminho da pesquisa diz de um afeto no encontro – maquinado pelo *Travessia Grupo de Pesquisa* – com os filósofos franceses Gilles Deleuze e Felix Guattari. Na indefinição de um método a seguir, um corpo-professor-pesquisador arrisca-se, com esses dois cartógrafos [principalmente], a caminhar no *intermezzo* da pesquisa, *entre* acontecimentos.

Aventurar no *intermezzo* desta pesquisa que se faz em linhas de afetos. Movimentos variáveis. Metamorfose. Potência de vida. Conexão com o fora. Abertura. Operar com linhas de força que agenciam caminhos; nunca fixam territórios. Força nômade. Em devir...

Quanto um corpo suporta esse exercício de pele?

Relação de forças. Estruturas de poder. Ruptura!? Linhas de fuga... Correr riscos!? Reencontrar no caminho organizações molares. Captura! Jogo de forças. Molecular. Molar. Linhas flexíveis. Linhas duras... Escape! Captura! Traçam-se linhas de conexão. Ausência de ordem: início e fim. Multiplicidade de linhas. Nenhuma indicação de ponto, localização. Ausência de bússola. Sempre sem-lugar.

Ecos...

não há saídas... não... há... sa...ú...das..d..a..s...

Já estou no entre...?

Vozes...

A perda momentânea de rumo não é necessariamente indício de inconsistência<sup>5</sup>...

### **O eco**

*O menino pergunta  
ao eco  
onde é que ele se  
esconde.  
Mas o eco só  
responde: "Onde?  
Onde?"  
O menino também lhe  
pede:  
"Eco, vem passear  
comigo!"  
Mas não sabe se eco é  
amigo  
ou inimigo.  
Pois só lhe ouve  
dizer:  
"Migo!"*

Cecília Meireles

Faça registros!

---

<sup>5</sup> PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 204.

Criar mapas para cartografar os encontros que vão se fazendo com o caminhar-pesquisar. Atenção ao processo. Mergulho na geografia dos movimentos e intensidades e forças e afetos e desejos e e... que atravessam territórios e relações.



Primavera... 31 de Novembro de 2015

Dizem que a tendência desta estação é de chuvas intensas e frequentes.

O dia acordou nublado. Era uma manhã de um sábado.

Um passeio à feira antes do passeio com o mutirão.

Uma mesa em festa, uma conversa...

Meninada liberada; piscina invadida. O Sol não havia acordado, ainda...

<sup>6</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 121.

Há território a partir do momento em que componentes de meios param de ser funcionais para se tornarem dimensionais, quando eles param de ser funcionais para se tornarem expressivos...<sup>6</sup>



MUTIRÃO DA MENINADA DO VALE VERDE - 3/11/2015 - HORA DE APRENDER

NOME: [REDACTED] SÉRIE: 9º

Dia 31/11/15 o dia começou agitado. todo mundo acordando cedo para fazer o suco natural. Cada suco delicioso saiu. Um melhor do que o outro. dentro do ônibus aquela aplicação pra chegar logo. quando chego foi aquela que grita. Piscina, cavalari, almoço. Tudo de bom... Na hora de ir embora. Tava aquele calor dentro do ônibus mas foi ótimo que cheguei em breve doib.

Fluxo do sensível. Multiplicidade se atualiza e opera na formação de dobras. Cruzamento e conexão no plano de composição da pesquisa. Movimento. Produção de territórios existenciais: modos de vida e sentidos vinculados à sua constituição.

*A roda no eterno retorno é, ao mesmo tempo, produção da repetição a partir da diferença e seleção da diferença a partir da repetição...*

DELEUZE, 1998, p.50.

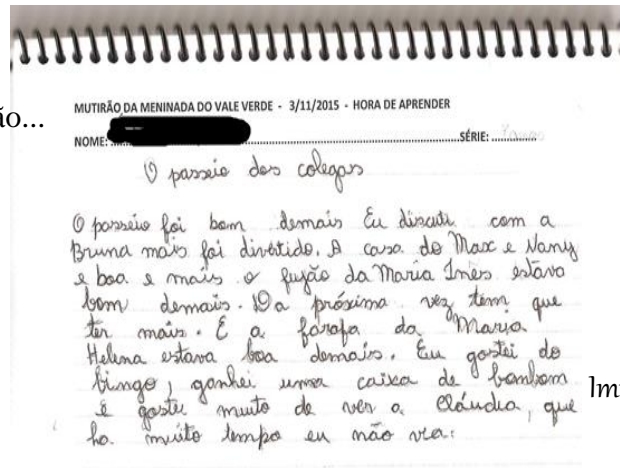
Habitar esses territórios implica em uma disponibilidade e abertura às experiências que atravessam esse *entre*, deixando-se afetar pelos acontecimentos. Tudo isso em uma receptividade [que se distancia de uma passividade] onde as coisas se misturam e se conectam. Velocidades...

À medida que o caminho vai se fazendo, conceitos como Ser, Identidade, Uno... vão se dissolvendo, entregando-se a um conjunto de forças que os empurram em um movimento de *desterritorialização*. Uma repetição no eterno retorno na qual “o ser se diz do devir, a identidade se diz do diferente, o uno se diz do múltiplo” [...] <sup>7</sup>. Operar com esses conceitos junto a uma atitude (n-1).

Efeitos. Intensidade, afetação, composição...

Pesquisa-multiplicidade

Ecos...



Impossível seguir com o mesmo mapa!

<sup>7</sup> (DELEUZE, 1998, p.50).

É preciso produzir vários mapas ou modificar o já existente,  
criando outras linhas.

### **Metodologia do devir**

*Encontrar-se em devir é entrar em um processo de experiência para além da imitação, é entregar-se, cuidadosamente, à imanência da vida que é puro devir...*

O desenho do mapa vai perdendo suas linhas de intensidade com o tempo. Linhas que potencializam o pensar e o viver. Linhas que se abrem para que a pesquisa faça conexão com o campo de experimentação, acompanhando os processos de sua reinvenção.

Produção de desejos, sentidos...

André Monteiro (2006)

vibrações que passam, ondas que se arrastam...

O reinventar-se com a pesquisa exige uma abertura às afetações das forças que atravessam o caminho do pesquisador. Encontrar-se em devir. *Quanto o corpo suporta? Existe um limiar?! O exercício do caminhar-pesquisar requer uma entrega e uma recusa. Entregar-se à experiência, à experimentação de outros modos de produção de vida. Recusa a toda forma molar que impeça a travessia nesses territórios de passagem que vão se fazendo com a pesquisa.*

*O brilho e o esplendor do acontecimento é o sentido. O acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece, o puro expresso que nos dá o sinal e nos espera*

Era É preciso, segundo Rolnik (2007, 2008), convocar para o corpo do pesquisador uma potencialidade ~~que qualifique~~ como “vibrátil”, ou seja, acionar o corpo vibrátil, ~~um corpo que não é forma ou substância, mas sim~~ um corpo que é tocado pelo invisível, pelo que está em processualidade. Habitar ~~aquele~~ um novo território existencial de tal forma que campo e pesquisador ficassem **fiquem** implicados **e impliquem com o mundo, assumindo outros e novos sentidos**<sup>8</sup>.

DELEUZE, 2011, p.152.

---

<sup>8</sup> ROTONDO, 2010, p. 33.



**escrita-convite-composição**

Este rascunho cartográfico aposta na experimentação do pensamento e da vida. Traça linhas que se abrem para a *reinvenção* da pesquisa. Aposta em um método a ser experimentado, *reinventado* e assumido com atitude (n-1).

**linhas de intensidade...**

Um método perigoso?  
Rascunhando um mapa...

*Para mim, acredito que o narrador tenha um  
método,  
o qual no início ele não sabe que ele aprende  
segundo ritmos diferentes, em ocasiões  
muito diferentes, e que esse método,  
literalmente, é a estratégia da aranha? ...*

---

<sup>9</sup> DELEUZE. Disponível em: <<https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2016/09/29/o-narrador-e-uma-aranha-a-aranha-cre-mas-ela-cre- apenas-nas-vibracoes-de-sua-teia-mesa-redonda-com-roland-barthes-e-gilles-deleuze-acerca-de-marcel-proust-transcricao-integral-do-audio/>>. Acesso em: 10 out. 2016.



11 de outubro de 2016

Leitura e piquenique na mata...

*Nossa, que cheiro forte!*

*Que cheiro é esse?*

*É o cheiro da morte.*

*A morte tem cheiro?*

*É o cheiro do meu cavalo, oh!*

*Então, é o cheiro do cavalo que morreu.*

*Minha mãe trouxe ele pra cá.*

*Ele morreu hoje?*

*Não! Ele morreu domingo de manhã.*

*Vamo lá! Quero ver.*

*Os bichos tão comendo ele, coitado.*

*Morreu de quê?*

*Estava doente.*

*Deve ter morrido de frio.*

*Nesse calor?*

*Por que não fizeram o enterro dele?*

*Vamos...a gente tem que pegar nosso livro.*



Era uma tarde de terça-feira. Um dia escolhido para ocupar a mata com leituras e um saboroso piquenique. Um momento que já havia sido adiado pela chuva. Uma trilha no caminho precisa ser explorada. Uns correm, outros caminham, outros preferem alternar, por vezes escapam da trilha. Registros são solicitados. Celular, filmadora, câmera fotográfica... Uma pedra no caminho se faz convite. A espera da turma na pedra, perto da nascente do laguinho da mata, exercita um silêncio. Ali, procuram por vidas, por *modos de vida*.

*Olha o filhote do mosquito da dengue!*

*É mesmo!*

*Vamos correr!*

*Gente, isso é peixe.*

*Não, é girino! Sapo.*

*Girino também vira peixe.*

*Que isso!?*

*Quem te ensinou isso na escola?*

*Sua professora de ciências?*

*Isso tá parecendo é micróbio.*

*Não aprendi na escola.*



*A vida deve ser pensada como uma potência que excede incessantemente as suas formas. Pura potência! Criação.*

*Giorgio Agamben, 2005, p. 286*

*Aprendi com a minha mãe.*

*Ela sabe mais que a professora.*

*Sabe nada!*

*Sua mãe nem estudou na escola.*

*Mas estudou em casa com minha avó.*

*Aqui tem cobra também.*

*Cobra vive na água e na terra.*

*Eu aprendi isso na escola, com a professora Sandra.*

*Olha um pato!*

*Corre gente!*

*Tira foto!*

*Ele fugiu...*

*Também, ficou assustado com tanto barulho.*

*Parece que nunca viram pato.*

*Eu nunca vi.*

*Eu já comi.*

*Eu não.*

*Eu só comi galinha.*

*Vamos, meninada!*

*Estamos quase chegando...*



Naquela tarde, o que estava em jogo era o viver. Produção, experimentação de modos outros de existir... criação!

*Onde vamos ler o livro?*

*Vamos subir na árvore?*

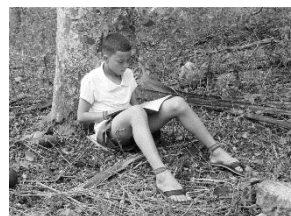
*Pode subir na árvore?*

*Claro que pode!*

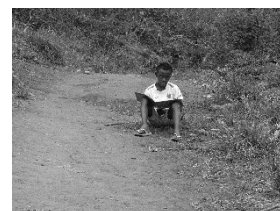
*A gente escolhe o lugar.*

*E se a gente cair?*

*Sai pra lá, aqui é meu lugar.*



As regras do jogo foram dadas: cada um pega o livro que escolheu, vai para o lugar que quiser. Depois, conta a história como desejar e quem desejar.





Entre leituras, piquenique, conversas, silêncios e ruídos, ali estavam aquelas que, movidas pelo desejo da meninada, movimentam uma movimentação. As oficinairas do mutirão da meninada. Neste dia, das quatro oficinairas, apenas uma não pode estar. A jornalista esteve mais cedo na mata com a meninada da manhã.



Um momento que se deu em meio a um desejo de ocupação. Ocupar um território. Ocupar a mata. Um exercício de resistência e luta. *A mata tem dono? Quem é o dono da mata?* Questões insistem, persistem, existem...sempre retornam. Incômodo!

Há uma estética na vida – uma obra a se realizar – que Foucault chama de estilos de vida e Deleuze, de modos de existência, mas há também, nessa produção artista da vida, uma ética, que se constitui como “(...) um conjunto de regras facultativas que avaliam o que fazemos, o que dizemos, em função do modo de existência que isso implica”.

Rotondo com Deleuze, 2010, p. 22

Ética da experimentação. Ética dos devires. Ética da existência. Desejo que se abre em linhas de fuga e de intensidade. Fluxo. Agenciamento. Variação. Corpos se agitam. A ocupação acontece. *E se o dono aparecer?* Enquanto uns se ocupam com a questão, outros se entregam ao exercício de experimentação. Um abandono que aumenta a potência de vida enquanto força de criação. Aciona corpos em resistência. Tensão.

A ação desejante, neste caso, consistirá num processo de criação que orientado pelo poder de avaliação dos afectos (o saber-do-corpo), irá materializá-los em imagem, palavra, gesto, obra de arte, modo de existência ou outra forma de expressão qualquer. E se essa operação conseguir se realizar plenamente, ela dará uma consistência existencial ao mundo de que tal germe é portador, ao dotá-lo de um corpo sensível. Por não ser um representante da experiência que lhe deu origem, mas sim um transmissor de sua pulsação, tal corpo terá um poder de contaminação do seu entorno. É que sua presença viva convoca ressonância nas subjetividades que o encontram, abrindo a possibilidade de que elas também se sustentem na desestabilização (ROLNIK, 2015, p.14)



*Nossa, como esse cavalo fede!*

O cheiro da morte nos acompanha até o atravessamento das águas...

Quanto de morte suporta uma vida?



No seu nobre canto, os jogadores  
movem as peças lentamente.  
O tabuleiro  
retarda-os até à aurora num cativoiro  
severo em que se odeiam duas cores.  
Dentro irradiam mágicos rigores  
As formas: torre homérica, ligeiro  
cavalo, rainha armada, rei derradeiro,,  
oblíquo bispo e peões agressores.  
Quando os jogadores tiverem partido,  
quando o tempo os tenha consumido,  
por certo não terá cessado o rito.  
Foi no Oriente que começou esta guerra,  
cujo anfiteatro é hoje toda a terra.  
Tal como o outro, este jogo é infinito.

Xadrez

Jorge Luis Borges



# O XADREZ DAS CORES

*o xadrez das cores*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Filme brasileiro (2004) dirigido por Marco Shiavon.

## CENA 23 – O XADREZ DAS CORES

*A orquídea parece formar uma imagem de vespa, mas, na verdade, há um devir-vespa da orquídea, um devir-orquídea da vespa, uma dupla captura pois "o que" cada um se torna não muda menos do que "aquele" que se torna.*

DELEUZE; PARNET, Diálogos, 1998, p. 24.

*Uma atenção...*

*à "pedagogia" da imagem e do som que permita pensar o próprio processo produtivo e criativo dos filmes e não apenas utilizá-los como pretexto para se discutir temas e questões que poderiam ser, em última instância, pensados e debatidos sem eles*

ALVARENGA, 2011, p. 212.

*Verão, manhã de sol...*

*Uma jornalista, uma pedagoga*

*Uma orquídea e uma vespa?*

*Um encontro, uma pesquisa...*

Uma oficina se anuncia...

**O que se propõe?**

*Fabricar com a meninada do mutirão problemas que atravessam a violação dos direitos de se viver com dignidade no vale.*

*Uma jornalista. Uma proposta...*

**Dispositivo-disparador: cinema.**

**O que se dispõe?**

*Acompanhar os processos de produção de subjetividade nesse exercício de oficinas com essas vidas que se reinventam no Vale Verde. Capturar os efeitos produzidos com os encontros.*

**O que se compõe?**

*Produção com os efeitos das vibrações experimentadas junto ao mutirão.*



Uma questão escapa...

*Em que o cinema pode "servir" ao pensamento e à educação, mesmo quando não se fala disso?*

questão escapa, arrasta, explode...

toda pergunta clama por resposta?

Cinema...

Um dispositivo dispara afetos, desejos, escritas, leituras. Move um corpo-pesquisador. Dobra a pesquisa. Fluxo do campo de experimentação. Potência. Criação. Estranhamento. Choques no pensamento. Modo outro de pensar. Estranhar o comum. Encontros tramados. Pensar... exercício. Experimentação. Abandono. Cinema. Pensamento. Imagem. Orgânico. Cinema. Pensamento. Nova-imagem. Cristalino. Cinema-pensar...

DE QUE MODO O CINEMA FAZ PENSAR?

MODO? MODOS?

...???

## CENA 07 – CINEMA

Podemos opor a ponto dois regimes da imagem, um orgânico e um cristalino.

Numa descrição orgânica, o real suposto é reconhecido por sua continuidade, mesmo interrompida, pelos *raccords* que a restabelecem, pelas leis que determinam as sucessões, as simultaneidades, as permanências. é um regime de relações localizáveis, de encadeamentos atuais. Conexões legais, causais e lógicas. Bem diferente é o regime cristalino: o atual está cortado de seus encadeamentos motores, ou o real de suas conexões legais, e o virtual, por sua parte, se exala de suas atualizações, começa a valer por si próprio.

Deleuze, 2013, p. 155-156

Orgânico? Sensorio-motor. Tempo. Passado-presente-futuro. Continuidade. Representação. Realidade-corpo-organismo. Imagem-clichê. Previsibilidade. Única realidade. Orgânica-física-psicológica. Automatismo-ação. Ação-reação. Real a ser desvendado. Cinema-ação. Narração verídica.

Cristalino? Óptico-sonoro. Temporalidade. Duração. Diferença. Puro devir. Invenção. Acontecimento. Atual, virtual. Confusão. Dobra no tempo. Variação infinita. Afetos. Efeitos. Abertura. Cisão do tempo. Estranhamento. Cinema. Criação. Novo. Narrativa-acontecimento. Força o pensamento. Ambíguo. Imprevisível. Potência do falso. Cinema-vidente. Narração falsificante.

O que se produz quando a câmara muda  
de lugar?

AS POTÊNCIAS DO FALSO

161

Resulta disto um novo estatuto da narração: a narração deixa de ser verídica, quer dizer, de aspirar à verdade, para se fazer essencialmente falsificante. Não é de modo algum “cada um com sua verdade”, uma variabilidade que se referiria ao conteúdo. É uma potência do falso que substitui e destrona a forma do verdadeiro, pois ela afirma a simultaneidade de presentes impossíveis, ou a coexistência de passados não-necessariamente verdadeiros. A descrição cristalina atinga já a indiscernibilidade do real e do imaginário, mas a narração falsificante que lhe corresponde vai um pouco adiante e coloca no presente diferenças inexplicáveis; no passado, alternativas indecíveis entre o verdadeiro e o falso. O homem verídico morre, todo modelo de verdade se desmorona, em favor da nova narração. Não falamos ainda do autor essencial a este respeito: é Nietzsche, que substitui, sob o nome de “vontade de potência”, pela potência do falso a forma do verdadeiro, e resolve a crise da verdade, quer resolvê-la de uma vez por todas, mas em contraposição a Leibniz, em proveito do falso e de sua potência artística, criadora...

Deleuze, 2013

A narração já não conta mais com um único corpo. Resistência e reinvenção.

Narração, multiplicidade...

Quem narra a pesquisa?

Uma senhora, de cabelos curtos e brancos, caminha em direção a uma casa sem muro. Um corpo pesado, com passadas largas e fortes, invade o silêncio daquela tarde de primavera. A câmara segue seu curso. Ao parar, perto da porta, a velha senhora resmunga algo e entra. Logo após, aparece na janela. Com um olhar desconfiado, movimenta a cabeça de um lado a outro e começa a esbravejar dois nomes que se confundem na agitação de sua voz. A câmara, lentamente, muda seu foco. A lente desliza, permanece aberta e insiste na captura dos acontecimentos que se fazem entre montanhas e vale.

Um sobrevoo...

O que pode um dispositivo?

O desenho do mapa cria outras linhas de intensidade. Linhas que se abrem para que a pesquisa possa fazer conexão com o campo de experimentação. Processo de reinvenção da pesquisa. Abertura às afetações que atravessam o caminho da pesquisa. Entrega à experimentação. Um corpo-pesquisador em devir... Os acontecimentos desenham a pesquisa, transformam um desejo em linhas de intensidade. Corpos produzem e são produzidos. Cria-se dobras em uma pesquisa. Reinventa-se uma pesquisa em educação.

**O QUE PODE A ARTE-IMAGEM  
CINEMATOGRAFICA EM UMA  
PESQUISA?**

Dispositivo clama por outro modo de  
produção...

A câmera sobrevoa o vale. Em movimentos pausados, registra acontecimentos. Sua lente desliza e captura cenas que fogem ao olhar corriqueiro do pesquisador.



O menor, o mínimo, o banal reivindica um lugar na produção da pesquisa. A potência das imagens capturadas provoca estranhamento. Estranhar o comum. Desloca um corpo-

<sup>1</sup> Nilson Alvarenga e Marília Xavier, 2010.

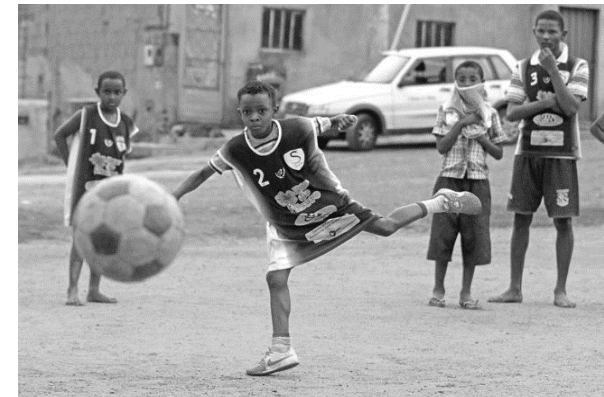
pesquisador e o faz delirar. Deslizar entre as cenas, atravessar as imagens e ser atravessado por elas. Afetar-se pelo sublime do/no banal...

Se para Lopes, o “sublime do banal” está entre o belo e o sublime no sentido clássico dos termos, no primeiro encontra-se a luminosidade e a delicadeza e no outro, a não-convencionalidade, a não-submissão à racionalidade. Em outras palavras – podemos acrescentar para nossos interesses aqui – o sublime no banal aposta na sutileza e na leveza como formas de atingir um sentido não simbólico<sup>1</sup>.



<sup>2</sup> Futebol e fotografia se atravessam e compõem com a meninada uma oficina no vale. Fonte: <http://www.tribunademinas.com.br/alegria-nas-pernas/>

Projeto Fotofut <sup>2</sup>



Lopes associa o sublime às pequenas coisas, ao cotidiano, buscando conectar “[...] o sublime com o extremamente pequeno” e não propriamente ao grandioso<sup>3</sup>.



<sup>3</sup> Nilson Alvarenga e Marília Xavier, 2010.

*Corre menino, corre, pega logo essa câmera e começa a registrar. Agora é a sua vez. Registrar o quê? Registrar os momentos. Que momentos? Do futebol.*

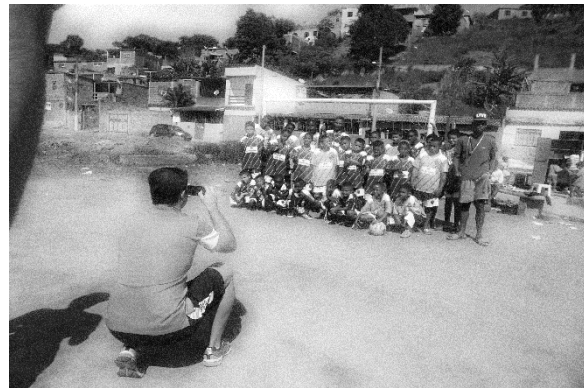


O menino se posiciona para fazer as imagens. Ajusta a câmera do seu jeito e tudo se resolve. Nesse momento, o jogo é interrompido. Um cachorro entra em campo e rouba a bola dos pés do jogador. Todos correm atrás do animal. Depois de um longo aquecimento em volta do campo, o jogo continua.

<sup>4</sup> Giorgio Agamben, 2000a, p.4:  
<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/18557>

*Podíamos fazer um filme com essas imagens. É mesmo! Ia ser bem legal. Um filme do bairro...*

A câmera não fixa um corpo, nem um território. Ela toma corpos e faz com eles movimentos imperceptíveis e imprevisíveis. As imagens produzidas se abrem e revelam mundos e modos de existir.



[...] em que os modos, atos e processos singulares de viver nunca são simplesmente fatos, mas sempre e acima de tudo possibilidades de vida, sempre e acima de tudo potência de vida<sup>4</sup>.



*Gente, agora outra pessoa podia tirar as fotos e filmar. Eu estou cansado. O sol tá muito quente. O que tem que fazer? Registrar os momentos. Que momentos? Do jogo, né! Vai tirando foto do que você gostar e achar legal. Depois a gente vai escolher algumas para fazer um filme. Tá bom! Agora é minha vez.*

A câmera toma outro corpo...

Invenção de outros mundos. Resistência e recusa em aceitar um único modo de existir. Uma meninada exige da vida muito mais do que a existência se contenta em oferecer. Clama por um modo de existir que se abra a experimentações múltiplas, que escape à ditadura do mesmo. Que provoque um estranhamento no pensar, no exercitar, no experimentar, no viver. Uma vida banal, sublime...

O que constitui o sublime é que a imaginação sofre um choque que a leva para o seu limite, e força o pensamento a pensar. Provoca o espanto, transcende o belo<sup>5</sup>...

Uma vida ética, estética e política.



A imagem não deve ser reduzida à sua visualidade, mas ser compreendida em sua alteridade. A imagem, ao contrário do que possa parecer à primeira vista, não se reduz ao que ele possui de visual, pois nela operam também o não-visível, o dizível e o indizível<sup>6</sup>.

Invenção. Afirmção do devir. Diferença. Criação. Estilo de vida. Modos de existir. Vida. Arte. Luta. Resistência. Fugas. Escapes. Linhas de força...

Um mutirão de vidas se afirma em um estilo de viver e modos de existir que escapa às regras impostas por uma lógica majoritária que impera nos territórios existenciais.



Efeitos do menor, do mínimo, do efêmero, do banal...

Captura das múltiplas formas-de-vida<sup>7</sup> que agenciam uma pesquisa.

---

<sup>5</sup> Deleuze, 2013, p. 192

<sup>6</sup> Jacques Rancière, 2009, p. 11.

<sup>7</sup> Giorgio Agamben, 2005.

10 de setembro de 2016

Doador de memórias<sup>8</sup>

Em um fim de tarde de um domingo de inverno, depois de uma conversa descontraída sobre as idas à mata, quatro meninos pedem para assistir a um filme que estava no computador da pesquisadora. Os meninos encontraram um arquivo ao passar as imagens produzidas no celular para outra máquina. Um deles, mais que depressa, leu em voz alta a sinopse que encontrou em um *site*.

Uma pequena comunidade vive em um mundo aparentemente ideal, sem doenças nem guerras, mas também sem sentimentos. Uma pessoa é encarregada a armazenar estas memórias, de forma a poupar os demais habitantes do sofrimento e também guiá-los com sua sabedoria. De tempos em tempos esta tarefa muda de mãos e agora cabe ao jovem Jonas (Brenton Thwaites), que precisa passar por um duro treinamento para provar que é digno da responsabilidade<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> Filme estadunidense (2014) dirigido por Phillip Noyce.

Ali mesmo, na pequena tela do computador, assistimos *Doador de memórias*. Somente o som do filme permaneceu por ali. Tudo isso aconteceu no bairro em um lugar chamado Casa da Cidadania.

O filme terminou. Os meninos, aos poucos, começaram a manifestar seus efeitos e afetos. O dizer sobre o filme não acontece. A ideia do filme desperta nos meninos o interesse por saber mais sobre o bairro onde vivem. A criação do Vale Verde, que antes era uma fazenda. *Quem era o dono da fazenda? Como aconteceu a divisão de terras?* Questões são lançadas e com elas, uma proposta: o que acham de conversarem com os moradores do bairro para saber como era o Vale Verde antes de se tornar o que está sendo hoje? Gostaria

<sup>9</sup> Disponível em:  
<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-195540/>.

que fizessem um registro para que possamos conversar um pouco mais no próximo encontro. Vocês podem escrever, filmar, fotografar, como quiserem registrar. No próximo encontro, ainda vamos marcar, vocês tragam o que produziram. Combinado? Combinado. *Então pode ser como a gente quiser? Isso. Gostei disso! Vou conversar com a vizinha da minha avó. Eu ainda estou pensando. Eu vou perguntar para Maria Helena. Ela sabe de tudo do bairro. A Maria Helena não vale! Tem que ser outra pessoa. Fora do mutirão.*

Enquanto guardava tudo para fechar o local,  
a conversa segue pelas ruas do bairro...

A história do bairro é uma história de luta e sofrimento. Várias pessoas invadiram o bairro, na época eram lotes vazios e sem produção.

*Foi a realização de um sonho. Ter minha casa própria.*

O bairro nasceu da luta de várias pessoas que buscavam o mesmo sonho: ter uma casa para morar. Sair do aluguel. Tinha gente que morava na rua.

O povo daqui é muito carente. Já melhorou bastante. Na época, acho que em 94, eram umas duzentas pessoas ou mais.

Depois de muita luta, a prefeitura fez a doação dos lotes. Mas demorou muito para colocar água, luz, esgoto. Graças a deus hoje a gente tem tudo, até creche para as crianças.

Esse lugar é sagrado. É coisa de Deus mesmo. Porque eu nunca imaginei de ter uma casa para morar. Hoje eu tenho e sou muito feliz aqui.

A paisagem onde hoje se veem casas de alvenaria, algumas ainda sem reboco, já foi mata. No alto, uma fazenda. “Em 1994 houve uma ocupação nesta área. Cheguei a Juiz de Fora em agosto de 1993, e alguns amigos me convidaram para encontrar a comissão de moradores. A ocupação tinha sido feita com alguns barracos de lona. Tinha uma listagem feita pelos círculos bíblicos das comunidades, e era bastante grande. O pessoal ficou na promessa de que seria assentado. Quando cheguei, já estava sendo feito o arruamento. A reunião foi na escada da igreja, e falei com os pais que, se quisessem, eu poderia fazer um trabalho com as crianças e adolescentes. Eles pediram reforço escolar, mas eu não fazia. Poderia fazer atividades para ajudar na escola. Um padre passou a avisar nas missas que haveria exercícios para as crianças. Espalhamos jornais no chão, em 15 espaços, consegui pessoas para coordenar os grupos, e vieram 135 crianças”, recorda-se Maria Helena<sup>10</sup>.

**Tudo começou na Vila da Conquista. A gente não tinha casa pra morar, aí invadimos o terreno da prefeitura. Tava vazio. A prefeitura tirou a gente de lá. Aí eu fui na prefeitura para conversar com o prefeito. Expliquei que tinha muita gente sem casa pra morar, com criança, marido doente e que a gente só queria um lugar pra ficar. Aí ele aceitou de fazer o loteamento na Vila da Conquista.**

**Cê sabe como a gente construiu essas casas tudo aqui? Não sabe, né, menino? Foi assim, a gente fez um mutirão e foi construindo as casas. Todo mundo ajudou. Até as crianças.**

Aqui é conhecido como um bairro violento. Lugar que tem tiro todo dia. Isso não é verdade. Acontece, mas não acontece todo o dia.

**O Vale Verde foi construído por um mutirão de pessoas. A meninada ajudou muito. Por isso, Mutirão da Meninada**

Eu sou velha, mas estou aqui tem pouco tempo. O que eu sei é isso e só...

*Potências de vida se afirmam  
Produção de mundos, de modos de existir  
Entre montanhas e vale, vidas se reinventam  
com a própria vida...*

<sup>10</sup> Fonte: <<http://www.tribunademinas.com.br/outras-ideias-mutirao-da-meninada/>>.



# UM HOMEM COM UMA CÂMERA NA MÃO

*Человек с киноаппаратом<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Filme russo (1929) dirigido por Dziga Vertov.



com uma câmara na r  
adquirindo velocid  
diferentes...



experimentação

**desterritorialização**

do

PLANO DA REPRESENTAÇÃO

para o

plano do acontecimento

**(n-1)... 106**

## CENA 19 – UM HOMEM COM UMA CÂMERA NA MÃO

O que se propõe?

Fabricar com a meninada do mutirão problemas que atravessam a violação dos direitos de se viver com dignidade no vale.

Uma jornalista. Uma proposta...

Dispositivo-disparador: cinema.

O que se dispõe?

Acompanhar os processos de produção de subjetividade nesse exercício de oficiar com essas vidas que se reinventam no Vale Verde. Capturar os efeitos produzidos com os encontros.

O que se compõe?

Produção com os efeitos das vibrações experimentadas junto ao mutirão.

O que se propõe? O que se dispõe? O que se compõe?

**questões insistem, persistem, existem...**

**como uma pesquisa torce um dispositivo?**

**como um dispositivo produz dobras em uma pesquisa?**

dispositivo toma um corpo-pesquisador, dobra a pesquisa, produz saltos, faz a pesquisa delirar...

É preciso produzir vários mapas ou modificar o já existente, criando outras linhas.

Linhas de devir...

Cartografar as produções de vida que se reinventam em um vale. Tecer a escrita com os fios frágeis que compõem uma pesquisa. Experimentar e cartografar as movimentações e, os processos de produção de subjetividade e **a educação** que são produzidos **se faz com junto e ao** Mutirão da Meninada do Vale Verde. **Dar a pensar modos outros de compor uma educação nos diversos territórios existenciais.**

O que se propõe?

Um projeto invade a proposta da pesquisa.

---

Um ponto é sempre de origem. Mas uma linha de devir não tem nem começo nem fim, nem saída nem chegada, nem origem nem destino; e falar de ausência de origem, erigir a ausência de origem em origem, é um mau jogo de palavras. Uma linha de devir só tem um meio. O meio não é uma média, é um acelerado, é a velocidade absoluta do movimento. Um devir está sempre no meio, só se pode pegá-lo no meio. Um devir não é um nem dois, nem relação de dois, mas entre-dois, fronteira ou linha de fuga, de queda, perpendicular aos dois. Se o devir é um bloco (bloco-linha), é porque ele constitui uma zona de vizinhança e de indiscernibilidade, um *no man's land*, uma relação não localizável arrastando os dois pontos distantes ou contíguos, levando um para a vizinhança do outro, — e a vizinhança-fronteira é tão indiferente à contiguidade quanto à distância.

---

DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 80

O QUE É? <sup>2</sup>

O Criativos da Escola encoraja crianças e jovens a transformarem suas realidades, colocando-os como protagonistas de suas próprias histórias de mudança. O protagonismo, a empatia, a criatividade e o trabalho em equipe são os pilares centrais deste projeto que busca envolver e estimular educandos e educadores de diferentes áreas no engajamento e na atuação em suas comunidades.

A iniciativa faz parte do Design for Change, movimento global que surgiu na Índia e está presente em 35 países, inspirando mais de 25 milhões de crianças e jovens ao redor do mundo.

O campo, ao afetar a pesquisa, solicita mudança de rumos, abrindo-se a novas possibilidades de pensamento. "A cartografia é um procedimento *ad hoc*, a ser construído caso a caso" (KASTRUP e BARROS, 2009, p.76). É preciso, segundo Deleuze (2006a), sentir o efeito violento dos signos, o que, pondo-nos em um estado de estranhamento, força-nos a criar sentido para esses signos que se mostram.

ROTONDO, 2010, p. 29

Caminhar no *intermezzo* da pesquisa, *entre* acontecimentos. Correr riscos. Abrir-se ao inesperado. Ser afetado. Deixar-se afetar. Entrar no jogo das linhas de forças. Resistência. Tensão. Vibração... Cruzamentos entre campos. Molar. Molecular. Fluxos. Devires. Representação. Acontecimento. Maquinaria. Produção de dobras.

Atravessar o campo de experimentação da pesquisa e fazer, com ele, outro?

Experimentar o mesmo campo de outro modo?

Criativos da Escola

Um convite a um novo projeto muda as linhas de intensidade da pesquisa forçando um corpo-pesquisador mudar o desenho do mapa em construção

<sup>2</sup> Fonte: Criativos da Escola: <http://criativosdaescola.com.br/>

## DESAFIO

O Desafio Criativos da Escola celebra e premia projetos protagonizados por crianças e jovens de todo o país que, apoiados por seus educadores, estão transformando as escolas, os alunos e suas comunidades. Em 2016, foram selecionados 11 grupos, dentre os 1014 projetos enviados de todas as regiões do Brasil.

Conheça os premiados e faça parte desta rede!

### O QUE ESTAMOS BUSCANDO ?

Projetos (em andamento ou já finalizados) que estão construindo soluções criativas para transformar a nossa realidade.

### QUEM PODE SE INSCREVER ?

Educadores e alunos (Ensino Fundamental I, II e Médio) de escolas públicas ou privadas de todo o país! Também podem ser inscritos projetos de organizações não-governamentais, associações comunitárias e outras.

05 de junho de 2016, domingo à tarde

Um encontro na casa de uma mãe para dizer do projeto. Jornalista, pesquisadora, oficinairas e menina.

Vamos começar? Parece que não vem mais ninguém, não é mesmo?

*Vamos começar, depois a gente explica pra quem não veio.*

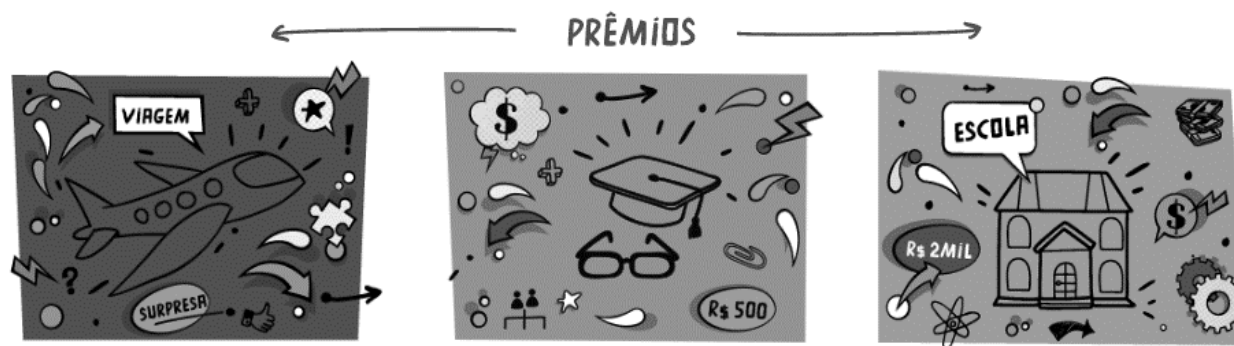
65 - Suspiro, furo, armadilhas, teias... Teias sem **aranhas...** Artefatos benignos de homens morais... Professor, Papai Noel tem barba? Chove sempre no verão? As ilhas bem aventuradas são azuis ou verdes? Corações são capazes de bombear o sangue para narinas? Ursos andam em quatro patas ou rastejam ao sabor do mel das abelhas? Andamos em duas ou esquecemos andar em patas? Duas, seis patas, rabos? Professor, retornar, ir além, aquém, ou... Marcos Vinícius Leite, 2016, p. 184

QUANDO?

O período de inscrições do Desafio 2016 foi de 4 de abril a 15 de outubro. Para a próxima edição, divulgaremos informações durante o primeiro semestre de 2017.

COMO SERÁ A PREMIAÇÃO?

A premiação dos projetos selecionados ocorrerá em Salvador (BA) no dia 6 de dezembro de 2016. Haverá transmissão ao vivo e todos(as) poderão conhecer os jovens e suas ações que mais se destacaram nos seguintes critérios: protagonismo, impacto social, empatia e trabalho em equipe.



Um pequeno vídeo é lançado...<sup>3</sup>

Gostaram?

*Parece ser legal.*


*Vai ser muito legal participar.*

<sup>3</sup> Vídeo: *Chamado para mudança*. Disponível em: <<http://eusoucriativo.com/chamado-para-mudanca>>.

Como produzir e pensar fragmentos que tenham entre si relações de diferença enquanto tal, que tenham como relações entre si sua própria diferença, sem referência a uma totalidade original ainda que perdida, nem a uma totalidade resultante ainda que por vir?  
Deleuze, 2011, p. 62



**CRiATIVOS DA ESCOLA** + O QUE É? + DESAFIO + **INSPIRE-SE** + NOTÍCIAS + CONTATO

**INSPIRE-SE**  MATERIAL DE APOIO


Se você quer começar um projeto de transformação na sua escola, clique no botão acima e faça download do nosso **material de apoio ao educador**. Nele sugerimos uma abordagem de trabalho baseada em 4 passos - Sentir, Imaginar, Fazer e Compartilhar - e diversas atividades que podem ser adaptadas à sua prática.

Conheça abaixo iniciativas, artigos e pessoas que, a partir de diferentes caminhos, também estão transformando o mundo. Clique em cada verbo e inspire-se!


Uma conversa sobre o projeto reivindica uma pergunta:  
 Quem gostaria de participar?

**CRiATIVOS DA ESCOLA** + O QUE É? + DESAFIO + **INSPIRE-SE** + NOTÍCIAS + CONTATO

**01 SENTIR**

 Como praticar uma escuta atenta e exercitar nossa empatia e sensibilidade? Entrar em contato com os sentimentos é uma maneira de conhecermos a nós mesmos e aos outros.


**02 IMAGINAR**

 Como estimular a imaginação? Para onde a criatividade pode nos levar? Quando escutamos abertamente, as ideias podem apontar uma infinidade de caminhos transformadores.


Todos os presentes... meninada, mãe, jornalista, oficinairas e... pesquisadora

**CRIATIVOS DA ESCOLA** + O QUE É? + DESAFIO + INSPIRE-SE + NOTÍCIAS + CONTATO

**03 FAZER**

 Do que precisamos para “colocar a mão na massa”? Como mobilizar as pessoas ao nosso redor? Acreditar nos nossos sonhos é o ingrediente inicial para essa empreitada

**04 COMPARTILHAR**

 Qual o sentido de compartilhar? Como contar uma boa história? Quando compartilhamos, somos capazes de sensibilizar outras pessoas e transformar olhares.

Anotem, por favor, em uma folha os nomes, telefones e endereço dos participantes.

**CRIATIVOS DA ESCOLA** + O QUE É? + DESAFIO + INSPIRE-SE + NOTÍCIAS + CONTATO

<b>ALÉM DOS MURROS DA ESCOLA</b>	<b>PLANTAS MEDICINAIS</b>	<b>CRIATIVIDADE BRASILEIRA NA CHINA</b>
Estudantes mobilizam comunidade e transformam bairro da zona leste de São Paulo (SP) “Aprender não é só ficar dentro de [...]	Valorizando o conhecimento de idosos do município, jovens de Rio do Antônio (BA) criam catálogo com mais de 70 espécies [...]	Estudantes e professores brasileiros vão à China para representar o Brasil em conferência global sobre projetos de transformação realizados por [...]

Vamos pensar em um nome para nosso projeto?

Pensem em um nome bem bacana.

Tudo o que é produzido pela subjetivação capitalística – tudo o que nos chega pela linguagem, pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam – não é apenas uma questão de ideia [...]. Tampouco se reduz a modelos de identidade ou a identificações. Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social [...] que definem a maneira de perceber o mundo.

Guattari e Rolnik, 1986, p.34

**CRIATIVOS DA ESCOLA** + O QUE É? + DESAFIO + INSPIRE-SE + NOTÍCIAS + CONTATO

**DESAFIO 2016: COLABORAÇÃO NA PRÁTICA!**

Após três dias de atividades, os 11 grupos selecionados no Desafio Criativos da Escola 2016 produziram vídeo colaborativo e foram [...]

**PARACOLETA**

Jovens criam lixeiras com pneus usados e provocam discussão sobre sustentabilidade em Paraisópolis, São Paulo (SP). Para amenizar o problema [...]

**DESAFIO 2016 – COMEÇA OS PREMIADOS**

Após inscrição de 1014 projetos, jurados selecionam 11 grupos que irão para Salvador (BA) na primeira semana de dezembro. Invenções [...]

**Criativos do Vale Verde. Eis o nome!**

**CRIATIVOS DA ESCOLA** + O QUE É? + DESAFIO + INSPIRE-SE + NOTÍCIAS + CONTATO

Movimento Global



Parceria Institucional



Parceria



Apoio



Redes Parceiras



- Regulação.
- Produção de produção.
- Máquinas de máquinas.
- Totalidade.
- Máquina-órgão.
- Regulamentação.
- Arrançamento.
- Unidade.
- Normalização.
- Movimento.
- Campo fechado.
- Representação.
- Poder.
- Dominação.
- Desejo-falta.
- Castração.

Qual será a proposta do nosso projeto? Qual o chamado de mudança no bairro? Qual ou quais problemas estão presentes no Vale Verde?

Um varal de possibilidades foi criado e cada um que estava presente sugeriu duas ideias, sem se identificar. Depois, foi feita uma votação. Algumas propostas: sinalizar as ruas do bairro, gramar o campinho onde jogam futebol, colocar quebra-molas, limpar o laquinho da mata, acabar com a violência no bairro, deixar o bairro mais limpo...

Entre gramar o campinho de futebol e limpar o lago da mata, decidiu-se pela segunda proposta. Inicialmente, pensou-se na possibilidade das duas propostas caminharem juntas. Uma das oficinas sugeriu apenas uma, preocupada com o prazo para finalização e entrega do material desenvolvido. Então, a limpeza do laquinho da mata foi a proposta escolhida para participar do projeto "Criativos da Escola".

Qual o próximo passo?

Ir à mata conhecer o laquinho, quem ainda não conhecia.

Vamos hoje, a meninada se animou.

Hoje não, gente, precisamos estar com vestes apropriadas.

Vamos então no próximo domingo?

Que horas?

14h

Onde vamos nos encontrar?

Na Casa da Cidadania

Combinado!

Quem não veio hoje pode participar?

Pode!

Avise para quem não veio hoje.

Mesmo quem não quiser participar do projeto, pode ir à mata com gente.

Levem água, algum equipamento para registro: câmera, celular, papel, lápis... o que tiverem e quiserem

Não se atrasem!

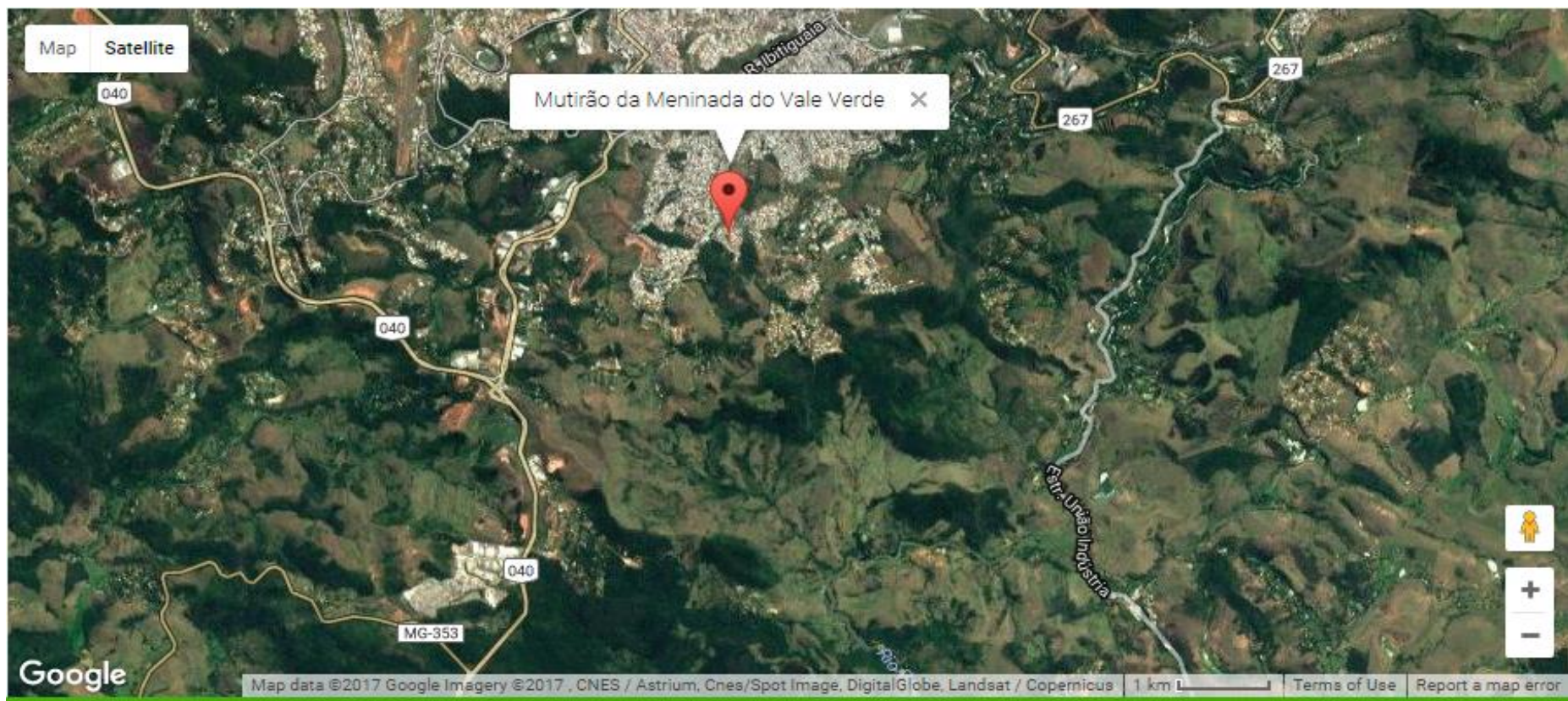
Projeto disparado pela jornalista, envolvendo a meninada do mutirão, as quatroicineiras, alguns pais e uma pesquisadora...

O que se dispõe?

Cartografar e experimentar esse exercício de produção de outros modos de compor com a educação, modos de existir e ocupação de um território. Acompanhar os processos de produção de subjetividade nesse exercício de oficinas com essas vidas que se reinventam no Vale Verde. Capturar os efeitos produzidos com os encontros.

O que se compõe?

Produção com os afetos e efeitos das vibrações experimentadas junto ao mutirão. Um mapa intensivo de uma viagem experimentada no mesmo e em outros territórios...



---

Uma lista de afetos ou constelação, um mapa intensivo, é um devir [...] A imagem não é só trajeto, mas devir. O devir é o que subtende o trajeto, como as forças intensivas subtendem as forças motrizes. [...] É o devir que faz, do mínimo trajeto ou mesmo de uma imobilidade no mesmo lugar, uma viagem; e é o trajeto que faz do imaginário um devir. Os dois mapas, dos trajetos e dos afetos, remetem um ao outro

DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 77

---

12 de junho de 2016

Expedição na mata...

Manhã fria de um domingo, mesmo com a presença do Sol...

Na praça, alguns à espera; outros, ainda na cama. Liga pra uns, vai à casa de outros e... tudo preparado para a invadir a mata. Neste dia, catorze membros da equipe enfrentaram o frio cortante, a meninada, a jornalista, umaicineira (coordenadora do Mutirão da Meninada) e uma mãe. Na mata, o vento trazia um ar puro e gélido. Era uma expedição para ver a situação da mata e do laguinho. No caminho, algumas vezes iam mostrando a mata, seus encantos e desencantos. Já nos primeiros passos, lixos. A meninada logo foi registrando e dizendo da importância de se limpar o lugar. Adiante, uma longa trilha a seguir. Entre conversas, brincadeiras, risos, gritos, caídas, tropeços...chegamos ao laguinho da mata. Muito lixo, de todo tipo, no entorno (algodão, roupas velhas, vidros, papel, garrafas, cigarros, remédio, potes de plástico, pneu, sapato...). Quem fez isso, o cachorro? Uma voz surge ao ver um bolo de papel higiênico deixado na trilha. Um cachorro? Espanto! Racionalidade. Absurdo! Um cachorro? Perto da nascente, mais e mais lixos e alguns materiais perfurocortantes. A preocupação da meninada era a de não existir mais o laguinho e a cachoeira, que um dia foi lugar de diversão. Nadar, não podiam. Seguimos até a cachoeira e vimos um habitante, um pato, que se assustou com tanta admiração e gritos eufóricos. *Viu o que vocês fizeram?* A caminhada continuou e o encantamento com aquele lugar foi produzindo desejos:

vamos fazer piquenique aqui na mata? *E se a gente plantasse mais plantas aqui? A gente podia fazer um dia de leitura na mata. Vamos cercar a mata para as pessoas não sujar? O casarão podia ser reformado e virar a sede do mutirão. Aqui podia ter uma escola, uma escola diferente, com parquinho, piscina, trilha de passeio.* Ia ser muito legal. *Uma escola bem diferente, cheia de árvores e de bichos. Eu ia querer morar nessa escola. Já nada, aqui tem assombração. Seu medroso, quem falou isso? Você já viu? Uma escola sem parede. E se chover? É mesmo.* ENTÃO... UMA ESCOLA COM PAREDE DE VIDRO. *E o quadro da professora? E PRECISA DE QUADRO, MENINA? A gente podia sentar no chão. Suja a roupa. Cada um traz um pano, né?* Ia ser bom pra dormir. Eu faria aqui um clube. **Que bobeira, gente! Esse lugar tem dono.**

Nesse momento, só se escutava o som da mata... quando uma voz o atravessou:

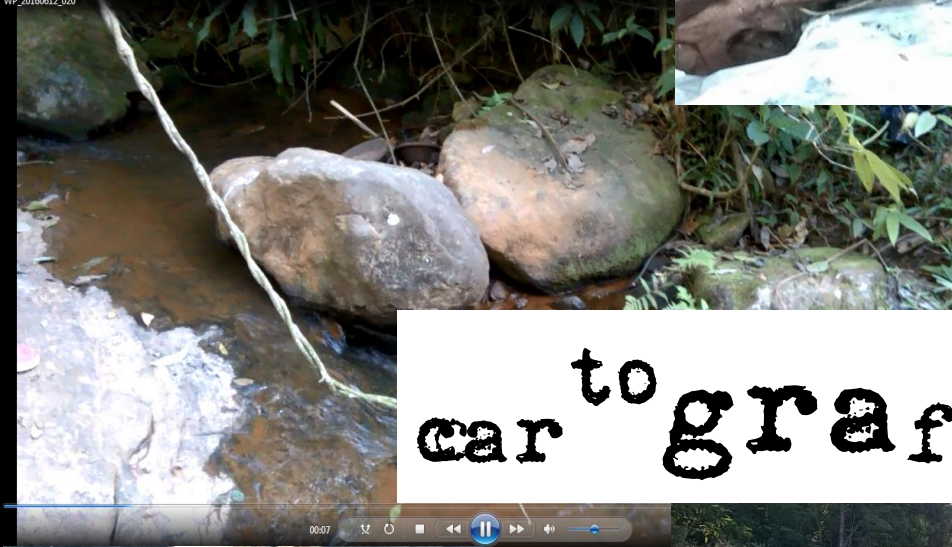
Quem é o dono da ~~mata~~ vida?

Qual a saúde que seria suficiente para libertar a vida em todo o lado onde ela está presa, pelo homem e no homem?<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Deleuze. Disponível em: <[http://www.rogerioa.com/resources/Opt\\_Lit/Deleuze---Literatura.pdf](http://www.rogerioa.com/resources/Opt_Lit/Deleuze---Literatura.pdf)>.





car to grafias



no que acontece...

Desfazer o organismo nunca  
foi matar-se, mas abrir o corpo  
a conexões que supõem todo  
um agenciamento...

Deleuze e Guattari, 2008, p. 22

Mil Platôs III

*Segundo Nietzsche, a vontade  
de potência tem duas  
tonalidades: a afirmação e a  
negação; as forças têm duas  
qualidades: a ação e a reação.*

Deleuze, 2011, p. 131

Crítica e Clínica

*Mistério de Ariadne segundo  
Nietzsche*

APRENDEMOS NÃO A FALAR, MAS A BALBUCIAR, E SÓ PONDO-NOS À  
ESCUTA DO BARULHO CRESCENTE DO SÉCULO, E UMA VEZ  
EMBRANQUECIDOS PELA ESPUMA DE SUA CRISTA É QUE ADQUIRIMOS  
UMA LÍNGUA

DELEUZE, 2011, P. 139

CRÍTICA E CLÍNICA

GAGUEJOU...

um roteiro de fabulações<sup>1</sup>

349 – Ainda a procedência dos eruditos

A luta pela existência é apenas uma  
*exceção*, uma temporária restrição da  
vontade de vida; a luta grande e pequena  
gira sempre em torno da  
preponderância, de crescimento e  
expansão, de poder, conforme a vontade  
de poder, que é justamente vontade de  
vida.

Nietzsche, 2001, p. 244

A Gaia Ciência, Livro V

**O acontecimento não  
é o que acontece  
(acidente), ele é no  
que acontece...**

**DELEUZE, 2007,  
p.152.**

*De ser ao escrever*

*Que todo mundo possa  
aprender a ser a longo prazo isso  
estraga não só a escrita, mas  
também o pensamento...*

*Nietzsche, 2011, p. 40*

*Assim falou Zaratustra I*

**Os animais emitem  
signos, não param  
de emitir signos,  
produzem signos no  
duplo sentido:  
reagem a signos, por  
exemplo, uma  
aranha: tudo o que  
toca sua tela, ela  
reage a qualquer  
coisa, ela reage a  
signos**

**Deleuze**

**Abecedário - A de  
Animal**

<sup>1</sup> Com Conexões: Deleuze e vidas e fabulações e ... *fac(t)s of life*, Maglioni, Thomson, 2011, p. 173 – 191.

“Será possível fazer a língua gaguejar sem confundi-la com a fala?”

“Passioné nez passionem je  
je t'ai je t'aime je  
je je jet je t'ai jerez  
je t'aime passionem t'aime.”

“gitar e surruído”

05/11/16

Produção de discursos e rítos de discurso

Textos e grupos

- Mil Platô II / Postulados da linguística I  
A linguística: seus fundamentos e comunicações  
Das línguas e recursos / gramática  
Maurice Bula, Fabrice, Gabriela (19/11)
- Crítica e Clímax / Gaguejar  
A qual ciência dos  
Mecanismos A de vocal  
Marcus Clímico, (Miro), Maria (12/11)
- Mil Platô II / Postulados da linguística II  
Quais línguas 348 e 349  
Se se poderia estudar, criticamente, um  
língua se as condições de língua línguas  
de André  
Cyrano, Fernando, Cláudio
- Mil Platô III / Postulados  
Das línguas e línguas se línguas / gramática  
Sonia, Marquilha, Bruno (14/01/16)
- Mil Platô III / Línguas e línguas se línguas C30?  
O movimento da línguas 12  
Luciano, (Lili), Sueli (17/11)

“Educação possível”  
“O fim do surruído”  
21/01/16  
“Quando sento que já”

“Linha branca”

→ língua: “O milagre de (Amy Sullivan)”

- civilização
- existe um “eu” anterior à linguagem?
- a gente se torna na linguagem?
- e supõe-se se dá com a aquisição da linguagem?
- exercícios de escrita
- significância
- processo

Mão há língua  
que não escrita  
para um  
significância

linguagem  
falada de si

uma língua  
escrita...


- elemento discursivo
- dispõe de uma discussão sobre uma constituição
- vontade de poder
- certo aliado
- potência de vida
- Espíritos
- potência pura
- contínuo de variações
- busca pelas constantes
- a prudência não tem autoconservação
- livro “Tatu Dalão”
- produção de efeitos com...
- vai existir com o mundo
- vida - corpo - linguagem
- a variação se dá para valer de suposto
- e que permite a variação está na ordem da
- civilização ou da cultura
- máquina valística
- são efeitos
- atitudes - distintas (cartografia)

A palavra de ordem é, precisamente, a variável que faz da palavra como tal uma enunciação. A instantaneidade da palavra de ordem, sua imediatidade, lhe confere uma potência de variação em relação aos corpos aos quais se atribui a transformação. (MP11, p. 22)



A linguagem não é a vida, ela dá ordem à vida; a vida não fala, ela escuta e guarda. (MP11, p.13)





The Island of Dr. Moreau

Cinema,

máquina de produzir choques e  
violência ao pensamento...

**Memento**

*O milagre de  
Anne Sullivan*

A infância Selvagem

O cinema não é língua,  
universal ou primitiva,  
nem mesmo linguagem.

Ele traz à luz uma  
matéria inteligível, que  
é como que um  
pressuposto, uma  
condição, um correlato  
necessário através do  
qual a linguagem  
constrói seus próprios  
“objetos” ...

L'enfant sauvage

Cinema,

dispositivo potencializador da  
cartografia dos modos de  
subjetivação...

A ilha do Dr. Moreau

Deleuze, 2013, p. 311

A imagem-tempo

**Amnésia**

Cinema,

máquina de produzir

estranhamentos...

**The Miracle  
Worker**

**Muro-branco**  
**Buraco-negro?**

**Deleuze e Guattari,**  
**2008, p. 34**

**Mil Platôs III**  
**Hostidade**

Retomemos à  
questão:

Em que é assim  
definida uma  
função-  
língua, uma  
função  
coextensiva à  
língua?

Deleuze e  
Guattari, 2008, p.  
25

Quem, além de mim, sabe  
quem é Ariadne?

A questão *quem?* não  
reclama pessoas, mas forças e  
quereres.

Deleuze, 2011, p. 129

Crítica e Clínica

Mistério de Ariadne segundo

Nietzsche

Mas o homem não pode viver  
no caos. Os animais podem.

Para o animal tudo é caos,  
havendo apenas algumas  
poucas e recorrentes agitações  
e aparências em meio ao  
tumulto. E o animal fica feliz.

Mas o homem não. O homem  
deve envolver-se em uma visão  
e construir uma casa que  
tenha uma forma evidente e  
que seja estável e fixa. No  
pavor que tem do caos, começa  
por levantar um guarda-  
chuva entre ele e o  
permanente redemoinho.

Então, pinta o interior do  
guarda-chuva como um  
firmamento. Depois, anda à  
volta, vive, e morre sob seu  
guarda-chuva. Deixado em  
herança a seus descendentes,  
o guarda-chuva transforma-  
se em uma cúpula, uma  
abóbada, e os homens  
começam a sentir que algo  
está errado.

O caos da poesia

Lawrence

Pois a questão não era: como  
escapar à palavra de ordem?, mas  
como escapar à sentença de morte  
que ela envolve, como desenvolver  
a potência de fuga, como impedir a  
fuga de se voltar para o imaginário  
ou de cair em um buraco negro,  
como manter ou destacar a  
potencialidade revolucionária de  
uma palavra de ordem?

Deleuze e Guattari, 2008, p. 58

Mil Platôs II

Para cada tipo de  
CoO devemos  
perguntar:

1) Que tipo é este,  
como ele é fabricado,  
porque procedimentos e  
meios que pronunciam  
já o que vai acontecer;

2) e quais são estes  
modos, o que acontece,  
com que variantes, com  
que surpresas, com que  
coisas inesperadas em  
relação à expectativa?

Deleuze e  
Guattari, 2008, p. 12

Mil Platôs III

com uma disciplina da Pós-Graduação em Educação

afetos, efeitos, vibrações, experimentações

pedem passagem...

dobra em uma Academia

no que acontece...

Apostar na experimentação e nos modos outros de produção com a disciplina e com a pesquisa e com a vida e e e... Uma aposta que diz da potencialidade dos encontros que se fizeram *entre* acontecimentos...

O que pode uma disciplina acadêmica?

Como produzir pesquisa com os acontecimentos que se fazem com e em uma disciplina de um curso de pós-graduação?

Como atravessar um corpo em desejos e devires?

Como encontrar seu CsO?

eee

???

....

um exercício de atenção e espera...

## um corpo em experimentação

intensidade...

produção de intensidade no encontro  
com o que violenta o pensamento, com  
o que o força a pensar...

EXPERIMENTAÇÃO...

DIZ DE UM MOVIMENTO DE  
DESTERRITORIALIZAÇÃO DO PLANO  
DA REPRESENTAÇÃO PARA O PLANO  
DO ACONTECIMENTO...

**virtualidade...**

**a virtualidade se  
atualiza,  
diferenciando-  
se, e criando  
linhas de  
diferenciação  
que é sempre  
criação...**

linha de fuga...

intensidade

escape

resistência

dispositivo...

máquina de produção de modos  
de experimentar com a vida...

corpo...

o corpo não é resultado de  
relações, mas a própria  
relação...

*debra...*

*expressão de modos  
possíveis de produção de  
pesquisa, de disciplina, de  
mundo... produção do  
novo...*

movimento...

a condição do  
movimento é  
a dissolução...

mente...

a mente é incorpórea, mas  
material...

Subjetividade...

A produção de  
subjetividade  
nasce da  
materialidade...

desejo...

não há desejo  
que não corra  
para um  
agenciamento...

vozes capturadas...

gilles deleuze

fernanda  
azevedo

marcus  
vinícius  
leite

*marta oliveira*

saulo  
silveira

bruna flausino

sônia clareto

*margareth rotundo*

*giovani cammarota*

*d. h. lawrence*

nilson alvarenga

fabrício  
carvalho

galdino  
rodrigues

tarcísio mendes

**félix**  
**guattari**

friedrich  
nietzsch

*silvio*  
*gallo*

*cláudio*  
*gamarano*

leiliane paixão

maria paula belcavello

**nilma**

gabriela  
machado

**lacerda**

*marcos*

*afine silva*

*vinícius*



composição com os efeitos e vibrações que se fizeram na disciplina **tópicos especiais em linguagem, conhecimento e formação de professores estudos deleuzianos. nararrativa e corpo e formação e e e...** disparada pela professora margareth rotondo, em um curso de Pós-Graduação em Educação/PPGE da Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF. Segundo semestre de 2015, invadindo o início do primeiro semestre letivo de 2016.

uma disciplina que ocupou lugar em um território de passagem que produz modos de se compor com a Educação e com uma educação...

dobra que produziu escapes com os dispositivos atravessados e compostos por linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação, linhas de ruptura, linhas de fissura, linhas de fratura, linhas de fuga... que se entrecruzaram e se envolveram entre fios de afetos que atravessaram e arrastaram corpos com exercícios de pele, experimentações...

conexão com o caminhar-pesquisar que movimenta um corpo-pesquisador em processo de produção de si, com os acontecimentos que vão se constituindo e se tornando campo de experimentação da pesquisa, do pensamento e da vida.

cartografar os encontros desta disciplina diz de um movimento sempre em devir...

uma disciplina que produziu corrente de ar fresco, vitalidade, potencialidade, experimentação, escapes, *desreterritorialização*... modos outros e novos de composição com a pesquisa em uma Academia, escola de Formação e formação...

*Pergunto:*

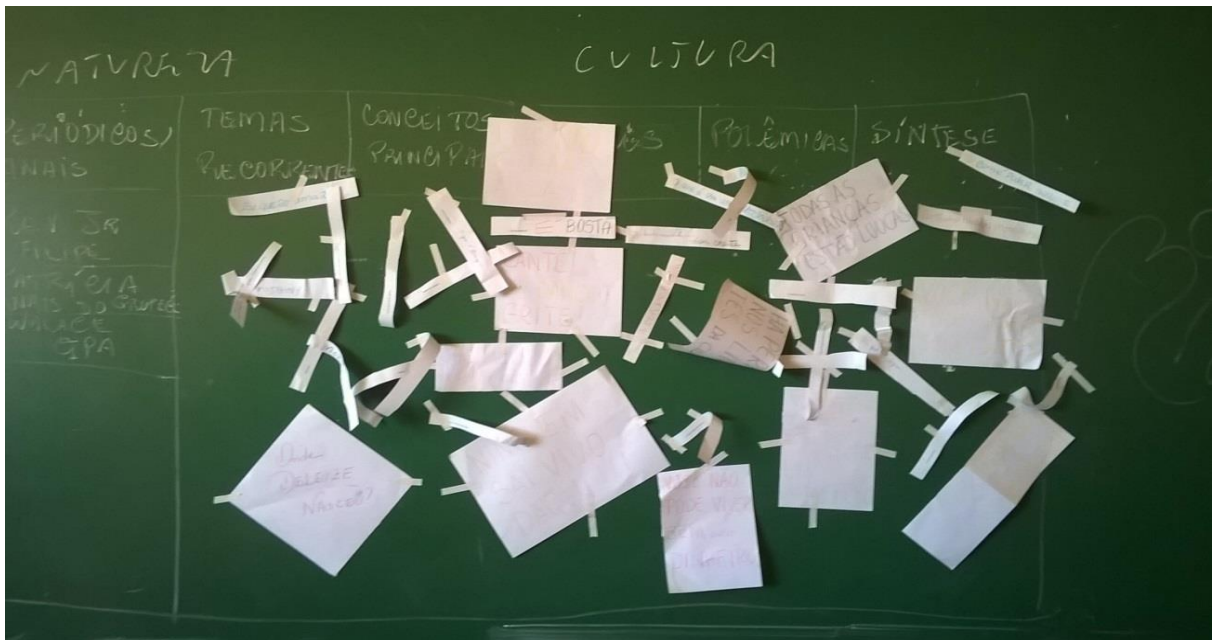
*o que prende esta escola, que [comumente] lhe tira o ar, o alimento, uma sadia vitalidade, oferecendo-lhe ao contrário o mofo, os fungos que apodrecem e decompõem?<sup>2</sup> O que prende esta escola que, raramente, uma disciplina se lança para fora do abrigo acadêmico, experimentando outros modos de produção e de formação e de educação e e e...? O que prende esta escola?*

---

<sup>2</sup> Com Nilma Lacerda em *Manual de Tapeçaria*, 2006, p. 166.

## O JOGO DE CRÍQUETE NO CAMPO DA RAINHA<sup>1</sup>

“Eu não acho que eles joguem de maneira muito certa”, Alice começou em um tom de queixa, “e discutem de um jeito tão maluco que você não consegue ouvir ninguém falar... e parece que eles não têm nenhuma regra. Finalmente, se têm, ninguém parece respeitar...” [...]”<sup>2</sup>.



**Regras : pa Lavra de orde<sup>M</sup> que Mpera no ca<sup>M</sup>po da Ra l<sup>l</sup> nha**

Comecem a jogar ou ordenarei que lhes cortem a cabeça!!!

O jogo começou... sem regras nem juiz.

Os jogadores... sem posição definida.

Quem vence a partida?

Sem vencedores, sem perdedores,

apenas jogadores...

<sup>1</sup> Alice no País das Maravilhas. CARROLL, 2002, p. 74.

<sup>2</sup> Alice no País das Maravilhas. CARROLL, 2002, p. 81.

Jogar<sup>3</sup>: verbo transitivo direto e intransitivo. Arriscar, aventurar, entreter, disparar, apostar, divertir, praticar... Verbo se faz substantivo na ação de experimentar. Experimentação. Jogo: experimentação-escrita. Jogar o jogo ou evitar a partida? Por onde começar?

*Comece pelo começo! Disse o Rei.*

*Um começo que se inicia pelo meio? Aqui, “começar significa eliminar todos os pressupostos”<sup>4</sup>? Aqui, as coisas adquirem velocidades e ritmos diferentes? Aqui, o jogo com a escrita “extravasa qualquer matéria vivível ou vivida”<sup>5</sup>? Aqui, habita a multiplicidade? Aqui, jogar é invenção de problema, puro devir...?*

Jogar com a escrita acadêmica o jogo da Academia. Uma escrita atravessa a própria escrita e se faz dispositivo. Invenção de problema! Exercício de um corpo-pesquisador que sobrevoa outros modos de compor com a pesquisa. Compor uma escrita que escape o modo Academia de escrever. Um convite a um exercício de experimentação. “Sobrevo”<sup>6</sup> com este problema que clama por uma escrita-multiplicidade. Que reivindica uma dimensão ética-estética-política da escrita acadêmica. Escrita, multiplicidade-estilo-produção...

**Para que serve uma escrita acadêmica, sem regras definidas?**

Então, ela pensava consigo mesma (tão bem quanto era possível naquele dia quente que a deixava sonolenta e estúpida) se o prazer de fazer um colar de margaridas era mais forte do que o esforço de ter de levantar e colher as margaridas, quando subitamente um Coelho Branco com olhos cor-de-rosa passou correndo perto dela<sup>7</sup>.

---

<sup>3</sup> Dicionário *online*: disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=jogar>>.

<sup>4</sup> Diferença e Repetição. DELEUZE, 2000, p. 128.

<sup>5</sup> Crítica e Clínica. DELEUZE, 1997, p. 11.

<sup>6</sup> O que é a Filosofia? DELEUZE; GUATTARI, 2010.

<sup>7</sup> Alice no País das Maravilhas. CARROLL, 2002, p. 5.

## CONSELHO DE UMA LAGARTA<sup>8</sup>

A Lagarta e Alice olharam-se uma para outra por algum tempo em silêncio: por fim, a Lagarta tirou o narguilé da boca, e dirigiu-se à menina com uma voz lânguida, sonolenta<sup>9</sup>.

A escrita esposa uma máquina de guerra e linhas de fuga, abandona os estratos, as segmentaridades, a sedentaridade, o aparelho de Estado. Mas por que é ainda necessário um modelo?<sup>10</sup>.

*A escrita acadêmica se faz para impor um modelo?*

A escuta da escrita... Alice cresce e diminui. Puro acontecimento! Escrita-acontecimento. "Um processo, uma passagem de vida que atravessa o vivível e o vivido"<sup>11</sup>. Devir-animal da escrita, sempre inacabado. As coisas se conectam e se misturam. Alice cresce e diminui. Escrita, acontecimento...

## QUEM ROUBOU AS TORTAS?<sup>12</sup>

Bem no meio da corte havia uma mesa, com um grande prato de tortas sobre ela: elas pareciam tão deliciosas que Alice ficou com fome só de olhá-las e pensou "Tomara que o julgamento termine logo e eles sirvam o lanche!"<sup>13</sup>.

Roubar, desejar, saborear... Verbos em exercícios de experimentação. Desterritorializar. Sair do plano da representação para o do acontecimento. Uma escrita escapa às regras. Cria linhas de fuga. Evoca um estilo de pensar. Afirma modos de existir. Escrita, sintoma de um corpo...

*Um sabor-escrita com cheiro de música...*

---

<sup>8</sup> Alice no País das Maravilhas. CARROLL, 2002, p. 41.

<sup>9</sup> Alice no País das Maravilhas. CARROLL, 2002, p. 41.

<sup>10</sup> Mil Platôs I. DELEUZE; GUATTARI, 2000, pp. 34-35

<sup>11</sup> *A literatura e a vida*, DELEUZE. Disponível em: < [http://www.rogerioa.com/resources/Opt\\_Lit/Deleuze---Literatura.pdf](http://www.rogerioa.com/resources/Opt_Lit/Deleuze---Literatura.pdf)>.

<sup>12</sup> Alice no País das Maravilhas. CARROLL, 2002, p. 105.

<sup>13</sup> Alice no País das Maravilhas. CARROLL, 2002, p. 105.

## O DEPOIMENTO DE ALICE<sup>14</sup>

“Por onde devo começar, se Vossa Majestade permite?”, ele perguntou. “Comece pelo começo, disse o Rei com muita gravidade, “e siga até o fim: daí pare.” Fez-se um silêncio mortal na corte enquanto o Coelho lia estes versos: [...]”<sup>15</sup>.

*Uma escrita tem cheiro*  
*Uma escrita tem sabor*  
*Uma escrita tem cor*  
*Uma escrita tem ritmo*  
*Uma escrita tem som*  
*Uma escrita tem lugar?*

Filosofia-Arte-Educação, intercessores confabulando invenções com uma escrita acadêmica em educação, em uma sala de aula, em uma Academia. Jogar o jogo no campo da Rainha. Correr riscos. Cria-se espaços de experimentação. Mesmo campo! Outro campo... Acontecimento! Movimentos retornam sempre outros. Delírio! Puro devir... Um verbo se faz substantivo na ação de inventar. Invenção. Escrita, potência de criação...

Para escrever, **uma escrita acadêmica**, talvez seja preciso que a língua ~~materna~~ **da Academia** seja odiosa, mas de tal maneira que uma criação ~~sintática~~ nela, **com a arte**, trace uma espécie de língua estrangeira, e que a linguagem inteira revele seu fora, para além de ~~toda sintaxe~~ **um modelo**<sup>16</sup>.

...<sup>17</sup>

---

<sup>14</sup> Alice no País das Maravilhas. CARROLL, 2002, p. 114.

<sup>15</sup> Alice no País das Maravilhas. CARROLL, 2002, p. 117.

<sup>16</sup> Com Deleuze em: Crítica e Clínica. DELEUZE, 1997, p. 16.

<sup>17</sup> BELCAVELLO, Maria Paula, 2016. Texto produzido em uma disciplina da pós-graduação disparada pela professora Sônia Claretto.

o que pode a arte-imagem cinematográfica na produção de uma escrita acadêmica?

O filme não acontece... não como um desejo que move um corpo-pesquisador com sua pesquisa em educação

as imagens entram no jogo de composição. traçam linhas de escrita. linhas que desenham o mapa desta pesquisa. de uma dissertação que se produz entre afetos, conceitos, desejos, riscos, fugas, rabiscos, teias, rastros, agenciamentos, sombras, gravetos, retornos, pistas, intensidades, atravessamentos... experimentação. cinema. educação. vida. dimensões crescem e mudam os modos de produção de uma pesquisa. aumentam suas conexões. alice<sup>1</sup> cresce e diminui. acontecimento. deambular. criar um estilo. seguir com o mesmo mapa?

um deslocamento entre territórios de passagem abre fissuras. experimentação. maquinação. educação. engrenagem. mesmo funcionamento. outro funcionamento. movimento. mesma direção. outra direção. retorno. produção. diferença. alice<sup>2</sup> cresce e diminui. puro devir...

dispositivo dobra a pesquisa. câmera toma, arromba, violenta corpos e pensamentos...

---

<sup>1</sup> lewis carroll, alice no país das maravilhas, 2002

<sup>2</sup> lewis carroll, alice no país das maravilhas, 2002

as três características da de literatura uma educação menor são

a desterritorialização da língua educação,

a ligação do indivíduo no imediato político,

o agenciamento coletivo de enunciação.

é o mesmo que dizer que “menor” não qualifica mais certas literaturas formas de educação, mas as

condições revolucionárias de toda literatura educação no seio daquela que se chama grande (ou estabelecida)...

com deleuze e guattari, 1997.

na educação operando em modo maior falta tempo para o efêmero, falta espaço para o mínimo. tudo é preenchido, sem deixar brechas. tudo tem que se passar como *deve* ser, como *deve* acontecer. tudo precisa caber nas planilhas, tudo precisa ser passível de ser enunciado em índices, tudo precisa ser passível de ser medido e metrificado.

gallo, 2014, p. 27

lentes revelam que por baixo da superfície da instituição escolar há entre outra mundo educação. há outros mundos modos de compor com a educação. muitos mundos modos<sup>3</sup>.

educação da multiplicidade, do efêmero, do pequeno, do banal, do mínimo, do menor... exercício de experimentação. criação de uma educação.

questões produzem abalos. racham um plano. tiram um corpo-professor-pesquisador do seu território. desterritorialização. sem-lugar. lança um corpo para fora do plano da representação. acontecimento.

questões fabricadas atravessam uma pesquisa em educação. pontos se desfazem em linhas de intensidade.

qual a potência do mínimo na educação? que afetos e efeitos o menor produz na educação?

que fugas, que escapes ele promove? que educação? que formação? que

produção de vida? que modos de existir? não teremos perdido a sensibilidade, a capacidade de nos estranharmos com tudo aquilo que é cotidiano, comum, ordinário, pequeno, banal,

mínimo, menor na educação?<sup>4</sup>

maior e menor podem se opor, em algumas circunstâncias; o maior pode de vir menor e o menor pode ser capturado, tornando-se maior; mas ambos também podem simplesmente não se encontrar, operando em modos distintos e em níveis distintos, ao mesmo tempo, sem qualquer comunicação.

gallo, 2014, p. 24

<sup>3</sup> com silvio gallo, 2014, p. 28

<sup>4</sup> com silvio gallo, 2014, p. 20

questões e questões e movimento. aqui, as palavras plano representacional do que experimentação da pesquisa. sequencial e cronológica dos que busca, nesta pesquisa, orientação, um caminho – com educação. esse, pode vir a mesmo dizer que isto não é palavras reivindicam um com o fluxo da pesquisa, fugas... traçar neste plano, experimentada entre e <sup>diminui</sup>... nesse movimento, o que algumas coisas ficam para em conexão e se a leitura começa a se refazer...

Maior e Menor não dizem de grandezas, Mas de formas de ação. o Maior está regulamentado àquilo que é regulamentado, organizado e, portanto, reconhecido. o Menor está regulamentado como desregulado, como fluxos livres, como invenção a todo tempo, sem ter de prestar contas. no primeiro caso, não se trata de dizer que não haja criação; Mas ela só pode ser feita dentro dos contornos que já estão preestabelecidos. rompimentos são possíveis, claro, Mas eles são logo reordenados, de modo a compor um novo cânone. no segundo caso, a errância implícita uma criação selvagem, que não segue regras, que está para a Lenda.

Galvão, Sílvio, 2014, p. 24

questões e e e... maquinaria em não buscam aproximações com o se passa junto ao campo de tampouco segue uma lógica acontecimentos. pode haver aquele uma leitura que trace uma início, meio e fim – para a desconfiar desta produção ou até pesquisa. para tal sujeito, as lugar. aqui, trata-se de compor linhas de afetos, desejos, um rascunho da cartografia territórios de passagem. alice<sup>5</sup> cresce está no caminho é arrastado. trás, outras se desviam, entram metamorfoseiam. travessia...

efeitos de uma pesquisa que se arrisca em um método (n-1)  
um método perigoso?

---

<sup>5</sup> Lewis Carroll, Alice no País das Maravilhas, 2002



Ddioniso-touro é a afirmação pura e múltipla, a verdadeira afirmação, a vontade afirmativa; ele nada carrega, não se encarrega de nada, mas alivia tudo o que vive. Ssabe fazer aquilo que o homem superior não sabe: rir, brincar, dançar, isto é, afirmar. Ele é o Lleve, que não se reconhece no homem, sobretudo no homem superior ou no herói sublime, mas só no além-do-homem, no além-do-herói, em outra coisa que não o homem.

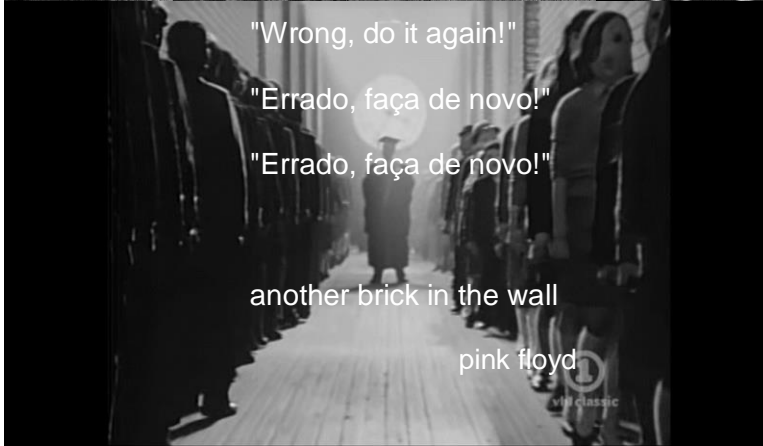
deleuze

Mmistério de Ariadne segundo Nietzsche.

[https://www.fe.unicamp.br/dis/transversal/rizomas/MISTERIO\\_DE\\_ARIADNE\\_SEGUNDO\\_NIETZSCHE.pdf](https://www.fe.unicamp.br/dis/transversal/rizomas/MISTERIO_DE_ARIADNE_SEGUNDO_NIETZSCHE.pdf)



"Wrong, do it again!"



"Wrong, do it again!"

"Errado, faça de novo!"

"Errado, faça de novo!"

another brick in the wall

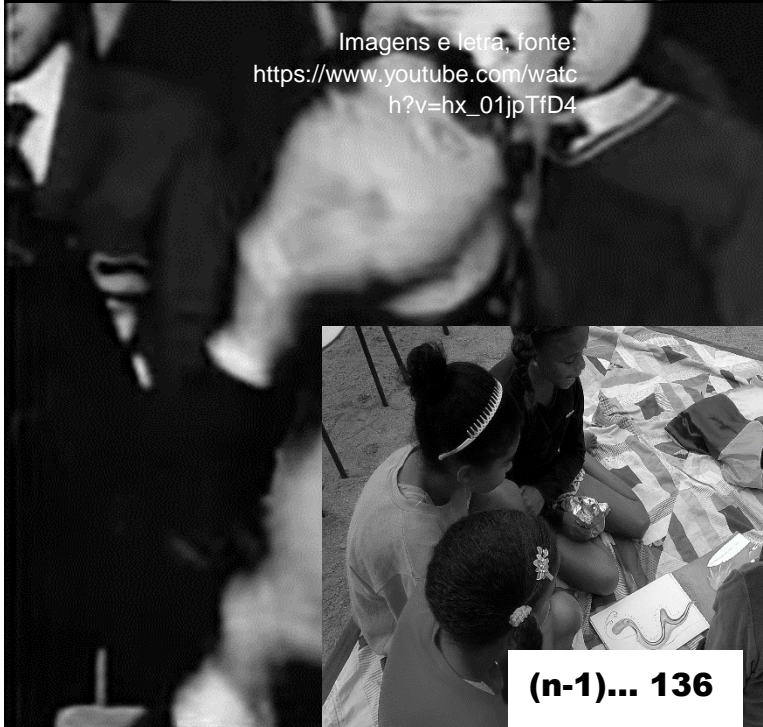
pink floyd

VH Classic

Imagens e letra, fonte:  
[https://www.youtube.com/watch?v=hx\\_01jpTfD4](https://www.youtube.com/watch?v=hx_01jpTfD4)



Não queremos que controlem nossos pensamentos



(n-1)... 136



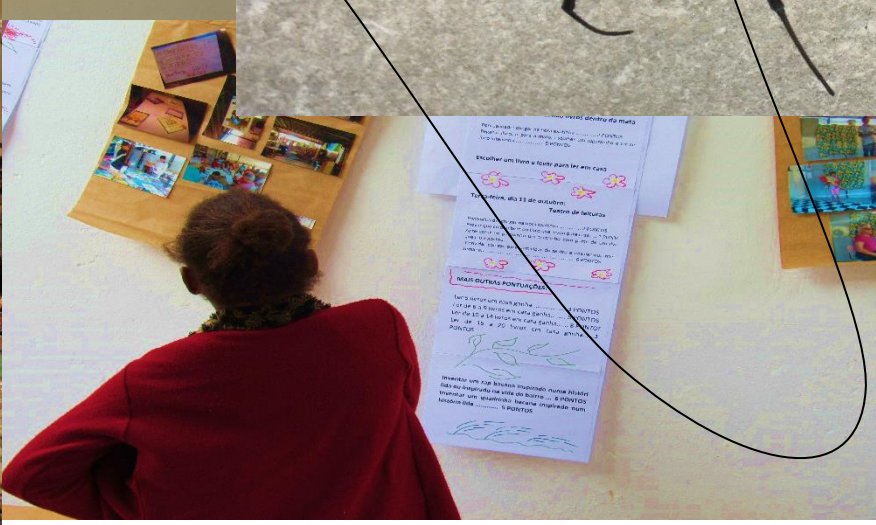
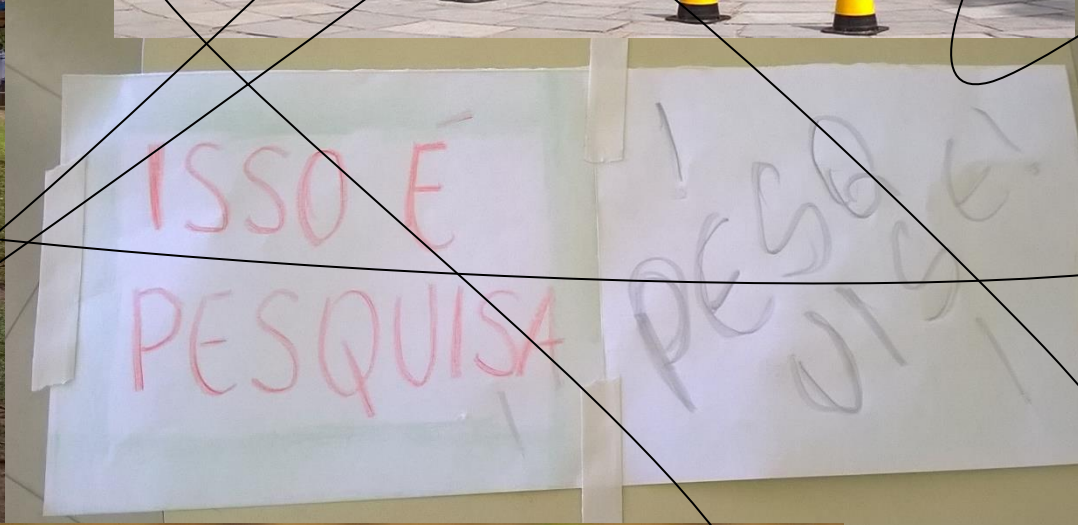
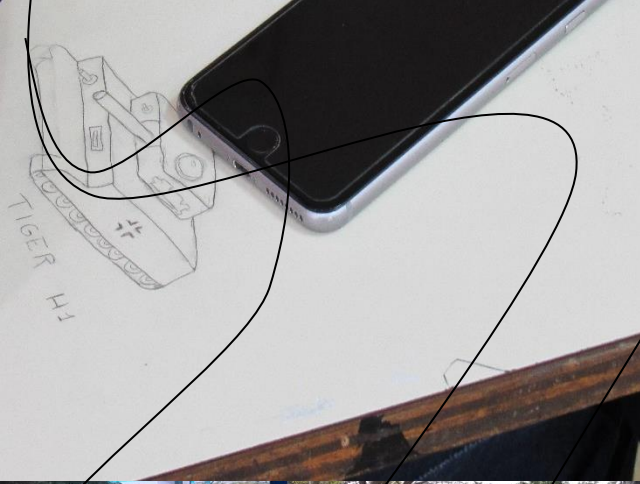
U  
N  
E  
R  
S  
I  
T  
A  
D  
E  
F  
E  
R  
R  
A  
D  
A  
S  
C  
I  
P  
I  
A  
S



# ONDE VIVEM OS MONSTROS?

*Where the Wild Things Are*<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Filme estadunidense (2010) dirigido por Spike Jonze.



## CENA 01 – ONDE VIVEM OS MONSTROS?

É noite, Max vai para seu quarto sem saborear o jantar que sua mãe acabara de preparar. Ali, naquele lugar, onde paredes e porta o separa do restante da casa, mundos são criados e o menino se aventura em uma intensa e perigosa viagem. Atravessa mares, enfrenta tempestades, corta o frio, desvia do calor, desafia leis, destrói muros e segue seu curso. Com um pequeno barco, experimenta a vida. Um barco? Vários barcos... Entre o que virou e o que quebrou, Max dribla a fome e distrai seu estômago velejando. A favor e contra o vento, no barco que ainda lhe é fiel. Em um caminho desconhecido, sem bússola, ele cria mapas. Seus contornos são produzidos em velocidades e ritmos diferentes. Por vezes, sendo modificados. Um rascunho cartográfico traçado com riscos, rabiscos, pequenos feixes de desejos, perguntas, sonhos, ideias, conceitos, imagens, vídeos... Max cria um método para o próprio caminhar. Um método com um caminho para o entre. Cria um estilo. Em um plano, linhas de conexão, de multiplicidade, de ruptura, de cartografia... linhas de devir desenham caminhos.

Uma linha de devir só tem meio

Um método perigoso?

As coisas se misturam e se conectam

Impossível seguir com o mesmo mapa!

Ecos...

Max conversa com os sons que se multiplicam no abismo

É preciso produzir outros mapas ou modificar o já existente, criando outras linhas  
O desenho do mapa perde suas linhas de intensidade com o tempo

A conversa insiste...

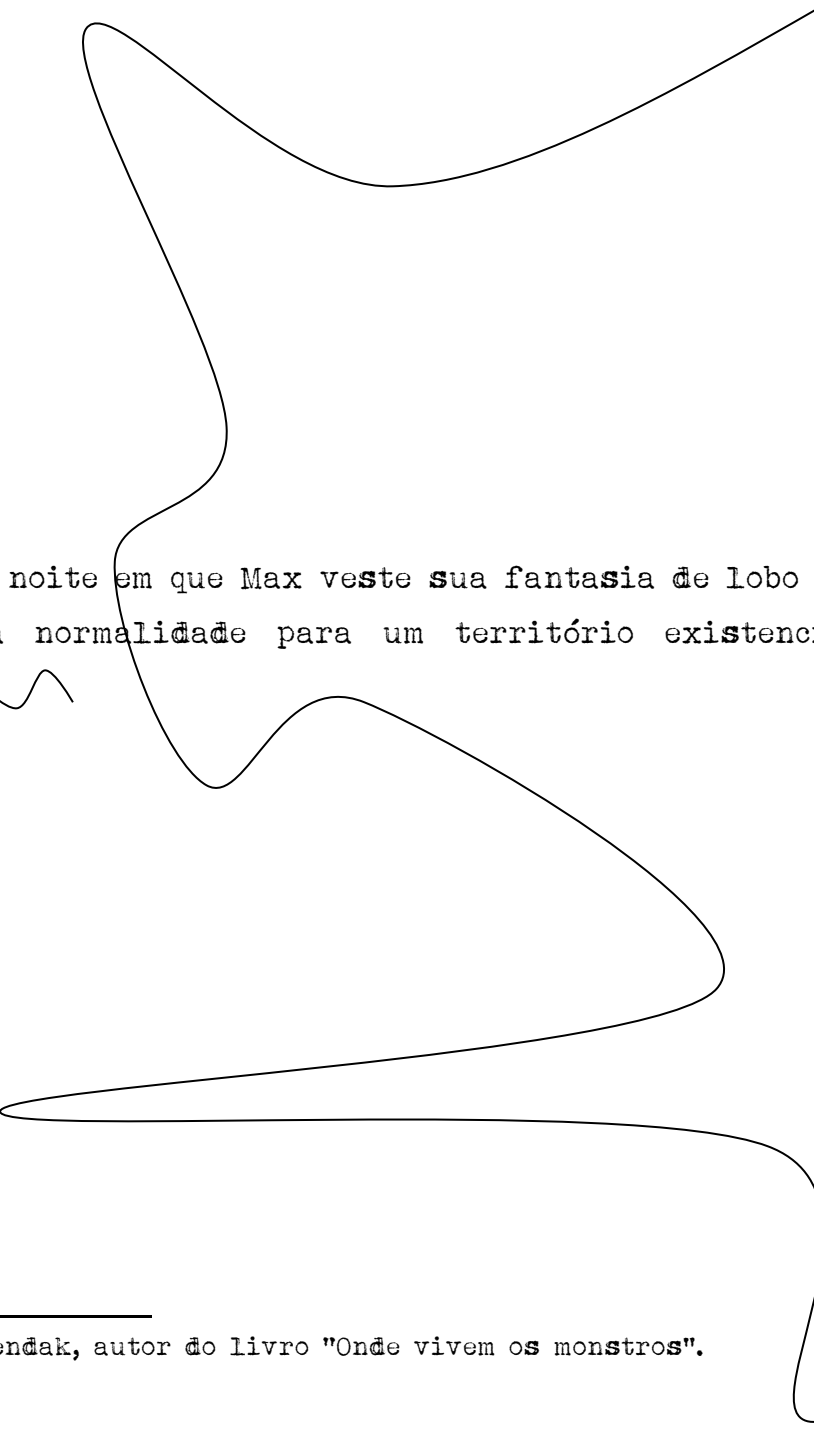
Já cansado, entre recuos, paradas, caminhadas... Max tenta fixar território. Seu sétimo barco quebra perto de um vale e o lança para um lugar que abriga um mutirão de vidas. Um vale verde que se esconde entre montanhas e matas. Um labirinto selvagem, sem-entrada, sem-saída. O som dos lobos quebra o silêncio daquela noite de Lua Cheia. A alcateia se reúne. Hora da caça! Pela diversidade dos uivos, Max desconfia que se trata de muitos lobos. Assustado, tenta voltar. Para sua surpresa, o caminho de volta se revela outro. Sem rumo, fica ali, sentado, pensando...

A perda momentânea de rumo não é necessariamente indício de inconsistência...

Criação de outras linhas

Ecos...

Max passa a noite ao relento. Depois de um repouso congelante, o menino sente seu corpo se aquecer e desperta enrolado em uma manta branca, bordada, fio a fio, por uma aranha. Esse pequeno animal, em um processo de singularização, tece, retece, compõe, sem cansaço, sua arte. Max, com cuidado, tenta se levantar. A aranha sente uma vibração no canto de sua teia e se movimenta. Força. Resistência. Experimentação. Aberturas e passagens se desdobram em múltiplos exercícios de reinvenções de mundos e modos de existir. Produção de outras formas de afirmação da vida. Antes de seguir viagem, Max tira as vestes, experimenta outras, fica nu, sente as vibrações das ondas de intensidade atravessar seu corpo em afetos e desejos e devires. O que está em jogo é o viver. Ele se lança ao exercício de experimentação. Sua câmera captura cenas que escapam ao seu olhar. Provoca estranhamentos. Max deseja cartografar as produções de vida que se reinventam no vale. Capturar os efeitos que se produzem com os encontros. Um mapa intensivo de uma viagem experimentada no mesmo e em outros territórios. Nesses movimentos de idas e vindas, Max percorre caminhos tomados por ondulações. Caminhos estriados que não lhe dá possibilidades de atalhos, obrigando-o a seguir um único caminho, o do horizonte. Max passa por terrenos lisos, onde a variação é contínua. As múltiplas possibilidades de passagens o faz delirar e se perder no meio da floresta. Esse movimento circular se abre em fugas, mesmo com os perigos que ele implica: tornar-se linhas de morte. Max inventa e reinventa caminhos. Produz dobras no tempo. Cria um estilo de vida em potências e devires. Entre o conforto do seu quarto e territórios desconhecidos, atravessa, é atravessado e se deixa atravessar pelas intensidades que movem um corpo em desejos. Acontecimento. Puro devir...



Tudo **isso** na noite em que Max veste sua fantasia de lobo e resolve fazer bagunça... uma atrás da outra, arrastando a normalidade para um território existencial entre metamorfoses, travessuras e travessias

onde vivem os monstros<sup>2</sup>...

---

<sup>2</sup> Com Maurice Sendak, autor do livro "Onde vivem os monstros".



# ONDE FICA A CASA DO MEU AMIGO?

*khaneh-ye dust kojast?*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Filme iraniano (1987) dirigido por Abbas Kiarostami.



**HORÁCIO:** Mas, senhor, e se ele o arrastar para o oceano,

*Ou pro cume apavorante dessa rocha*

*Que avança pelas ondas e aí,*

*Assumindo uma outra forma mais horrível,*

*Privá-lo do império da razão*

*E precipitá-lo na loucura? Pensa nisso;*

*O próprio local – não precisa outro motivo –*

*Traz vertigens insensatas*

*Só de olhar o mar que estoura*

*No precipício lá embaixo*

SHAKESPEARE, 2015, p. 22

### CENA 30 – ONDE FICA A CASA DO MEU AMIGO?

**HAMLET:** É o que vão me explicar. Mas suplico seriamente, pelos compromissos de nossa camaradagem, pelos laços de nossa juventude, pelas obrigações de uma amizade nunca interrompida e por tudo que um negociador mais hábil do que eu pudesse lembrar: sejam francos, sem rodeios. Foram ou não foram chamados? SHAKESPEARE, 2015, p. 41

ALVARENGA, N. A. *O afeto em deleuze: o regime cristalino e o processo afetivo da imagem-tempo no cinema*. Disponível em: < file:///C:/Users/USUARIO/Desktop/2911-13153-1-PB.pdf >. Acesso em: 10 nov. 2015. Publicação: 2012.

\_\_\_\_\_. Imagens do cinema e cultura digital. In: FREITAS, M. T. de A. (Org). *Escola, tecnologias digitais e cinema*. Juiz de Fora: UFJF, 2011. p. 83 – 94.

ALVARENGA, N. A.; LIMA, M. X. *A “volta do real” e as formas do realismo no cinema contemporâneo: o trauma em Caché e A fita branca; o abjeto em Anticristo; o banal em Mutum*. Porto Alegre, v.16, n. 2, p. 267-281, 2010. Disponível em < seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/15948/10441 >. Acesso em: 20 dez. 2016.

ARTAUD, A. *O teatro e seu duplo*. São Paulo: M. Limonad, 1984.

\_\_\_\_\_. Van Gogh, O suicidado pela sociedade. 2 ed. Rio de Janeiro: Achiamé, S/d.

AGAMBEN, G. \_\_\_\_\_. *La potenza del pensiero: saggi e conferenze*. Vicenza: Neri Pozza, 2005.

AGAMBEN, Giorgio. Form-of-life. In: AGAMBEN, Giorgio; BINETTI, Vincenzo. *Means without end: notes on politics*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000a. P. 3-12.

BARTHES, R. *O Prazer do Texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987, pp.82-83 [ Tradução de J. Guinburg].

\_\_\_\_\_. *Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos: cursos e seminários no Collège de France, 1976/1977*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAZIN, A. *O que é o cinema?* Tradução Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2014.

CARROL, L. *Alice no país das maravilhas*. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2002.

CARVALHO, F. *EDUCAÇÃO ARTE PROFESSOR ARTISTA*. Juiz de Fora: UFJF, 2015. 499 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015. Disponível em: <<http://1drv.ms/1MDRE6b>>. Acesso em: 07 nov. 2015.

CLARETO, S. M. *Terceiras margens: um estudo etnomatemático de espacialidades em Laranjal do Jari (Amapá)*. Rio Claro: UNESP, 2003. 254 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

CLARETO, S. M.; ROTONDO, M. A. S. *Pesquisar: inventar mundos com Educação Matemática*. *Perspectivas da Educação Matemática*, v. 8, p. 671-686, 2015.

COUTO, M. A infinita fiadeira. In:\_\_\_\_\_. *O fio das missangas*. Disponível em: <http://www.carlaportugues.com.br/site/wp-content/uploads/2013/03/COUTO-Mia-O-Fio-das-missangas.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2017.

DELEUZE, G. *Imanência: uma vida*. 2016. Disponível em: <[http://www2.unifesp.br/revistas/limiar/pdf-nr4/10\\_Gilles-Deleuze\\_Imanencia-uma-vida\\_trad-Sandro-Fornazari\\_Limiar\\_vol-2\\_nr-4\\_2sem-2015.pdf](http://www2.unifesp.br/revistas/limiar/pdf-nr4/10_Gilles-Deleuze_Imanencia-uma-vida_trad-Sandro-Fornazari_Limiar_vol-2_nr-4_2sem-2015.pdf)>. Acesso em: 15 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. O pensamento e o cinema. In:\_\_\_\_\_. *A Imagem-Tempo*. Tradução de Eloisa de Araujo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2013. pp. 189 - 226.

\_\_\_\_\_. *Lógica do Sentido*. 5ª ed.. São Paulo, editora Perspectiva, 2011.

\_\_\_\_\_. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

\_\_\_\_\_. *¿Que es un dispositivo?* In: *Michel Foucault, filósofo*. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161.

\_\_\_\_\_. *Diferença e repetição*. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

\_\_\_\_\_. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. O que é a Filosofia? Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol.5. Tradução Peter Pál Perbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto et al. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol.1. Tradução de Aurélio Guerra Neto et al. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

\_\_\_\_\_. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

FIGLIARESE, F. Muitos cinemas. In: MOGRABI, G. J. C.; REIS, C. M. D. da R. (Orgs.). *Cinema, Literatura e Filosofia: interfaces semióticas*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

FOUCAULT, M. (1995a) Sobre a genealogia da ética. Uma revisão do trabalho. In: Rabinow, Paul; Dreyfus, Hubert. *Michel Foucault. Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

GALLO, S. mínimo múltiplo comum. In: RIBETTO, A. (Org.). *políticas, poéticas e práticas pedagógicas (com minúsculas)*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2014. p. 20 – 33.

\_\_\_\_\_. *Deleuze e a Educação*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

KASTRUP, V; BARROS, R.B. Movimentos-funções no dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (org). *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 76-91.

LACERDA, N. *Manual de Tapeçaria*. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

LARA, T. A. *Educação: conflitos, tarefa, desafio, perguntação, ética, subjetivação, vida, cultura, aprendizagem, alegria*. Juiz de Fora: Gryphon Edições, 2016.

LEITE, M. V. Como corpo lançado em sala de aula tornou-se patas ao chão, língua ao vento: cartas, passeios e pele em aulas de Filosofia. Juiz de Fora: UFJF, 2015. 414 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

MAGLIONI, S.; THOMSON, G. facts of life: uma partitura de fabulações. In: AMORIM, A. C.; MARQUES, D.; DIAS, S. O. (Orgs). *Conexões: Deleuze e Vida e Fabulação e...* Campinas: ALB, 2011. p. 173 – 191.

VEIGA, A. L. V. S. da. *Fiar a Escrita*: Políticas de narratividade – exercícios e experimentações entre arte-manual e escrita acadêmica. Um modo de existir em educação inspirado em um antroposofia da imanência. Juiz de Fora: UFJF, 2015. 552 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

PASSOS, E; BARROS, R.B. *Pistas do método da cartografia*: pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PIRES, A.M.G.D. Metodologia do devir. In: *Verbo Divino: letras/Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – Programa de Pós Graduação*. CES/JF, Juiz de Fora, v. 5, n. 9, p. 169–179. 2006.

RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34, 2009.

RIBETTO, A. *Experimentar a pesquisa em educação e ensaiar a sua escrita*. Rio de Janeiro: UFF, 2009. 130 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.

ROLNIK, S. *A Hora da Micropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2015.

ROSA, J. G. *Grande Sertão*: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ROTONDO, M. A. S. *O que pode uma escola?* Cartografias de uma escola do interior brasileiro. Rio Claro: UNESP, 2010. 159 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2010.

SHAKESPEARE, W. *Hamlet*. Tradução de Millôr Fernandes. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/millor/teatro/download.htm#hamlet>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

TARKOVSKI, A. *Esculpir o Tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VASCONCELLOS, J. *A filosofia e seus intercessores: Deleuze e a não-filosofia*. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n93/27276.pdf>>. Acesso em: 11 dez. 2015.

## Trilha sonora

ANTUNES, A. *Que me continua*. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/arnaldo-antunes/que-me-continua.html>>. Acesso em: abril 2016.

BALEIRO, Z. *Flor da pele*. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/zeca-baleiro/49383/>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

BELCHIOR, A. C. *Máquina I*. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/belchior/1060057/>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

BUARQUE, C. *O que será*. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/chico-buarque/1217237/>>. Acesso em: 11 fev. 2016.

FLOYD, P. *Another Brick In The Wall*. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=hx\\_01jpTfD4](https://www.youtube.com/watch?v=hx_01jpTfD4)>. Acesso em: 02 dez. 2016.

GESSINGER, H. *A ponte para o dia*. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/humberto-gessinger/a-ponte-para-o-dia/>>. Acesso em: 23 out. 2015.

GUEDES, B. *Sol de primavera*. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/beto-guedes/44548/>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

LENINE, O. *Paciência*. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/lenine/47001/>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

RAMALHO, Z. *É praticando na vida que muito vai aprender*. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/ze-ramalho/122538/>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

REIS, N; ANTUNES, A. *Mantra*. Disponível em: <<https://www.letras.com/nando-reis/96641/>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

## Composição

Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Faculdade de Educação - FACED/UFJF

Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFJF

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES

Travessia Grupo de Pesquisa - NEC/UFJF

Mutirão da Meninada do Vale Verde - JF

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Margareth Aparecida Sacramento Rotondo - FACED/UFJF

Mestranda Maria Paula Pinto dos Santos Belcavello - FACED/UFJF

Prof. Dr. Nilson Assunção Alvarenga - FACOM/UFJF

Prof. Dr. Silvio Donizetti de Oliveira Gallo - FE/UNICAMP

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Sônia Maria Clareto - FACED/UFJF

Prof. Dr. Anderson Ferrari - FACED/UFJF

Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes - FACED/UFJF

Prof. Dr. Roger Miarka – IGCE/UNESP

e e e...



Roubar, capturar, cartografar...

Fios de afetos atravessam e arrastam um corpo-pesquisador  
nesse exercício desafiador que é pesquisar com as vidas que se reinventam no vale.

Experimentar modos outros de se produzir vida  
em um território marginal.

Compor uma educação que se faz  
com as vibrações que se produzem no *entre*,  
nessa distância  
cinema-pensamento-vida.

Ocupar-se com os efeitos que isso produz, deixar-se ocupar e e...

Corpo lançado à experimentação.....

Ponto teia de aranha

*A aranha tece, sem cansaço, seu enredo.  
O susto no jardim foi imenso quando,  
tesoura de podar nas mãos, a mulher  
se viu envolvida e desatada nos fios  
suspensos entre folhas.*

*A aranha, em seus bordados,  
só ardis...*

*Manual de Tapeçaria*

*Nilma Lacerda*

*2006, p. 21*

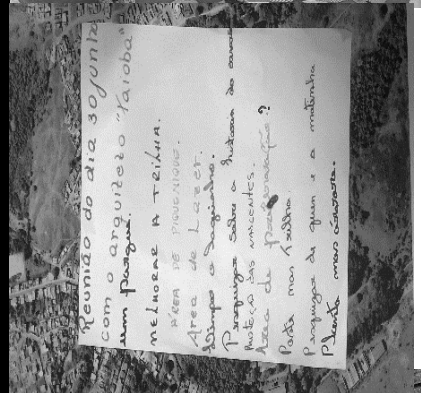


Se ando cheio  
Me dilua  
Se estou no meio  
Conclua  
Se perco o freio  
Me obstrua  
Se me arruinei  
Reconstrua

Se sou um fruto  
Me roa  
Se viro um muro  
Me rua  
Se te machuco  
Me doa  
Se sou o futuro  
Evolua

Você  
Que me continua  
(...)

Se eu não cresce  
Me destrua  
Se obcecar  
Me distraia  
Se me ganhar  
Distribua  
Se me perder  
Subtraia



Se estou no céu  
Me abençoe  
Se eu sou seu  
Me possua  
Se dou um duro  
Me sue  
Se sou tão puro polua

Você  
Que me continua  
(...)

Se sou voraz  
Me sacie  
Se for demais  
Atenua  
Se fico atrás  
Assobie  
Se estou em paz  
Tumultue

Se eu agonio  
Me alivie  
Se me entedio  
Me dê rua  
Se te bloqueio  
Desvie  
Se dou recheio  
Usufrua

Você...



(n-1)...

*Que me continua (...)*<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Arnaldo Antunes



O barulho do despertador interrompe um sonho performático e aéreo. A manhã invade o quarto colocando um corpo velho e cansado para fora da cama. Todos os dias... a mesma coisa. No trabalho, comemoração pelos trinta anos de dedicação a uma atividade que ganhava vida própria pelo automatismo de suas ações. A previsibilidade dos movimentos cotidianos retirava, aos poucos, sua potência de vida. No silêncio, algumas palavras em um pedaço de papel saltaram aos seus olhos. E com elas, um desejo... Produção de vida potente! Desejo de estranhamento. Uma Guida, várias guidas. Uma modelo sem Modelo. Multiplicidade!

travessia

